LOUD!

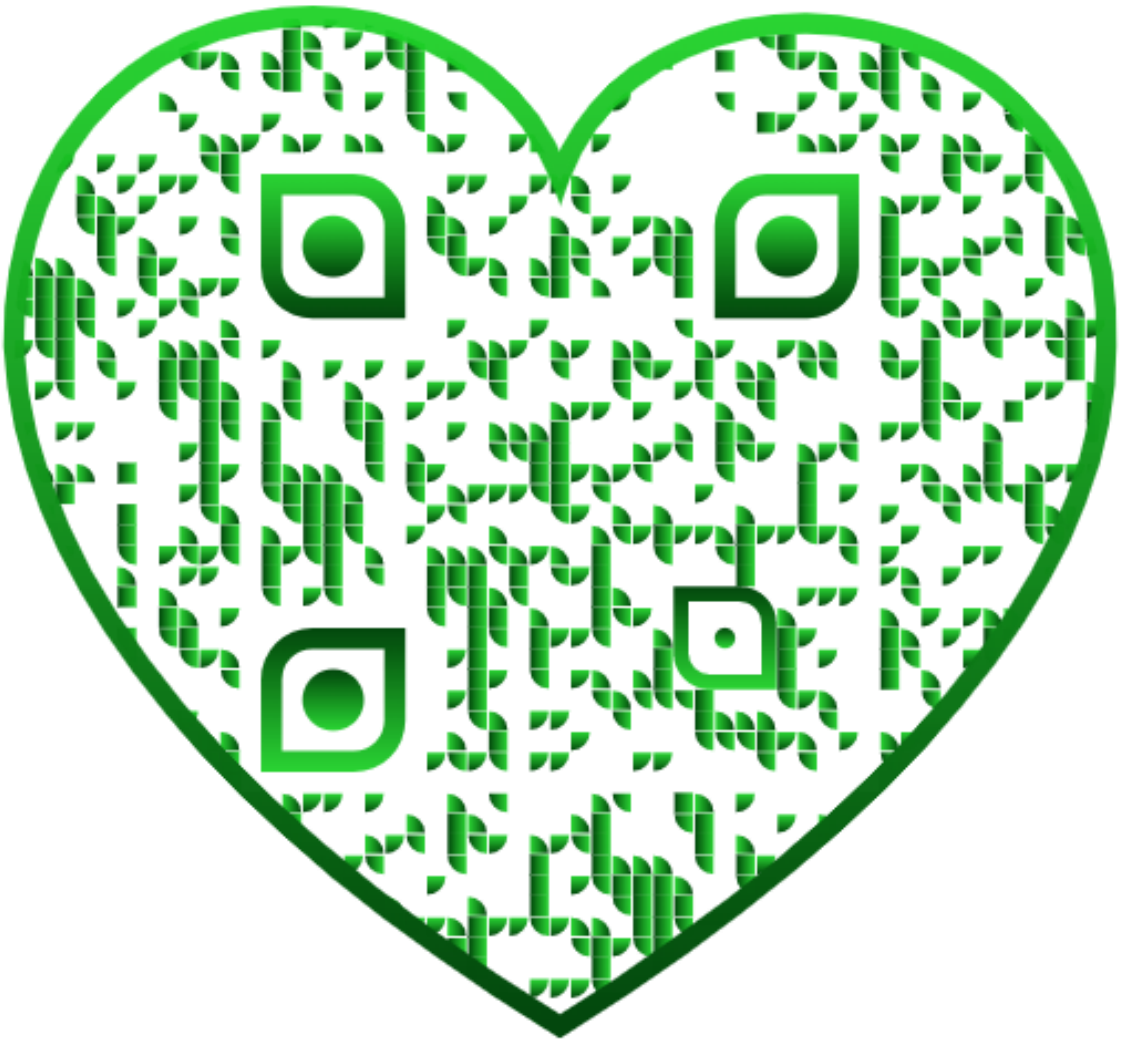
MAGAZINE

MENSAL
ANO XIX
N.º 199
10/2017
€3.50
[CONT.]

AMENRA

LUZ E ESCURIDÃO

GRAVE PLEASURES SAMAEL IRON MONKEY ENSLAVED
KADAVAR NICKE ANDERSSON PROCESS OF GUILT



"ENSLAVED stands for epic experiment once again: extreme but eclectic, energy and elegance all over at the same time. This is a record that leaves you in awe! Superior blend of progressive and harsh metal."
ROCK TRIBUNE (B)

Enslaved

HEIMDAL

CD-DIGIPAK (INCL. 2 BONUS TRACKS) | 2LP IN GATEFOLD | DOWNLOAD - IN STORES **13.10.**
DIGITALE SINGLE "STORM SON" AVAILABLE

"You have to be mentally insane to not love this album."
Tuomas Holopainen | NIGHTWISH

"Hit after hit after hit
- witness the birth of a new power metal force!"
ROCK IT! (GER)

BEAST IN BLACK
berserker

CD-DIGIPAK (INCL. 2 BONUS TRACKS)
LP IN GATEFOLD | DOWNLOAD
IN STORES **03.11.**

CHECK OUT!
OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE
More than 30000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Posters, DVDs... order free at:
Nuclear Blast - Oeschstrasse 40 - D-73072 Donzdorf - Germany
Tel. +49 (0) 7162-928026 - Fax +49 (0) 7162-24554 - email: mailorder@nuclearblast.de

compact records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:
WWW.NUCLEARBLAST.DE
WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!
Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!

Prime ARTISTS

PRIME ARTISTS & PEV ENTERTAINMENT APRESENTAM

ALTER BRIDGE

SPECIAL GUESTS

AS LIONS

29 OUTUBRO

COLISEU DOS RECREIOS

LISBOA

PEVENTERTAINMENT

BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS
BILHETEIRA ONLINE (WWW.BOL.PT). ESPANHA: MASQUETICKET (WWW.MASQUETICKET.COM).

PHOTO: CRISTEL BROUWER

M/6

FEAT FIRST MANAGEMENT + CONTRA PROMOTION PRESENT

EPICA

ANNEKE VAN GIERSBERGEN'S VUUR

MYRATH

21 NOV. › MEO ARENA (SALA TEJO) **› LISBOA**
22 NOV. › HARD CLUB › PORTO

TICKETS AND VIP AVAILABLE AT EPICA.NL

»TICKETLINE LOUD!

GRAVEYARD

FEN-FIRE TOUR 2017

»TICKETLINE LOUD!

25 NOV - LISBOA AO VIVO

BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS
TICKETLINE (1820 - WWW.TICKETLINE.PT). ESPANHA: MASQUETICKET (WWW.MASQUETICKET.COM).

M/6

AN EVENING WITH

STEVEN WILSON

TO THE BONE TOUR

31.01.2018 Meo Arena - Sala Tejo

STEVENWILSONHQ.COM

NEW ALBUM **TO THE BONE** RELEASED AUGUST 2017

BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS
www.primeartists.eu | fb.com/primeartists

Prime ARTISTS

EDITORIAL

TODAS AS COISAS PEQUENAS

O mais certo é que, por esta altura, já tenham reparado que, ciclicamente, tendem a surgir focos de produção musical muitíssimo fortes à margem das "grandes potências". Que o Reino Unido ou os Estados Unidos tenham as suas "cenas" estabelecidas e cuspam bandas a rodos, já não é propriamente estranho, mas perceber que se passa algo muito semelhante num país como a Bélgica – que, até há bem pouco tempo, não tinha grande tradição no que às sonoridades mais pesadas diz respeito – já nos faz pensar duas ou três vezes. O enigma não é propriamente complicado de desvendar, sobretudo se atentarmos à popularidade de que gozam actualmente as estrelas de capa desta edição #199 da LOUD!. Quando se mostraram com a estreia «Mass I: Prayer I-VI», os Amenra germinaram de forma muito inteligente o embrião que, incubado, nos anos seguintes, deu origem à Church Of Ra. Um colectivo de músicos, grupo de bandas, que andam todas à volta dos mesmos elementos, mas que têm tido um impacto muito significativo a nível internacional.

Muito se tem também falado ultimamente no underground do fervoroso movimento black metal islandês – e, sem ser a última Coca-Cola do deserto, há por ali muita coisa interessante a descobrir. E esse é só um dos mais recentes casos semelhantes ao dos belgas, que se espera tenha repercussão por esse mundo fora. Pois bem, aparentemente a suposta "cena inslandesa" é tão pequena que, feita a contabilidade – pelo O., vocalista dos Mannveira e Wormlust – serão umas "trinta pessoas a movimentar-se em cerca de vinte bandas". À rivalidade amigável, ao despique que faz um movimento crescer, há a juntar a facilidade de fazer digressões, o intercâmbio de contactos, o fortalecer da unidade. Bem vistas as coisas, é muito mais fácil oferecer um pacote com mais que um nome e, com voos para seis ou sete pessoas, o promotor garante três bandas de uma assentada.

Vendo a coisa de fora, parece uma cena grande. Mas não é. Nestes casos são só uns quantos músicos a rebentar pelas costuras de talento. Não estranhamente, porque há décadas que o pessoal do rock e da música extrema gosta de se envolver em projectos paralelos e colaborações, a efervescência do actual movimento belga em geral, e o da Church Of Ra em particular, deve-se, quase única e exclusivamente, a um núcleo duro, muitíssimo reduzido, de gente. Este é, de resto, um fenómeno do séc. XXI, impulsionado pelo incremento técnico que nos deu fácil acesso a programas de gravação, às facilidades de edição, às plataformas digitais de divulgação e a tudo aquilo que, nos 80s e 90s, parecia um bicho de sete cabeças. Hoje é, mais que nunca, fácil criar uma "cena". Mas é possível que tudo isto venha de apenas seis ou sete pessoas? Aparentemente, sim.

Mais que um projecto, mais que uma banda, os Amenra são muito mais plural que singular; o proverbial conjunto a fazer força para materializar uma visão que parece ser comum a todos os envolvidos, sem excepção. O resultado, dos Oathbreaker aos The Black Heart Rebellion, dos Syndrome aos Kingdom, passando pelos Wiegedood, Absent In Body, Treha Sektori, CHVE ou à banda-mãe, é todo um mundo de peso invulgar pronto a ser descoberto. Olhando para as formações dos projectos mencionados é fácil perceber que toda a tendência, com cada "macaco no seu galho", anda à volta de seis ou sete músicos, que saltitam de grupo em grupo, de projecto paralelo em projecto paralelo. Bem-vindos a um universo onde não há concepções de barreiras estilísticas, do black metal à neofolk obscura e ao drone experimental, tudo irrepreensível e feito sempre com identidade própria.

José Miguel Rodrigues

LOUD!

N.º 199 / OUTUBRO 2017

LOUD!
Rua Carlos Mardel, 32 . 3º Esquerdo
1900-122 Lisboa
Tel. 218075103

E-mail
[geral@loudmagazine.net]

WEBSITE
[www.loudmagazine.net]

FACEBOOK
[www.facebook.com/loudmagazine.net]

ASSINATURAS
[assinaturas@loudmagazine.net]

PUBLICIDADE
[ads@loudmagazine.net]

PUBLICAÇÃO MENSAL
ISSN: 087-9531
DEPÓSITO LEGAL: 152667/00

Registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social sob o n.º 126774

TIRAGEM
15.000 exemplares

PROPRIEDADE
Pessoal do 13 - Publicações, Lda.
NIF: 510172342

DIRECTOR
José Miguel Rodrigues
[jmr@loudmagazine.net]

CHEFE DE REDACÇÃO
José Carlos Santos
[jcs@loudmagazine.net]

COLABORADORES
Ana F. Carvalho, Carlos Guimarães, Emanuel Ferreira, José Almeida Ribeiro, Luís Pires, Luís Rattus, Nelson Santos [ns@loudmagazine.net], Pedro Pedra, Ricardo Agostinho, Ricardo S. Amorim

FOTOGRAFIA
Catarina Torres, Jorge Botas, Pedro Almeida, Pedro Roque.
Foto de capa: Stephan Vanfleteren

DESIGN
Joaquim Pedro

ILUSTRAÇÕES
Amadeu Sousa, André Coelho, Bela Hilário, Bruno Guerreiro, João Maio Pinto, José Baetas, Stebba Ósk, Pedro Silva

DEPARTAMENTO FINANCEIRO
Bernardo Serralha [bernardo.serralha@loudmagazine.net], Pedro Oliveira [pedro.oliveira@loudmagazine.net]

DEPARTAMENTO MULTIMEDIA
Daniel Marujo
[daniel.marujo@loudmagazine.net]

WEBDEVELOPER
Marco Morais
[marco.morais@gmail.com]

IMPRESSÃO
Jorge Fernandes, Lda.

DISTRIBUIÇÃO
VASP

A LOUD! escreve de acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE

6 **NOTÍCIAS**
8 **STUDIO REPORT** SINISTRO
10 **STUDIO REPORT** REDEMPTUS
12 AFFÄIRE
13 NEON ANIMAL
14 NICKE ANDERSSON
18 GRAVE PLEASURES
20 ENSLAVED
22 **ASSINATURAS**
24 **LOUD! DJ** DECAYED
26 BRANT BJORK
28 HOURSWILL
30 KADAVAR
32 THE BLACK DAHLIA MURDER
34 AMENRA
40 PROCESS OF GUILT
42 IRON MONKEY
44 SAMAEL
46 ALTARAGE
48 DISCOS
59 **TESOURINHO PERTINENTE** DAMNATION
60 NUNO LOUREIRO
63 **LIVE & LOUD!**
66 **AGENDA**

14 NICKE ANDERSSON

20 Enslaved

34 AMENRA

NOTÍCIAS

POR NELSON SANTOS

Após dois capítulos que afirmaram os **LOW TORQUE** como um dos nomes sólidos no actual rock/metal nacional, o quinteto está de volta com «Chapter III: Songs From The Vault». O disco sai no dia 4 de Novembro, data de apresentação ao vivo, em Lisboa. Será no RCA Club, com os Deserto, Drivingwest e Lonthra como bandas convidadas. No Porto, também haverá uma festa de lançamento, agendada para 18 de Novembro no Metalpoint, com os Daniel's Dead Bird e duas bandas por anunciar. Tal como os anteriores «Low Torque» e «Croatoan», este terceiro álbum tem edição conjunta das editoras Ragingplanet e Raising Legends. Composto de treze temas, «Songs From The Vault» é antecipado pelo recente *single* e videoclip «Supafreak». A produção ficou a cargo do guitarrista André Teixeira, que tem agora como vocalista David Pais, depois de Marco Resende ter cantado nos dois primeiros trabalhos. Na secção rítmica mantêm-se Arlindo Cardoso na bateria e Miguel Rita no baixo, com o acréscimo ao *line-up* de João Arroja, noutra guitarra.

Os **LYZZÄRD** acabam de ver o álbum de estreia, «Savage», lançado pela espanhola Fighter Records. Falamos de uma banda de heavy metal clássico formada há quatro anos na Trofa e que, já este ano, abriu o concerto dos Omen, no Porto. A 15 de Outubro, o quinteto vai ter a oportunidade de tocar com outras bandas estrangeiras no Metalpoint, os suecos Air Raid e os espanhóis Evil Killer, para além dos jovens compatriotas Soul Doubt. Os Lyzzärd são formados por Tiago Azevedo na voz, Ricardo Azevedo e Tiago Tedim nas guitarras, Margarida Veiga no baixo e David Paiva na bateria.

Sai em Novembro o novo álbum dos **SYSTEMIK VIØLENCE**, intitulado «Satanarkist Attack». Lançado numa aliança entre a Chaosphere Recordings e a Regurgitated Semen Records, este LP limitado a 300 cópias continua a expor um bando de *outlaws*, que tanto vão "roubar" a cruas bandas suecas, como às profundezas do hardcore japonês. Entre os catorze temas inclusos, lemos títulos como «You Are Free To Be A Slave», «Kill All Rapists Now!» e «(Hard)Core Values». Entre o final de Novembro e o início de Dezembro, o quarteto de punk duro faz algumas datas pelo país com os Bad!.

Debitantes de rock instrumental, algures entre o psych, o prog e o post, os **VIRCATOR** acabam de lançar um segundo álbum, intitulado «Sar-I-Sang». A banda de Viana do Castelo antecipou o novo registo com o single «Kanagawa» e agora prepara-se para uma série de concertos de promoção a estes novos 35 minutos. A 7 de Outubro, regressam a Espanha, para tocarem em Escáiron, depois de terem passado por Santiago de Compostela a 14 de Setembro. O sucessor do trabalho homónimo de Julho de 2016 foi gravado nos estúdios Lion, com o produtor Pedro Correia, e tem selo da nova editora do grupo – a Ragingplanet.

No próximo dia 30 de Novembro, o metal da cidade invicta é celebrado numa noite especial. A **PORTO METAL CONVENTION** congrega algumas bandas portuenses de diferentes sonoridades, estéticas e gerações. Os concertos serão no Cave 45, numa véspera de feriado, com os Tarantula como cabeças-de-cartaz, antecedidos pelos Grunt, Sonneillon BM e Nihility. Com o apoio da LOUD!, o evento começa às 22h00 e tem bilhetes a €8 (venda antecipada).

PLAYLISTS

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES
DAMNATION – Destructo Evangelia
DÄLEK – Endangered Species
ELECTRIC WIZARD – We Live
INVSN – The Beautiful Stories
MONOLORD – Rust

JOSÉ CARLOS SANTOS
FLEURETY – The White Death
ERIC BACHMANN – Eric Bachmann
OH SEES – Orc
PROFETUS – Coronation Of The Black Sun
SETH MACFARLANE – In Full Swing

NELSON SANTOS
MOONSPELL – 1755
MARTY FRIEDMAN – Wall Of Sound
MOTHER ENGINE – Hangar
VIRCATOR – Sar-I-Sang
SAMAEL – Ceremony Of Opposites

PEDRO PEDRA
ARCHSPIRE – Relentless Mutation
CHELSEA WOLFE – Hiss Spun
GARY NUMAN – Savage
KARI RUESLATTEN – Silence Is the Only Sound
TORI AMOS – Native Invader

LUÍS RATTUS
DEFIANCE – No Future, No Hope
MARCEL BONTEMPI – Witches, Spiders, Frogs & Holes
THE ZOUNDS – The Curse Of The Zounds
THE LANCASTERS – Alexander & Gore
GLENN MILLER – In The Mood

JOAQUIM PEDRO
AKERCOCKE – Renaissance In Extremis
KROKUS – Krokus
SAINT VITUS – Die Healing
PHOBIA – Lifeless God
DARKENED NOCTURN SLAUGHTERCULT – Necrovision

OS TOPS DO "JLS"

10 melhores projectos da

CHURCH OF RA

01. Amenra
02. Hessian
03. Absent In Body
04. Oathbreaker
05. The Black Heart Rebellion
06. CHVE
07. Treha Sektori
08. Wiegedood
09. Kingdom
10. Syndrome

DECAPITATED

Acusados de violação e rapto

O metal extremo foi, de certa forma, abalado pela notícia da detenção dos quatro elementos dos Decapitated, no passado dia 2 de Setembro, nos Estados Unidos. Em causa está a acusação de uma mulher que esteve no *tourbus* dos polacos após o concerto de 31 de Agosto em **Spokane**. A alegada vítima terá entrado no autocarro com uma amiga após convite do grupo para "umas bebidas", tendo feito queixa na polícia, horas depois, de violação por parte de todos os elementos da banda no WC do veículo. Interrogados pelas autoridades, os músicos forneceram declarações contraditórias entre si, com o guitarrista **Waclaw Kieltyka**, por exemplo, a admitir que viu o vocalista **Rafal Piotrowski** e o baixista **Hubert Wiecek** "envolvidos em actos sexuais com uma mulher na casa-de-banho", enquanto o baterista **Michal Lyseiko** – acusado pelas raparigas de lhes ter agarrado os seios – diz desconhece-las quando os detectives lhe mostraram as suas fotos. A alegada vítima foi assistida no hospital, cujo exame indica "significativas contusões nos braços consistentes com domínio físico". Detidos após a actuação em Santa Ana, Califórnia, data da *Double Homicide Tour* com os **Thy Art Is Murder**, os polacos foram ouvidos no tribunal de Los Angeles a 12 de Setembro, vindo depois a "negar fortemente" todas as acusações, em comunicado, proclamando inocência e condenando o ódio que lhes tem sido dirigido nas redes sociais por "indivíduos não familiarizados com todos os factos do caso". "Devido à gravidade das queixas", os Decapitated cancelaram todos os concertos previstos, incluindo uma passagem pelo **Moita Metal Fest** em Maio de 2018.

FOR THE GLORY

Agora e sempre, hardcore

Quando falamos de hardcore nacional, For The Glory acaba por ser um nome incontornável, até porque a popularidade do quinteto lisboeta já extravasa para fronteiras internacionais. Está, de resto, prevista para Dezembro uma digressão europeia, mas de momento há que concentrar esforços cá no burgo, numa altura em que acaba de sair um novo álbum. **«Now And Forever»** é já o quinto dos For The Glory, tal como o anterior «Some Kids Have No Face», registado nos estúdios **UltraSound** da Moita com produção de Hugo Andrade dos Switchtense. A mistura e a masterização estiveram a cargo de Miguel Tereso nos estúdios Demigod. Incluindo onze temas em menos de meia hora, este novo trabalho conta também com alguns convidados, entre os quais **Diogo César** dos Steal Your Crown e **Rui "Fuck" Correia** dos Grankapo. **«When The Time Comes»** e **«Bad Choices»** foram das primeiras músicas a serem conhecidas, ambas com videoclips realizados por Vynn Cunts. A edição está a cargo da **Rastilho Records**. Agora, já com o guitarrista **Afonso** como membro efectivo, os FTG já promovem a novidade ao vivo, com vários concertos de apresentação decorridos em Setembro e outros neste mês de Outubro: no dia 6 estão no **Bardoada Fest**, no Pinhal Novo, onde tocam com os Mata-Ratos e Primal Attack, entre outros; no dia 7, no **Faro Alternativo**, numa noite também encabeçada pelos Mata-Ratos e, dia 27, actuam na DRAC da Figueira da Foz com os Destroyers Of All, numa do **Mosher Fest Warm Up** e, dia 28, tocam na Cave Avenida de Viana do Castelo.

Studio Report

SINISTRO

Surpresa! Ainda mal estamos refeitos do impacto gigantesco que o «Semente» dos SINISTRO teve na música de peso nacional, e já o quinteto lisboeta tem pronto o seu sucessor. «Sangue Cássia», é esse o enigmático título (que nos foi explicado durante esta conversa em plena sala de ensaios), do que será já um disco de 2018, mas por muito pouco… Estivemos então no espaço mais íntimo da banda, pouco antes desta partir para uma longa digressão europeia ao lado dos Pallbearer e dos Paradise Lost, a ouvir alguns temas novos na companhia da vocalista Patrícia Andrade, dos guitarristas Rick Chain e Ricardo Matias e do baterista Paulo Lafaia, ficando só a faltar o ausente baixista Fernando Matias para compor o conjunto.

POR JOSÉ CARLOS SANTOS · FOTOS: ESTEFÂNIA SILVA

Parece que passou pouco tempo desde o último disco, e já está aqui outro, e pela amostra vai ser igualmente marcante. Decidiram aproveitar o balanço que ainda tinham do «Semente»?
Rick: Na verdade, nem fomos bem nós… A nossa editora entendeu que tínhamos que fazer o disco nesta altura, e editá-lo na altura em que vai sair, que vai ser no dia 5 de Janeiro. Foi quase uma imposição.

Foi uma situação confortável para vocês?
Rick: Já vinha tudo um bocado de trás, por isso foi tranquilo.
Ricardo: Sim, já tínhamos trabalho adiantado. Já temos composições novas há muito tempo, na verdade – ainda nem o «Semente» tinha saído e já tínhamos muitos riffs para este álbum.
Rick: E o factor "pressão" acabou por correr bem, até. Não é que não nos fossemos aplicar, se tivessemos tido mais tempo, mas havendo uma data, um objectivo claro, ajudou a motivar.
Paulo: Não nos dispersámos, e isso é importante. Se tens muito tempo, podes começar a divagar muito, e assim o trabalho foi mais conciso. São bons hábitos.

O facto de saberem que agora vão ter um público muito mais vasto a ouvir-vos foi algo que andou pelos vossos pensamentos, de alguma forma?
Rick: Não, de maneira nenhuma. Nem noto isso, sinceramente. Tudo bem, claro, tocamos em mais sítios, sinto que estamos a crescer, mas no dia-a-dia da banda, nem se nota.
Patrícia: Não alterou nada, nem no processo de composição nem nada.

Acho que o público está cada vez mais receptivo a ouvir bandas a cantarem na sua própria língua. – Patrícia Andrade

Rick: A "pressão" que houve, se é que se pode chamar assim, foi só mesmo em termos de prazo por parte da editora, e essa, como disse, funcionou como motivação. De resto, somos os mesmos, trabalhamos da mesma forma.

Pela amostra que tivemos [ouvimos seis temas], parece ser um disco mais pesado, mais denso, o que pode ser surpreendente para muitos. E a vocês, também vos surpreendeu o resultado final?
Paulo: Foi um processo natural, como o «Semente» tinha sido. Fomos tendo ideias, fomos juntando essas ideias… À medida que estávamos a construir os temas, tinhamos uma ligeira ideia de que ia ser um disco mais calmo, mas o resultado final é bem diferente. [risos] Tem coisas bem mais pesadas que o anterior.
Rick: Acho-o um disco mais diversificado que o anterior.
Paulo: Nota-se a evolução da banda a fazer as coisas.
Patrícia: Não tínhamos propriamente um objectivo musical prévio. Não se pensou muito nisso. Objectivos ou metas… foi só algo que aconteceu, mais uma vez.
Rick: Acho que houve evolução, de composição, de estrutura e tudo o mais, um *upgrade*, mas foi um processo que foi acontecendo por si.
Patrícia: Por ter sido um processo muito idêntico ao que fizemos para o «Semente», foi mais maduro. Já temos mais experiência em fazer as coisas desta forma.
Paulo: O que houve de mais diferente foi mesmo o facto de a editora nos ter pedido temas bónus.

Passem aí a informação básica, por favor.
Rick: Vão ser oito temas. O disco terá três edições, e uma delas terá dez temas, aqueles

dois temas bónus que o Paulo mencionou ainda agora. Um deles é uma versão, mas não podemos revelar mais ainda. [risos] O título vai ser «Sangue Cássia».

Muito bem. Expliquem lá isso.
Patrícia: [risos]
Rick: Queres falar tu? [risos]
Patrícia: Até tinha sido uma proposta tua…
Rick: Enfim, o nome é uma espécie de romantização de um significado… é a essência do sangue, da existência. Através dessa planta específica, fizemos uma mistura de palavras. A flor representa a essência da vida, o sangue também é essa essência. Depois, o disco acaba por ter um teor botânico, em termos conceptuais, porque achámos interessante atribuir metáforas desse tipo aos significados que tínhamos para as letras. A maior parte dos títulos das músicas acabaram por ficar com nomes de plantas, quase todos.

Continua a ser tudo cantado em português, pelo que deu para perceber.
Rick: Sim…
Patrícia e Paulo: Quase tudo! [risos]
Rick: Pronto, excepto um dos temas bónus. Não posso dizer mais nada! [risos]

Sentem que a vossa música é recebida pelos estrangeiros de forma diferente pela aposta a 100% no português?
Paulo: Sim, ainda é um factor exótico. Cada vez há mais gente a apostar na sua língua, incluindo o português.
Rick: A música, no fundo, não tem nacionalidade.
Paulo: Tem piada que, muitas das vezes que tocamos no estrangeiro, vêm pessoas ter connosco depois do concerto e perguntam de onde é que somos. Quando dizemos que somos portugueses, lá dizem que faz sentido. Normalmente, se não nos conhecem, não percebem a língua mas também não conseguem situar exactamente.
Rick: Toda a gente adora, mesmo que não entenda nada. Nunca tivemos um comentário negativo em relação a isso. "*Não percebemos nada do que ela disse, mas é lindo!*" [risos]
Paulo: No concerto do Roadburn havia gente no público a chorar. E não eram portugueses! Às vezes tenho pausas em partes que não estou a tocar e dá para olhar um bocadinho para as pessoas. Nesse concerto até o Makosch estava com uma lagriminha no olho, que eu vi! [risos]
Patrícia: Acho que o público está cada vez mais receptivo a ouvir bandas a cantarem na sua própria língua.
Ricardo: Começou de certa forma com os Sigur Rós e agora já é comum.

É muito "portuguesinho" dar valor às coisas só depois de elas obterem algum sucesso no estrangeiro. Acham que isso vai acontecer com vocês? Esperam um sucesso "interno" maior?
Paulo: Somos muito de rótulos, neste país.
Rick: Eu acho que vai continuar tudo na mesma, não vai haver diferença nenhuma. E isso não é mau, não é isso que estou a dizer. Mas

À medida que estávamos a construir os temas, tinhamos uma ligeira ideia de que ia ser um disco mais calmo, mas o resultado final é bem diferente. — Paulo Lafaia

falando muito sinceramente, acho que o nosso futuro não passa nada por aqui. Claro que é bom, temos aqui uma base de pessoas que gostam de nós, e isso é muito gratificante, mas para as ambições da nossa carreira enquanto músicos, é algo que já não chega. O pessoal que nos conhece e que gosta de nós, acho que vai ser mais ou menos sempre este "grupo" que já existe. Não acho que vamos ganhar novos fãs em Portugal, não estou a ver ninguém a descobrir-nos agora.

Voltaram a gravar com o Fernando Matias, ou seja, com o vosso baixista. Põem a hipótese de eventualmente sairem desta zona de conforto e darem as "chaves do castelo" a um produtor num estúdio qualquer noutro país, por exemplo?
Patrícia: Ainda não pensámos nisso, mas não está excluído.
Rick: Sim, não está de maneira nenhuma fora de questão. É uma hipótese, e seria algo que ajudaria à evolução.
Paulo: Acho que poderá acontecer mais cedo ou mais tarde. Até agora trabalhámos sempre só por nós, sem ter nenhuma opinião exterior, mas poderá chegar uma altura em que vamos ter vontade de trabalhar de outra maneira. Acontece com a maior parte das bandas, e faz parte da evolução natural.

Estes temas novos têm pinta de resultar muito bem ao vivo.
Ricardo: Concordo, sim. O disco é muito mais denso, tem mais coisas a acontecer.
Rick: E é até mais "musical", não é?
Paulo: É daqueles discos que vai ganhar um bocadinho mais de vida, quando tocado ao vivo. Vai ter uma intensidade diferente.

Patrícia, para ti que tens a componente orgânica da voz, tem sido fácil aguentar um ritmo maior de actuações?
Patrícia: Até agora sim… e se esse ritmo aumentar, estarei preparada também. A voz também é um músculo, não é? Também se fortalece. Quanto mais cantar e mais ensaiar, mais a voz está preparada. Só tenho que ter os cuidados elementares habituais para que tudo corra bem. Depois, também tem a ver com outra coisa — por exemplo, nos primeiros ensaios do «Semente», não consegui fazer tudo à primeira. Estava já tudo gravado, mas foi só nos ensaios que a voz se foi adaptando, aos agudos, às mudanças, como ir de um agudo para um médio repentinamente, por exemplo… Há uma elasticidade que se vai ganhando, e com este disco vai acontecer o mesmo. Vou trabalhar a voz à medida das necessidades da música.

A tua *performance* em palco também tem sido alvo de rasgados elogios. Pareces ter uma personalidade definida nesse aspecto, no contexto desta banda. Foi algo que construíste conscientemente?
Patrícia: Nunca foi preparado. A primeira vez que aconteceu daquela forma foi num ensaio nos Nirvana Studios, e fui desenvolvendo à medida que fomos tocando. Nunca foi nada premeditado ou pensado em casa… é um bocadinho como o teatro, no fundo. Tens um texto, tens essa base, e nessa base há espaço para a improvisação.

Studio Report

São apenas três músicos, mas entre eles compõem um dos nomes maiores do sludge que se faz pelo norte do país. Chamam-se REDEMPTUS e a LOUD! foi ouvir o segundo trabalho do grupo, e pelo meio ainda trouxe o brinde de um *split*!

POR EMANUEL FERREIRA

REDEMPTUS

"*É a primeira vez, em mais de dez anos em bandas, que digo,'gosto disto, fui eu que fiz e ainda continuo a ouvir.*" Quem conhece Paulo Rui, vocalista e baixista dos Redemptus, sabe como ele tem o coração bem perto da boca e sente aquilo que diz, sempre com simplicidade, por isso se sabe que estas palavras são honestas e não apenas para a promoção do momento. Escuta-se «Every Red Heart Fades To Black» e entende-se o que ele pretende dizer, face a um disco mais maduro e melódico que o seu antecessor «We All Die The Same».

Curiosamente, a escuta do disco começou por duas faixas, «Walls Of Emptiness» e «A Lot Of Times, Later Never Comes», que não estarão incluídas nele, estando agendadas para um *split* com os brasileiros Basalt, com edição inicialmente prevista para o Verão de 2017, tendo passado para o dia 7 de Outubro. Este par de faixas faz a ponte perfeita entre os dois álbuns do trio, introduzindo uma melodia que não existia no disco de estreia. "*Está mais sentimental,*" explica o Paulo. "*Acho este disco ainda mais cru que o anterior, mas também mais sentido.*" «A Lot Of Times, Later Never Comes» tem lá o baixo que se reconhece de «We All Die The Same», gravado apenas quatro meses após Paulo Rui começar a aprender a tocar. Os teclados, a cargo do produtor Dani Valente, estão mais presentes que antes, e em «Walls Of Emptiness» conferem alguma melancolia ao tema. Os dois temas soam melódicos, como a banda sonora de uma cidade que acorda para o frenesim do dia-a-dia.

Muito mudou desde um já distante 2015, onde os Redemptus pareciam ser apenas o sucessor dos E.A.K.. Na época, como hoje, um trio encapuzado: o já mencionado Paulo Rui, acompanhado de Miguel Santos na guitarra e Marcos Martins na bateria. De lá para cá, todo um crescer sonoro, a presença em festivais, um reaprender a estar em palco, muitas vezes dando a volta a situações que "jogavam contra", como aquela vez em que abriram para os Equaleft e os Tarântula, no imenso palco do Rivoli, com todo o público sentado e à distância. "*Os Redemptus não têm sido até agora uma banda que tenha tocado muito ao vivo,*" refere o vocalista. "*Penso que teremos apenas uns 50 concertos, ou algo do género. Isso justifica-se por uma melhor escolha de onde, como e com quem tocamos, de um certo cuidado para ter salas que nos 'deixem' apresentar da melhor forma a nossa actuação.*" A isto se juntam ainda as várias ocupações dos elementos envolvidos, não só em outros projectos, mas também com as profissões de cada um. "*Embora não sejamos banda de fim-de-semana, é difícil viver da música, e existem outras profissões das oito às cinco, que nos tiram tempo e disponibilidade para fazer tournées longas,*" explica o Paulo.

Os dois anos que mediaram entre discos, nada tiveram de calmos, como recorda o vocalista: "*Entre álbuns, EPs e* splits *de bandas paralelas, mais participações em discos de bandas próximas, talvez aí umas cinco visitas a estúdios. Foi o* split *e álbum de Besta, o de Juseph, o* split *com Basalt e duas participações com bandas amigas, que não posso anunciar ainda; foram uns cinco ou seis discos com o nome de alguém referente a Redemptus, postos cá fora.*" Entre os três músicos existem quatro bandas: Redemptus, Juseph, Besta e Verdun, sendo esta última francesa. Alguns poderão questionar-se como, então, consegue o Paulo estar em três grupos ao mesmo tempo, separados por centenas de quilómetros. "*Da minha parte acaba por ser mais fácil conciliar a minha profissão, tatuagem e* piercing*, com a música, e é por isso que consigo ter três projectos bastante activos. Muito disso deve-se à Taciana, a*

minha companheira há já dezoito anos, que me apoia incondicionalmente e me dá a segurança e estabilidade suficiente para eu poder sair do estúdio e saber que alguém toma bem conta do nosso dia-a-dia e zela por tudo estar bem. Com isso salvaguardado, mas não dado como garantido claro, consigo dividir bem o meu tempo pelas artes."

Produzido pela própria banda e por Dani Valente, com mistura deste último, o disco foi gravado entre Maio e Junho nos Caos Armado Estúdio e tem dez faixas, das quais «Faint And Distant Whispers» é uma *intro*. Com edição pela Ragingplanet, prevista para a terceira semana de Novembro, a capa é de Bruno Madeira, também ele tatuador como Paulo Rui. Todo o álbum soa denso, aqui e ali com melodia, outras vezes a *spoken word* a imperar nas vozes, como em «Across This Ocean Of Grief And Beyond». "*Não vejo este disco como mais melódico, sinceramente,*" atira o vocalista. "*Vejo-o como mais íntimo, mais harmonioso, mais 'sentimental', e sim, pesado, tanto em termos líricos como no som bem gordo que gostamos de fazer. Percebo a referência ao melódico, pois deixamo-nos levar pela emoção das músicas e o facto de ter linhas vocais limpas faz com que seja mais harmonioso, mas não o acho mais melódico! Nunca foi a nossa intenção ter um disco polido, até porque muitas das coisas foram feitas num só take. Gostamos de ouvir as pequenas 'imperfeições' que tornam o álbum mais orgânico... acho que é um trabalho mais bem construído, o que veio da prolongada partilha com o pessoal, que só o tempo como banda traz.*" Um Paulo Rui menos zangado com o mundo, talvez? "*Acho, sinceramente, que neste disco o 'Paulo Rui' está ainda mais zangado, mais profundo, mais incisivo, mais áspero e mais frontal.*"

Temas como «Pile Of Papers» ou «Opposable Guilt» carregam o *groove* e as dinâmicas a que já nos habituámos com os Redemptus, sendo também dos mais curtos. «Peered Into Everyone's Fate» é a faixa escolhida para vídeo, um tema que começa lento, com uma linha de baixo forte, onde as vozes surgem cuspidas e depois se repetem de forma mais melódica, ao que se sucede uma abordagem sludge/doom em que os restantes instrumentos vão crescendo. É neste tema que se encontram os versos que dão origem ao título, o que ajuda a explicar a sua escolha para representar um disco mais variado do que se poderá pensar. Tudo termina com a longa «May This Chamber Of Secrets Enclosure My Heaviest Burden». As letras carregam mensagens pesadas, por vezes intimidando a música, que se retrai para a transmitir, como em «At The Altars Of Competition», um daqueles temas que não vai deixar ninguém indiferente, ao mesmo tempo um panfleto contra a sociedade moderna. A consciência social sempre foi transversal às letras do grupo. "*Foi sempre uma vertente abordada por mim, a consciencialização, a preocupação sobre aquilo que te rodeia, sobre o que se passa no mundo, na maneira como eu o vejo,*" diz o Paulo. "*Sempre abordei temas tabu, como o suicídio e a depressão, pois é algo que faz parte da banda, algo com que todos nós no grupo já vivemos, seja na primeira pessoa, seja com familiares próximos e amigos que sofreram e sofrem com isso. Em termos líricos o álbum leva a mesma linha do seu antecessor, com alusão à podridão do ser humano, aos egos, à desigualdade, à indiferença, à ganância, mas também à partilha, à humanidade dentro de ti, ao encontrar do 'eu'. Talvez com uma visão mais pessoal ainda, com uma voz de 'ajuda', de compreensão e de esperança. Nunca gostei de escrever por escrever, pois embora em certas situações a voz seja um instrumento que compõe e completa as músicas, penso que vivemos num período em que todas as vozes são poucas para ajudar na injusta luta que travamos diariamente na busca da liberdade, seja pessoal ou social. Nos Redemptus essa voz é, literalmente, o veículo para passar a mensagem e derrubar barreiras. Infelizmente, e na maior parte dos casos, tal como o nome do álbum explica, «Every Red Heart Fades To Black»!*"

Acho, sinceramente, que neste disco o 'Paulo Rui' está ainda mais zangado, mais profundo, mais incisivo, mais áspero e mais frontal.

AFFÄIRE

Portugal tem bons representantes em quase todos os ramos do rock pesado – temos até um sério *affaire* com o sleaze/glam que se fazia em L.A. nos anos 80.

O espírito do hard rock sensual e alegre corre nas veias de J.P. Constanza e Dizzy Dice Mike, respectivamente, baterista e vocalista dos AFFÄIRE – a dupla que conversou connosco acerca de «Neon Gods», EP de um quarteto que se completa com o guitarrista Rick Rivotti e com o baixista Tawny Rawk. Formado já nesta década, o grupo está bem mais sintonizado com os refrães e a atitude do século passado, mas não é por isso que deixa de olhar em frente. "*É importante encontrar um equilíbrio, tendo um estilo identificável mas sem cair no repetitivo. Continuamos a fazer hard rock como achamos que o hard rock deve ser, sem modernices, nem olhar a modas, mas também sem querer soar a uma banda saudosista ou de tributo seja a quem for*," começa por nos dizer o baterista e uma das metades fundadoras dos Affäire. Os cinco temas de «Neon Gods» sucedem ao álbum «At First Sight» de há dois anos mantêm a mesma onda, mas são audíveis algumas diferenças. "*A linha que nos define manteve-se inalterada de um registo para o outro, isso é inegável. Creio é que neste EP, conseguimos um punhado de malhas que resulta da química que, entretanto, adquirimos enquanto colectivo*," adianta-nos o vocalista ex-Iberia. "*Tivemos melhores condições de estúdio para esta gravação e isso também foi relevante. Conseguimos obter um som mais objectivo, talvez mais coerente em termos de canções.*" Na verdade, a produção de «Neon Gods» está uns bons furos acima do material de 2015, sendo que, em ambos, há um sentimento comum – rock 'n' roll, *the Sunset Strip way*.

No entanto, não se pense que os diferentes ouvidos que compõem os Affäire só consomem som feito por gente com bandanas e laca no cabelo. J.P., que já esteve ligado a colectivos como Divine Lust e Attick Demons, confirma: "*Em doses diferentes, todos na banda ouvem bastante hard rock, mas não em exclusivo. Dentro do metal, o heavy tradicional foi sempre o meu preferido, mas continua a haver espaço para algum doom/dark metal. E muito rock clássico dos 70s, AOR, blues, punk rock, pop dos anos 80 e clássica*." Já para Dizzy Dice, a banda da vida chama-se AC/DC. Estes experientes músicos fazem o que mais gostam sem olhar a tendências e têm tocado um pouco por todo o país. Chegaram a ter confirmada uma abertura para os alemães Bonfire, em Setembro último, mas o concerto ficou adiado para o ano que vem, em data a anunciar. O som que fazem já não move multidões, embora esteja a acontecer um revivalismo no norte da Europa, por exemplo. "*Existem fãs mas não há propriamente aquela militância, por exemplo, dos fãs de hardcore, metal extremo e até metal tradicional, ultimamente. Quando vemos 50.000 pessoas num concerto dos Guns N' Roses, Bon Jovi ou AC/DC ficamos com a ilusão de que existe um gigante adormecido, mas estou convencido que mais de 90% deles apenas frequentam esses eventos de massas*," é a convicção de J.P. Constanza, que admite uma sensação de "ave rara" por ser dos poucos (ou únicos) a fazer este tipo de som em Portugal, tendo isso os seus contras, mas também alguns prós. E os Affäire também têm *groupies*? "*As coisas já não são bem como antigamente... agora são as* groupies *que têm os Affäire!*" **[N.S.]**

NEON ANIMAL

O rock está vivo, e estes ingleses sabem-no perfeitamente.

A morte do rock'n'roll é por demais anunciada, tanto quanto desejada, mas para os londrinos NEON ANIMAL, mais que anunciar, é mesmo preciso devolver o rock à vida, algo que o quarteto deixou bem claro logo no título do disco de estreia: «Bring Back Rock'N'Roll From The Dead». O grupo é formado por Mark Thorn (voz), Jonathan Gaglione (baixo), Iv K. Lizz (bateria) e o português Miguel Martins na guitarra. "*O rock'n'roll não está morto, mas necessita de um empurrão,*" afirmou o guitarrista luso em conversa com a LOUD!, aquando da sua passagem recente pelo Festival Laurus Nobilis. "*O que eu sinto, e o Mark e o Jonathan partilham essa ideia, é que tudo é muito genérico. As bandas novas, inglesas e norte-americanas, são muito semelhantes, as vozes são parecidas. A estética é parecida, o som também. A mensagem é a mesma e passa por curtir e drogas, pouca mensagem política, pouca vontade de uma revolução e pouco para dizer. Infelizmente, sinto que está a ficar como outros estilos de música, sem carácter, sem substância. Essa é a nossa revolta.*" A banda escolheu a cidade do Porto e os estúdios de Andrés Malta, que já colaborou com Brian Eno, para gravar este novo trabalho. "*O Andrés, que co-produziu isto comigo, estava a abrir o estúdio, o Silo, no centro do Porto. Ele fez uma boa oferta e como o Porto é um local inspirador, todos ficaram excitados com a ideia. Em dez dias gravámos o nosso disco,*" recorda. Da aventura portuguesa nasceu até um tema, ainda não gravado, intitulado «Raquel», que resultou das aventuras de Mark pelas noites portuenses. "*Numa noite em que estávamos a gravar o disco no Porto, ele conheceu uma Raquel, uma daquelas paixões à primeira vista, ficou obcecado por ela. Nas noites a seguir andou à procura dela e nunca mais a encontrou, procurou nas redes sociais, ainda conheceu duas ou três Raquéis, mas não era nenhuma delas. Quando voltámos a Londres, escreveu a música e começámos a trabalhar nela. É curioso, porque hoje a namorada dele chama-se Raquel, mas é espanhola e não tem nada a ver com o que aconteceu,*" explica o guitarrista.

Com tantos portugueses emigrados na capital britânica, nos tempos recentes, até não parecerá estranho que um se torne guitarrista, mas o percurso do Miguel é curioso, e mistura-se com os Warrior Soul e o seu vocalista Kory Clark. "*Tinha estado a estudar produção nos Estados Unidos, depois voltei para Portugal, trabalhei com o André Indiana, como guitarrista dele, também escrevia e trabalhava em estúdio,*" diz. "*Foi ele que me mostrou os Warrior Soul, que adorei, o «The Space Age Playboys» é para mim o melhor disco de sempre. Ele contactou o Kory, a sugerir que viesse ao estúdio dele gravar algo, no espaço de um ou dois meses ele veio para cá e ficou em casa do André e tornámo-nos amigos. Depois terminei a produção do disco e fui tocar com os Warrior Soul na Europa. O Mark tinha tocado com os Warrior Soul e eu tinha acabado de tocar e misturar o último disco a solo do Kory e conhecemo-nos. Como estava sem guitarrista, convidou-me, e andámos a tocar pela Europa cerca de um ano, primeiro como Bubblegum Screw, banda com que viemos à Festa do Avante, e depois como Neon Animal.*" Entre Bubblegum Screw e Neon Animal, apenas o baterista mudou, mas para o Miguel, a razão da mudança de nome é outra: "*Começámos a desenvolver um som diferente, menos punk garage e mais hard rock, mais melódico, então resolvemos criar uma nova banda, um novo conceito. Só há meio ano começámos a fazer concertos em Inglaterra, mas já fomos três vezes a França, da última vez fizemos doze concertos seguidos, já estivemos duas vezes em Itália, fizemos uma festa do Rocky Horror Picture Show, em Paris. A oferta é tanta que se torna mais complicado! No lançamento do disco, alugámos uma sala e conseguimos esgotar. Neste momento temos muito material que pode ser tocado ao vivo, um disco que merece ser representado, e por isso é a melhor altura para tocarmos.*" **[E.F.]**

NICKE ANDERSSON

GRAÇAS AO DIABO

Quer responda por Andersson ou Royale, por esta altura já se percebeu que tudo aquilo em que este sueco toca se transforma em ouro. Os Nihilist, os Entombed, os The Hellacopters, os Imperial State Electric, os The Solution, os Death Breath, os Super$hit 666. Todos esses nomes, muitos deles altamente respeitados e influentes, têm um elo em comum, fruto de um talento que não parece ter fim e que não encontra limites em fronteiras estilísticas. Do death metal HM-2 ao *revival* garage rock escandinavo dos 90s, bandas como Trap Them ou Gluecifer seriam de certeza muito diferentes se o multi-instrumentista nascido Anders Niklas Andersson não tivesse dado o tiro de partida para uma série de tendências. Na primeira pessoa, porque é um conversador nato, o Sr. Death'n'roll ajudou-nos a traçar um mapa daquilo em que está mais envolvido nos dias que correm.

POR JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

ENTOMBED

Porque não começar exactamente com o death metal? Depois de ter criado a fórmula para muito do que se fez no género durante as últimas três décadas, Andersson manteve-se afastado durante uma série de anos desse tipo de som mais brutal. Em 1997 abandonou a banda que criou quando ainda era um miúdo e abraçou outros caminhos, inspirados pela sua paixão pelo rock'n'roll como se fazia no início dos anos 70. Apesar da criação dos Death Breath ali por voltas de 2005, nada fazia crer que o músico um dia regressasse às origens e à banda com a qual gravou as proféticas «Supposed To Rot» e «Life Goes On». Pois bem, o impossível aconteceu em 2016, quando Nicke se juntou aos guitarristas Alex Hellid e Uffe Cederlund para duas actuações especiais, que foram registadas e vão estar brevemente disponíveis em diversos formatos através da própria banda.

– "*Na verdade, acho que disse menos vezes que nunca me juntaria de novo aos Entombed que aos The Hellacopters.* [risos] *E é engraçado porque pouca gente sabe disto, mas... Já não me lembro muito bem quando foi, aí por volta de 2007, o Uffe tinha um compromisso com os Disfear e os Entombed tinham um espectáculo marcado no mesmo dia, por isso o Alex ligou-me e perguntou se não me importava de fazer essa data com eles na guitarra. Eu achei que a ideia de tocar guitarra nos Entombed era estranha, mas acabei por aceitar o desafio, fiz o concerto – que foi bizarro, mas funcionou – e fomos sempre mantendo um contacto mais próximo desde essa altura. Às tantas veio à baila que o «Clandestine» fazia*

BLACK BREATH

THE HELLACOPTERS

25 anos em 2016, surgiu a oportunidade de fazermos um concerto com uma orquestra e a decisão acabou por ser fácil porque não havia como recusar uma oportunidade daquelas. Tive de trabalhar muito! Gravei o «Clandestine» quando tinha dezanove anos e, no ano passado, fiz 44, por isso digamos que foi um pequeno desafio. [risos] A sério... Pensei que ia morrer de exaustão, mas correu tudo bem. Acho que há boas hipóteses de fazermos mais qualquer coisa juntos... Apesar de poder parecer que não tenho tempo para me coçar, andamos a discutir a possibilidade de fazer mais qualquer coisa."

THE HELLACOPTERS

Criados em 1994 por Nicke e Dregen, numa altura em que os Entombed e Backyard Babies estavam a fazer uma pausa, foram inicialmente concebidos como um projeto paralelo, mas – após a gravação e *tour* de promoção a «To Ride, Shoot Straight And Speak The Truth» – tornaram-se o principal veículo de composição para o ex-baterista dos Entombed. A estreia «Supershitty To The Max!» foi editada em 1996, valendo-lhes logo um Grammy sueco e uma digressão com os KISS. Com um futuro muito risonho pela frente, apesar de algumas alterações na formação, até 2008 – altura em que se dissolveram amigavelmente para que os membros pudessem dedicar-se a outros projetos – lançaram uma miríade de singles e EPs de edição limitada, mais cinco álbuns de originais, três compilações e um disco de versões, assegurando a sua posição, a par dos conterrâneos The Hives, como um dos mais importantes e influentes nomes do *revival* garage rock nos 90s. Será que a hipótese de um regresso já andava a "atormentar" o músico há muito tempo?

– "*Acho que as primeiras questões em relação a um hipotético regresso começaram a surgir nem dois meses depois de nos termos separado... e isso era algo que, na altura, me aborrecia, por isso jurei sempre a pés juntos que não aconteceria nunca.* [risos] *Dizia-o mais por raiva do que por outra coisa qualquer, para ser sincero. Quando nos separámos houve razões para isso, porque raio é que as pessoas achavam lógico que nos voltássemos a juntar?! Tínhamos acabado de nos separar e essa conversa não fazia qualquer sentido na minha cabeça. Mas sabes como é...* [risos] *Entretanto passou muita água por baixo da ponte, alguém mencionou algo a alguém, começámos a conversar outra vez com mais frequência e as coisas acabaram por acontecer. Em minha defesa posso dizer que falámos muito antes de considerar sequer a hipótese de ressuscitar a banda. Às tantas percebi que o primeiro álbum ia fazer vinte anos e, nessa altura, a ideia de fazer pelo menos um concerto começou a parecer-me mais apelativa. As coisas correram muito bem, talvez bem demais, porque ficámos com vontade de fazer mais e, só este Verão, fizemos oito espectáculos. Antes deste ano chegar ao fim vamos tentar perceber o que vamos fazer a seguir; alguns dos outros tipos querem começar a escrever um álbum novo, eu quase que quero também começar a escrever canções, mas sei que têm de ser mesmo boas. Por enquanto não há um plano traçado, vamos ver o que acontece. Divertimo-nos imenso juntos, não há como negá-lo. Partilhar o palco com o Sami* [NR. Yaffa, dos New York Dolls e Hanoi Rocks] *é um sonho, mas vivemos dia a dia.*"

IMPERIAL STATE ELECTRIC

Não há grande volta a dar, a actual *main band* de Nicke Andersson será para sempre vista como uma espécie de continuação lógica dos The Hellacopters – o próprio músico sueco não se atreve a negá-lo. "*É óbvio que há semelhanças entre os Imperial State e os Hellacopters – sendo que a mais evidente acabo por ser mesmo eu!*", diz-nos o simpático escandinavo. Na verdade, tudo começou como um projecto de gravação a solo de Andersson, mas os Imperial State Electric evoluíram rapidamente para uma banda "a sério" e, após a edição do disco de estreia, fizeram-se à estrada, numa digressão que incluiu *slots* de suporte para gigantes como os KISS e Guns N' Roses. A provar que o músico está a atravessar um dos períodos criativos mais inspirados do seu já longo percurso, no período compreendido entre 2010 e 2017, a banda gravou um total – impressionante! – de cinco álbuns; a saber, a estreia homónima em 2010, «Pop War», «Reptile Brain Music», «Honk Machine» e, já este ano, «All Through The Night».

IMPERIAL STATE ELECTRIC

– "*Lançámos um novo álbum no ano passado, o «All Through The Night». E já tínhamos lançado o «Honk Machine» em 2015, por isso – sobretudo para quem está de fora – esse tempo sem editarmos até deve ter passado num ápice, mas eu nunca paro de escrever e, consequentemente, não vejo as coisas dessa perspectiva. Para mim, não passou pouco tempo entre esses dois discos, passou-se exactamente o tempo necessário para criar estas canções. Confesso que, de vez em quando, gosto de ler um livro ou de ver um filme, mas só se já tiver feito alguma coisa antes, caso contrário sinto-me um inútil... Se tiver escrito uma canção, posso ver um filme!* [risos] *Tenho guitarras em todas as divisões da casa e, apesar de ter sido pai há cerca de três anos, estou sempre a criar. É verdade que não se passou sequer um ano entre estes dois últimos discos, mas não sei se foi assim tão rápido... Pelos parâmetros dos anos 70, por exemplo, não foi. Naquela altura as bandas chegavam a lançar dois álbuns por ano e só com o aparecimento do CD é que os músicos começaram a sentir a necessidade de escrever 90 minutos de música. Eu continuo a preferir o formato antigo, nenhum dos álbuns dos Imperial State Electric tem mais de 40 minutos e acho que é mais que suficiente para um disco de rock'n'roll. Dez canções chegam e, no meu caso, não demoram assim tanto tempo a escrever.*"

LUCIFER

Apesar da desintegração súbita e prematura do seu projecto anterior, The Oath, em 2014, já se calculava que a paixão de Johanna Sardonis pela música não a deixaria muito tempo afastada da vida das bandas. Inspirada pelos recessos mais sombrios da alma, a vocalista berlinense criou uma nova manifestação da sua visão musical e, com a preciosa ajuda de Gaz Jennings, ex-Cathedral, criou a estreia «Lucifer». Embora firmemente enraizadas no terreno fértil cultivado pelos Black Sabbath, Deep Purple, Led Zeppelin ou Blue Öyster Cult em décadas passadas, as canções do lançamento de 2015 mostraram que o quarteto internacional existe num reino sónico orgulhosamente livre e ilimitado, onde os blues rock mais pesados são um mero ponto de partida para o seu *output* criativo. Não é, por isso, de todo estranho que, após o abandono inesperado de Jennings, o Sr. Andersson se tenha juntado ao grupo, que está agora a preparar o segundo longa-duração.

– "*Já deve ter dado para perceber que não gosto propriamente de tirar férias... É suposto estares um tempo sem fazer nada e eu não sou nada bom a fazer isso. Já tentei algumas vezes e, passado uns dias, começo logo a sentir falta da minha guitarra.* [risos] *Há uns tempos, conheci a Johanna em Berlim, ela costuma aparecer sempre quando os Imperial State tocam por lá e, no final do ano passado, estivemos um bocado à conversa. Às tantas começámos a passar mais tempo juntos e a conversar sobre música... Na verdade, é a única coisa acerca da qual sei falar! Depois... O Gaz decidiu que queria abandonar os Lucifer. O primeiro disco tinha sido feito pelos dois e ela, no momento em que percebeu que ia perder o companheiro de composição, ficou totalmente transtornada. A situação mexeu comigo e dei por mim a pensar que escrevia, na boa, uns quantos riffs para ela.*

[risos] *No início estava magoada com a situação e ficou relutante, mas eu garanti-lhe que ia enviar umas ideias sem qualquer compromisso e que não tinha de decidir nada ali. Nesse processo de intercâmbio de* demos, *escrevemos rapidamente dez canções e não há como negar que estabelecemos uma química, por isso juntámo-nos ao Robin* [Tidebrink], *que é o nosso outro guitarrista, e começámos a gravar o álbum. Por enquanto, somos só nós os três. E tem sido muito fixe porque, além da guitarra, também posso tocar bateria. O Bill Ward é um dos meus heróis, por isso é bom poder prestar-lhe homenagem. Vai ser um disco diferente do primeiro, que tinha muitos elementos dos Cathedral, que são uma banda que adoro. No entanto, não sou o Gaz e as canções que escrevi têm um cunho pessoal. Se conseguirem imaginar os Fleetwood Mac misturados com os Black Sabbath, ficam com uma boa ideia de como as coisas estão a soar.*"

THE SOLUTION

As origens deste projecto remontam a uma altura em que Nicke decidiu juntar-se a Tony Slug, dos Nitwitz, para fazerem versões da Sonic's Rendezvous Band. A ideia acabou por nunca se concretizar, mas durante uma das digressões dos The Hellacopters pelos Estados Unidos, a músico sueco estabeleceu contacto com Scott Morgan e, após uma fugaz colaboração nos The Hydromatics, que resultou no álbum «Parts Unknown», Morgan foi até Estocolmo e, com Andersson e uma nova formação de músicos suecos, criaram juntos os The Solution. «Communicate!», de 2004, reuniu originais escritos por Scott e Nicke, assim como versões de artistas como Curtis Mayfield e Tony Joe White, num registo mais soul que rock. Apesar das boas críticas, só voltaram a reaparecer em 2007 com um segundo disco («Will Not Be Televised») e o "ao vivo" «Fluid Drive». Desde então, não se ouve falar deles.

– "*Se há projecto adormecido que gostava de recuperar, era mesmo este. Adorava, muito mesmo, tocar com os The Solution. Colaborar com o Scott Morgan foi, para mim, um sonho tornado realidade e todos os momentos que passámos juntos foram um enorme prazer. O problema é que, financeiramente, a banda não era viável. A trabalhar com, contando com a secção de sopros e as cantoras de* backup, *doze músicos, as coisas tornam-se impossíveis em termos logísticos; primeiro, porque todos têm os seus próprios projectos e conciliar horários torna-se um pesadelo, depois porque o Scott vive em Detroit e as viagens transatlânticas não são propriamente baratas. A verdade é que não tínhamos orçamento possível para manter a banda viva, o que é triste. Sempre tive um fraquinho por boas canções de R&B e gosto imenso do que fizemos. Eventualmente, não sei se com os The Solution ou não, quero voltar a fazer música dessa. Quem sabe se não apareço aí com mais um novo projecto? Porque não?!* [risos] *Além disso... Se tivesse tempo, gostava de recuperar os Super$hit 666. O Ginger e o Dregen iam adorar e, como nunca chegámos sequer a tocar ao vivo, seria fixe fazê-lo.*"

TWO PATHS

Finally! The new studio album by the finnish Metal Gods! Available now as ltd. deluxe wooden box, ltd. Digibook-CD (w/bonus-DVD) and LP!

metalblade.com/ensiferum

RED BEFORE BLACK

A bloodred symphony in horror! Available November 3rd as ltd. Boxset, Digi-CD (w/bonus-CD) and LP!

metalblade.com/cannibalcorpse

THE CROWNING OF THE FIRE KING

The new Kings of Epic Heavy Doom Metal! Available October 20th as ltd. Digibook-CD w/excl. bonus tracks and on vinyl!

metalblade.com/sorcerer

The Black Dahlia Murder
Finally available on vinyl Nov. 24th! "Nocturnal" as well on Picture Disc!
The Black Dahlia Murder
nightbringers

NIGHTBRINGERS

Their new studio album! Available October 6h as ltd. cross-shaped-Digi-CD w/excl. bonus tracks and on vinyl!

metalblade.com/tbdm

ROD

The spearhead of Swedish Heavy Metal! Available November 3rd as ltd. Boxset, Digi-CD and LP!

metalblade.com/ram

THE BLOOD OF GODS

GWAR return to war without mercy! Available October 20th on Digi-CD and LP!

metalblade.com/gwar

Metal Blade 1982 - 2017 35th ANNIVERSARY

www.metalblade.de ♦ www.metalblade.tv

http://twitter.com/metalbladeurope ♦ www.facebook.com/metalbladeeurope

Metal Blade Records ONLINE STORE - The Loudest Shop On The Net http://shop.metalblade.de

http://stores.ebay.de/METAL-BLADE-RECORDS-EUROPE-Shop

© 2016 Metal Blade Records Inc.

MASTERTRAX

REDENÇÃO NUCLEAR

Os GRAVE PLEASURES estão de volta, e dizemos isto com um ênfase que quer mesmo dizer é que os Beastmilk estão de volta, ou pelo menos o espírito que fez com que essa banda tenha tido o sucesso brutal que teve, apesar da sua efémera existência. A transição para a encarnação actual foi um processo complicado e moroso, custou-lhes um disco menos inspirado, mas todas as recompensas pela perseverança são agora obtidas no novo e brilhante «Motherblood», este sim um digno sucessor do já lendário «Climax». O bem conhecido vocalista Mat McNerney explicou-nos tudo, sem reservas nem medos. POR JOSÉ CARLOS SANTOS

Ouvir o «Motherblood» é um lavar de alma imenso. Comparando a exuberância deste disco novo com o cinzentismo do «Dreamcrash» é quase doloroso. São ambos reflexo do que a banda viveu nos respectivos períodos criativos?
Sim. Esta banda tem tido um parto difícil. Tem sido algo confuso para nós. Acho que já tínhamos este disco novo dentro de nós há muito tempo, e o «Dreamcrash» foi um passo nessa direcção, de certa forma, mas havia muitos problemas ainda a acontecer quando fizemos esse álbum. Problemas internos, e também externos, à volta da banda. Quando ouço o «Dreamcrash» ouço isso, sinto isso, a pressão toda que havia à volta de um grupo que ainda não tinha força suficiente para se pôr de pé com firmeza. Mas também ouço coisas boas, só que ficaram meio soterradas por tudo o resto.

Foi uma questão artística, de encontrar as pessoas certas e um conjunto de músicos com a "química" ideal para recuperar o que tinham antes da separação dos Beastmilk, ou também teve a ver com as expectativas que estavam criadas?
Foi tudo, no fundo. Havia muitas expectativas, excessivas, porque assumimos que os Grave Pleasures eram a continuação dos Beastmilk, isso criou nas pessoas esse sentimento. Tanto nos fãs como da parte da própria editora, e isso não nos fez bem. Foi por isso que sentimos que precisávamos quase de começar outra vez nesta fase, mudámos de editora, mudámos de formação… a certa altura fiquei só eu, o Valtteri [Arino, baixista] e o Juho [Vanhanen, guitarrista, também dos Oranssi Pazuzu], que já tinha tocado guitarra rítmica no «Dreamcrash» mas que assumiu agora um papel mais central, como elemento fulcral da banda, e a química entre nós resulta muito bem. Foi a partir desse ponto que fomos à procura dos membros que nos faltavam, com a prioridade de serem pessoas no mesmo comprimento de onda que nós em todos os sentidos, pessoas motivadas e que percebam que esta banda está a recomeçar do *square one*. Assumindo as influências que nos fizeram começar os Beastmilk, sem problemas.

Em alguma altura esteve em cima da mesa a hipótese de simplesmente desistir? Sentiram que a "bagagem" podia ser demasiado pesada para a banda alguma vez se levantar?
Pensámos nessa hipótese também, sim. Eu, pessoalmente, tive que avaliar seriamente se ainda fazia sentido esta banda existir, se a banda que os Beastmilk eram ainda poderia existir nesta forma, com este tipo de influências, se valeria mesmo a pena continuar neste sentido. Tenho os Hexvessel, o Juho tem os Oranssi, e a verdade é que, no limite, não "precisamos" disto. Se sentíssemos que não tínhamos uma história para contar, que não tínhamos um disco de qualidade dentro de nós à espera de sair, não valia a pena continuar. Tivemos mesmo que fazer todas essas perguntas difíceis para depois recomeçar a 100% na direcção certa. E foi a partir dessa base que as coisas começaram finalmente a correr bem. Acho que foi o Jean Cocteau que disse uma vez algo como "*obrigado por terem odiado o meu último filme, isso permitiu-me voltar a escrever*", e foi um bocado isso que aconteceu aqui. Às vezes, como artista, tem que se passar por isso. Nunca é bom ter as expectativas dos outros como ponto de partida. O ponto de partida tem que ser a folha em branco, sem mais nada à volta. Foi isso que sentimos, que estávamos finalmente de cabeça limpa outra vez. Sem nada a perder, somos o *underdog* outra vez, as pessoas acham que somos uma merda, e isso é muito bom! [risos] É isso que me faz voltar às coisas simples que me motivaram ao princípio. Muito do que fizemos nos Beastmilk era o meu som, a minha visão também, só que o «Dreamcrash» deu oportunidade às pessoas de dizerem que aquele som e aquela ideia eram do guitarrista que saiu e que estava tudo acabado.

Ficou de facto essa ideia. Quer dizer que o «Dreamcrash» foi numa direcção diferente de propósito, como forma de diferenciarem a "nova banda"?
Ficou, e não é verdade, como se prova agora. O «Dreamcrash» foi idealizado como um disco diferente do que eram os Beastmilk, e é isso que é. Independentemente de ter corrido bem ou não. O «Motherblood» regressa a essa matriz inicial, ao post punk finlandês, às *vibes* mais "animadas", e tudo isso está bem reflectido nos temas novos.

Lembro-me de vos ter visto ao vivo nos primeiros tempos dos Grave Pleasures, e de teres feito a certa altura uma piada em palco, dizendo algo como *"não vale a pena chorar sobre o leite derramado"*, mas com o ar mais triste do mundo. Era notório que passavam por uma fase complicada.
É verdade, e isso ficou tudo "registado" no «Dreamcrash». É um *downer*, sem dúvida. Muitos dos temas tornaram-se autobiográficos, acerca da separação, e perdemo-nos um bocado nisso. Acho que o título de um dos temas novos, «Laughing Abyss», acaba por ser uma boa metáfora para a situação – não podes atirar a tua audiência para um abismo sem lhes dares uma corda para voltarem de lá. Tem que haver uma luz na escuridão. Até o nome da banda tem essa dualidade. Sem os dois opostos, estás só a aborrecer as pessoas, estás só a ser negativo porque sim. O que é maravilhoso na boa música que nos influencia é que foi escrita em tempos difíceis, mas apesar disso – ou por causa disso – inspira liberdade também. "Vamos sair disto", estás a ver? Raramente é "estou tão deprimido e vou-me matar", e muito do «Dreamcrash» é só isso, muito por culpa minha, admito. Isto é algo que não temos noção enquanto as coisas estão a acontecer, quando se está a passar pelas situações, é algo que só agora com perspectiva é que consigo perceber.

O Juho ter-se tornado a certa altura no principal compositor, em conjunção contigo, foi algo que aconteceu naturalmente, pela tal química que existe entre vocês?
Foi, sim. No «Dreamcrash», foi ele que escreveu as partes *lead*, enquanto que a Linnea Olsson escreveu boa parte das canções – quando digo "canções", refiro-me às partes de guitarra apenas. As partes vocais e melodias sempre fui eu que fiz. O que correu bem com o Juho é que ele tem mesmo uma grande paixão por este estilo de música e está muito animado por poder compôr neste estilo. É muito diferente do que ele faz com os Oranssi Pazuzu, como é óbvio, e ele acabou por ter muitas ideias para o «Dreamcrash» que na altura não aproveitámos porque não se conjugavam muito com o que eu e a Linnea tínhamos feito. Quando ela saiu, ficou tudo em aberto para voltarmos a explorar essa vertente, tivemos a oportunidade de nos divertirmos os dois de forma muito livre com a música, e acho que isso se ouve nos novos temas, essa jovialidade e vontade de experimentar coisas. Ele é professor de guitarra, ensinou muita gente da cena a tocar, é muito experiente, está habituado a colaborar com músicos diferentes, e é magnífico para mim poder trabalhar com alguém assim, que ainda por cima tem uma visão semelhante à minha.

Algo que volta a estar muito patente no «Motherblood» é aquele ambiente muito pós-apocalíptico, muito ligado à guerra nuclear, que vocês sempre tiveram. O que vos torna, actualmente, numa banda totalmente em sintonia com as preocupantes notícias que nos vão chegando.
Acho que sim… os *media* também têm as suas formas de aumentar a intensidade dos acontecimentos, mas este clima é algo que sinto há bastante tempo. Para mim, um líder como o Trump e outros desse tipo só amplificam aquilo que já existe. Claro que se trata de uma pessoa terrível, mas o efeito, para mim, é esse, é o de tornar o que já existe em algo muito mais óbvio. Os líderes destes países sempre criaram situações desesperadas e isso é algo que sempre alimentou as minhas letras e o meu imaginário artístico, a diferença é que agora toda a gente está a ouvir com mais atenção. [risos] Dito isto, acho que não é preciso ter referências directas às situações correntes na música. A minha viagem pela música, enquanto artista, tem que se manter inalterada independentemente do que possa estar a acontecer, por mais que isso seja uma influência. Tento falar dos assuntos numa perspectiva de catarse e de escape. Gostava muito mais das bandas punk quando eram menos abertamente políticas, por exemplo, apesar de haver obviamente uma mensagem nesse sentido. E penso isso de todos os tipos de arte – é a diferença entre ver um *blockbuster* de Hollywood ou um filme que passe a mesma mensagem mas de uma forma mais inteligente e mais genuína.

Enslaved

SENHORES DO TEMPO

São uma instituição do metal extremo, uma banda de carácter ímpar, que nunca se deixou influenciar por tendências, modas ou opiniões. O crescimento e reconhecimento que os ENSLAVED têm tido na última década é um prémio mais que merecido pela honestidade intelectual e artística que demonstraram ao longo dos 26 anos da sua carreira. Para nos falar de «E», o 14.º longa duração, ligámos ao simpático guitarrista e membro fundador, Ivar Bjørnson, que sem esconder o entusiasmo com este novo capítulo, nos confessou que se trata do "início de uma nova era para os Enslaved".

POR JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO

No ano passado celebraram 25 anos de carreira e olhando para trás é fácil destacar-vos como uma das bandas mais estáveis e trabalhadoras da cena extrema norueguesa. A que achas que se deve isso? Ao facto de terem posto a música sempre como a vossa prioridade?
Sim, a música foi sempre o mais importante. Soubemos refrescar as fórmulas de composição e sempre demos muita atenção às letras e aos conceitos. O que ficou num segundo plano foi a imagem ou o nível de "trvness", entendes? Isso para nós nunca interessou nada e, talvez por isso, andámos sempre à margem do que ia acontecendo com alguns dos nossos contemporâneos. Acho que essa postura deu resultados a longo termo, mas não sabemos como teria sido se tivéssemos optado por outro caminho, porque nunca estivemos na pele dessas outras bandas. Para alguns deve ter sido entusiasmante viver esse momento e chocar o mundo. Acho que perdemos a experiência de ser temidos pela sociedade, mas para nós, como artistas, isso nunca foi prioridade.

Como vês o caminho que percorreram e o que sentes que ainda podem alcançar?
Se olhares para todo o movimento da música extrema e nos colocares lá no meio, julgo que temos um potencial enorme ainda por explorar. Alcançámos coisas incríveis nestes 25 anos, vivemos experiências com as quais aprendemos muito e que nos ajudaram a crescer cada vez mais como pessoas e músicos. Chegámos a um sítio muito bom, que é onde estamos agora, a viver uma óptima fase na nossa carreira. Ainda assim, não estamos encostados ou resignados, queremos fazer muita coisa e perceber quão longe podemos chegar. E não me refiro sequer a vender discos ou bilhetes, mas sim a explorar novos caminhos e descobrir novos horizontes. Queremos fazer isso sem perder a nossa essência e sem nos desligarmos das nossas raízes e acho que este novo disco consegue precisamente essa ligação entre passado e futuro. Recentemente, tocámos o nosso primeiro álbum «Vikingligr Veldi» na íntegra e antes do concerto dissemos que seria a primeira e última vez que o faríamos. Claro que depois desse pequeno festival, que era o Beyond The Gates, fomos abordados por outros festivais de maior dimensão para repetir a experiên-

cia. É muito bom percebermos que algo que fizemos há 25 anos desperta tanta atenção, mas é importante que entendam que quisemos apenas ter essa experiência de voltar às nossas raízes e de nos ligarmos com a nossa história. É um equilíbrio difícil de alcançar.

Mas não dirias que sempre fizeram isso, que sempre trouxeram um pouco do passado para as vossas novas experiências?
Para nós o espaço Enslaved não é linear. Algo que nos acontece com frequência é estarmos a fazer um alinhamento para um concerto e percebermos que um tema qualquer dos primeiros três ou quatro discos cola perfeitamente com algo que escrevemos em 2015. É algo recorrente, e na maior parte das vezes nem tínhamos pensado nisso antes. Ou então descobrimos que há semelhanças entre o álbum número onze e o álbum número quatro, por exemplo. Acho muito interessante perceber que inconscientemente conseguimos transportar algo do passado para as coisas novas que tentamos criar em cada disco.

Qual é o conceito por trás do «E» (já agora, como deve ser pronunciado)? Sei que é algo complexo, portanto explica-nos como se fossemos muito estúpidos... [risos]
[risos] Não é fácil, não. Antes de mais não definimos como deve ser pronunciado. Será diferente em cada língua. Nós chamamos-lhes "é". Em inglês será "i". É a letra, a runa, que significa a relação entre o homem e o cavalo, mas tem também a ver com a forma, que em latim foi mudada para como a vemos agora, mas que antigamente na história nórdica parecia-se ao que hoje chamamos de M, ou seja, com um cavalo. Acho que tivemos sorte, porque além de gostarmos do conceito, é uma letra que obviamente tem uma ligação com os Enslaved. Por vezes também nos perguntam pelo tema dos Emperor, «The Source Of Icon E» e a resposta é que se nós lhes demos o baterista, eles também nos podem dar a letra. [risos] Por fim, o E representa energia, em física. Aliás, quase todos os significados da letra E se podem associar a nós, excepto o da droga Ecstasy e mais um ou dois.

A morte e noção de mortalidade têm um papel muito importante na vossa história. À medida que envelhecem aumenta a sensação de urgência, por verem o tempo que vos resta diminuir?
Acho que entendi a tua pergunta e diria que sim. Eu tive a minha primeira real compreensão intelectual do que é a morte quando tinha 28 ou 29 anos. E mudou quase tudo para mim. Sobretudo esse termo que utilizaste, esse sentido de urgência, de fazer acontecer agora, porque podemos não ter oportunidade depois. Foi surpreendente para mim, porque leio muito sobre o tema, mas nunca tinha tido essa experiência cara a cara. Para quem tem uma visão satânica ou ocultista da morte, há quase uma percepção poética, porque a morte representa a verdadeira libertação. Para mim a revelação foi perceber que o conceito de morte tem tudo a ver com a vida. Sei que isto parece redundante, mas quando encaras a morte percebes que é isso mesmo. Tem tudo a ver com o que fizeste com a tua vida, coloca-a em perspectiva. Aquela verdadeira contemplação das larvas a dissolverem o que resta de ti... É aí que percebes que o que te parece muito longo é, na realidade, demasiado curto. E isso muda a tua visão daquilo que queres fazer com o tempo.

Este disco marca a estreia do Hakon Vinje como vosso novo teclista/vocalista. O que é que a chegada de um tipo com menos quinze anos do que vocês trouxe à banda?
Tanta coisa. Ele é mais novo do que a própria banda e não só trouxe uma nova força por si mesmo, pelas suas qualidades como músico, como também refrescou o nosso espírito. Tenho a sensação que a presença do Hakon na banda ajudou a elevar este disco a patamares onde não chegaríamos sem ele. Como expliquei, não só pelo que toca e canta no disco, mas pelo que nos motivou a fazer, entendes? Não me interpretes mal, não houve qualquer problema com o Herbrand Larsen [ex-teclista], ele simplesmente perdeu o interesse e a motivação, e isso numa banda como os Enslaved é algo muito sério. Porque, de facto, não há muito mais para te motivar do que o amor à música que fazemos, a inspiração artística. Se queres ser um *sex-symbol* ou tornar-te rico não será certamente a tocar nos Enslaved. Ver o entusiasmo do Hakon e o respeito dele pelo nosso legado foi totalmente inspirador. Por outro lado, o facto de ter apenas 25 anos, mas ter a arrogância saudável de sentir que pode acrescentar e contribuir com ideias... Ele mostrou-nos partes de teclados e vozes limpas, e eu e o Grutle olhávamos um para o outro e só pensávamos: isto é perfeito! Se com o Hakon não tivesse funcionado, teríamos de ter adiado o disco. Felizmente corremos o risco e valeu muito a pena.

Com o «In Times», vocês já tinham recuperado algum do metal mais extremo, e desta vez voltam a seguir esse caminho, só que apostam mais nos contrastes, ou seja, mais calmos nas partes calmas, mais extremos nas partes mais pesadas, certo?
Concordo totalmente. Sempre tivemos a sensação, depois de concluirmos o «In Times», de que esse disco marcava o fim de um ciclo. Pela primeira vez nesse álbum, acho que encontrámos o balanço perfeito entre essas duas vertentes. Era o equilíbrio que queríamos. Não digo que marcou o fim de um ciclo como algo negativo, como se precisássemos de mudar. Acho que foi mais o fim de um processo em que chegámos a esse ponto de equilíbrio. A partir dessa base era altura de fazer algo novo, que é o «E». Tivemos o primeiro período dos Enslaved, de 1991 até 2003, essa é fundação. Depois de 2003 a 2016, tivemos a exploração. E agora temos a síntese desses dois períodos.

Em jeito de balanço, pedimos ao Ivar para nos descrever numa frase cada um dos catorze longa-duração dos Enslaved, nestes 26 anos de carreira. O resultado foi este:
*"Vou tentar ser sintético, porque haveria muito para dizer e as páginas da revista não chegariam... O «**Vikingligr Veldi**» é natureza majestosa. O «**Frost**» é o disco em que, pela primeira vez, fizemos uma abordagem psicológica à mitologia nórdica. O «**Eld**» é um álbum muito especial para mim e para o Grutle, onde nos envolvemos muito e aprofundámos o que fizemos antes. O «**Blodhemn**» explora a violência nas culturas pré-monoteístas. O «**Mardraum**» marca a introdução de psicadelia na música dos Enslaved. O «**Monumension**» talvez seja demasiado psicadélico. O «**Below The Lights**» é o primeiro disco a misturar os novos e os antigos Enslaved. O «**Isa**» foi a prova de que a nova formação era a melhor até então. O «**Ruun**» é uma grande aventura pelo misticismo das runas. O «**Vertebrae**» é uma declaração de integridade. O «**Axioma Ethica Odini**» é uma reacção a todo o pensamento dos discos anteriores e, finalmente, um álbum directo. O «**RIITTIIR**» é um passo determinante em direcção aos Enslaved de hoje, com a integração de elementos mais progressivos. O «**In Times**» assinala o fim do período exploratório dos Enslaved e a chegada a algo novo. O «**E**» é impossível saber, para já, mas acredito que pode ser o* game-changer *para nós."*

ASSINA A LOUD!

E VAI À BORLA VER OS ALTER BRIDGE OU OS SOEN

SE ASSINARES A LOUD!:

- Poupas dinheiro, porque compras a LOUD! ao preço antigo
- Recebes a LOUD! no conforto do lar sem o mínimo esforço adicional
- Podes começar a ler a LOUD! antes de chegar às bancas

SE OPTARES PELA SUBSCRIÇÃO LOUD! PREMIUM VAIS – SEM QUALQUER SORTEIO! – A UM DESTES CONCERTOS.

Para tal, basta que efectues a tua transferência e nos envies o respectivo comprovativo para **assinaturas@loudmagazine.net**, a partir das 12:00 do dia 8 de Outubro. Os novos assinantes têm direito a uma entrada para o concerto desejado dentro do limite do stock existente. **Sejam rápidos!**

SE, POR ACASO, OS DEUSES ESTIVEREM LOUCOS E NÃO QUISERES IR A UM DESTES CONCERTOS, COM CHANCELA DE QUALIDADE PRIME ARTISTS E FREE MUSIC, RESPECTIVAMENTE; NÃO DESESPERES! PODES TAMBÉM ESCOLHER COMO PRÉMIO DE ASSINATURA O DISCO ESTREIA DOS PORTUGUESES SON OF CAIN, «LOWLIFE 69», UM LANÇAMENTO HALF BEAST RECORDS.

LOUD! BASIC
[ASSINATURA ANUAL EM PAPEL]
36€ (DESCONTO DE 14%)

LOUD! PREMIUM
[ASSINATURA ANUAL EM PAPEL E DIGITAL]
45€ (DESCONTO DE 32%)

ASSINA JÁ!

O pagamento pode ser feito por cheque ou vale postal em nome de Pessoal do 13 - Publicações, LDA. e remetido para a nossa morada ou, mais simples ainda, por transferência bancária (num multibanco não existem quaisquer comissões de transferência) para o seguinte NIB: 0036 0027 99100151466 59.

Essencial é também o envio do nome completo, número de BI, morada, contacto telefónico e e-mail, assim como o comprovativo da transferência, para o endereço assinaturas@loudmagazine.net

Se resides no estrangeiro, a LOUD! pode chegar a ti pelo correio na mesma. Envia e-mail para o endereço referido acima a pedir informações.

* Atenção! Não adianta enviarem o comprovativo antes das 12:00 do dia 8/10, porque a promoção só é mesmo válida a partir dessa hora.

WE CAME AS ROMANS
COLD LIKE WAR

"More authentic than ever!
»Cold As War« is brutal, full of energy, yet emotional!"
FUZE (GER)

CD | DOWNLOAD - IN STORES **20.10.**
DIGITAL SINGLE "COLD LIKE WAR" AVAILABLE

POLARIS is a five-piece progressive metalcore band from Sydney's south

POLARIS
THE MORTAL COIL

CD | DOWNLOAD - IN STORES **03.11.**

BREATHLESS, AWESOME, AND EMOTIONALLY FUELED POP-PUNK FROM THE USA

WORLD WAR ME

CD | DOWNLOAD - IN STORES **06.10.**
DIGITAL SINGLES "THE GOOD ENOUGH"
AND "BREAK A LEG KID" AVAILABLE

company records

WWW.SHARPTONERECORDS.CO | WWW.FACEBOOK.COM/SHARPTONERECS
YOUR MUSIC. YOUR LIFE. YOUR SHOP: SHARPTONE.NET

SHARPTONE

LOUD! DJ

DECAYED

Se há banda nacional que dispensa apresentações, são os DECAYED. Há quase três décadas que esta instituição do black metal português, ou como gostam de lhe chamar, do *Lusitanian black fucking metal*, caminha imparavelmente, sempre guiada com mão de ferro pelo seu único membro fixo, o guitarrista J.A.. Já era, portanto, mais que altura de convidar esta ilustre figura para o desafio do LOUD! DJ, ao qual o músico respondeu sem medos, como é seu apanágio.

VENOM INC.

«Dein Fleisch»

Do álbum «Avé» [2017]

Uma abertura ao mesmo tempo óbvia e potencialmente complicada. Como é natural, os Venom são uma influência importante para os Decayed, isso nem é preciso perguntar, mas… e então os Venom Inc., que reúnem a formação que gravou, por exemplo, o «Prime Evil», com um tema novinho, acabado de ser editado? Será que o J.A. vai lá?

***J.A.*:** [pausa] Isto é recente, posso dizer que é recente. E tem peso!

Para já, concordamos com tudo.

***J.A.*:** Eu acho que já ouvi isto, mas não faço ideia do que seja. [entretanto avançamos para a «Blood Stained» para ver se há alguma pista sonora que ajude] Guitarras processadas, bateria *triggada*… é, isto é recente. É-me familiar, mas acho que não vou lá. Conheço bem esta voz… Seja o que for, é fixe. Esta especialmente, mais do que a anterior. Esta é mais a minha onda.

Conheces este vocalista, conheces. Vê lá se sabes quem é aqui. [pomos a tocar o «Prime Evil» do princípio]

***J.A.*:** [ainda nos segundos iniciais da *intro*] Ah! Eu estava quase a dizer que parecia Venom. Portanto, é o álbum dos Venom Inc.?

Certíssimo!

***J.A.*:** Pois, ele fez ali uma gargalhada no fim daquele tema que era característica. Ainda bem que meteram isso, estava curioso, e assim já sei que vou ter que ir ouvi-lo com atenção. Ainda não tinha ouvido nada, tenho tido pouco tempo, e já percebi que está muito fixe. Soa a "qualquer coisa", embora a voz dele esteja um pouco mais grave.

Escusado será dizer que os Venom são importantes para ti. Incluindo esta formação?

***J.A.*:** Sim, por acaso adoro este álbum, o «Prime Evil». Quando saiu comprei-o logo… lembro-me perfeitamente de estar nas escadas do salão de jogos de Cascais, num dia à tarde, a beber umas bejecas e a ouvir no *walkman* a cassetezinha. [risos] O pessoal a perguntar-me o que era, eu a dizer que era o novo de Venom, e eles a dizerem "*então mas isso ainda existe?!*" E eu, "*existe, existe…*" Adorei quando saiu e continuo a ouvi-lo bastante. Aliás, Venom, até este álbum, precisamente, gosto de todos.

Faz-te confusão haver dois "Venoms" hoje em dia?

***J.A.*:** Nenhuma. O dinheiro governa o mundo. Por isso…

BATHORY

«Distinguish To Kill»

Do álbum «Requiem» [1994]

Temos sempre que dar uma "voltinha", para o J.A. não nos adivinhar isto ao fim de um segundo como acabou de fazer com o tema antigo dos Venom. Neste caso, o truque foi o de ir a um dos últimos temas de um disco que não será propriamente dos favoritos de nenhum fã dos Bathory, digamos. Ainda assim, uma *thrashalhada* bem malévola.

***J.A.*:** Ah, espera, eu conheço isto… só me falta ouvir a voz. [seguindo na perfeição o riff] *Ra-ta-ta-ta-ta!* [ainda antes da voz] Eu tenho isto, é Bathory. Espera aí… é do «Requiem»

***Nailed!* Grande influência também, não é?**

***J.A.*:** É a segunda maior. Embora este álbum… enfim, também não está mau. Não é dos melhores, mas é melhor que o «Octagon», por exemplo. Esse acho que nem tenho. Comprei-o quando saiu e passado uns anos acabei por o vender. A única música que eu gostava era a *cover* dos Kiss! [risos] Mas este ainda gosto, quando ouço a discografia passo sempre por ele.

Qual é o teu favorito?

***J.A.*:** O «Under The Sign Of The Black Mark». Não foi o primeiro que ouvi, mas quando o ouvi passei-me da cabeça. Tem um som um bocado fatela, que o pessoal do black metal adora, e o próprio Quorthon chegou a dizer que era o álbum de que gostava menos, precisamente por causa do som. O gajo quando veio cá a Almada e disse isso eu fiquei a olhar para ele em choque. É o meu favorito, disse-lhe eu, e ele "*tudo bem, na boa, cada um na sua!*" [risos] O gajo era todo *hippie*, foi tudo boa onda. Mas eu concordo com a opinião dele em relação ao som, sempre achei que esse álbum com um som mais potente teria ficado ainda melhor.

MAYHEM

«Chainsaw Gutsfuck»

Do álbum «Deathcrush» [1987]

Sabemos bem que o J.A. é mais "primeira vaga" do que segunda, particularmente norueguesa… mesmo assim, a javardeira que se passa nestes primórdios dos Mayhem merece fazer parte do compêndio mental de qualquer praticante das negras artes.

***J.A.*:** Eh lá… [risos] Que som tão podre!

Uma podridão do pior, realmente.

***J.A.*:** Fez-me agora lembrar uma coisa, Tyrant. Os suecos. O som é nesta onda. Estes gajos são fortemente influenciados pelo início dos Mayhem, não?

São mesmo, a 100%. Uma influência total como mais ninguém tem.

***J.A.*:** Ah, é mesmo Mayhem! [risos] Estava-me a soar imenso a Mayhem, já percebi porquê.

Já na altura não ligavas muito às cenas norueguesas. Continuas a não ligar?

***J.A.*:** Continuo… Lá está, eu conheço isto porque ouvi na altura, mas não tenho quase nada dos gajos. Da Noruega tenho pouca coisa. Gosto dos quatro primeiros de Burzum, tirando a voz, que é insuportável. Aliás, este estilo de voz em geral não gosto muito, tenho muitos problemas com a "típica" voz do black metal. Gosto mais de uma cena mais antiga, para mim o Quorthon é que é a voz do black metal. Para mim, o apogeu dos Mayhem são aquelas duas músicas que eles gravaram com o Dead para uma compilação. O Dead era um vocalista à antiga, tinha voz, tinha "corpo", soa-me muito melhor que o Maniac.

WHIPLASH

«Thrash 'Til Death»

Do álbum «Thrashback» [1998]

Tecnicamente, o tema é bem mais antigo que isso, tendo já aparecido na *demo* de 1984, «Thunderstruk». O «Thrashback» é precisamente o disco que vai recuperar a formação de trio, hilariantemente com todos os membros chamados Tony qualquer coisa. O mais importante é que é esta malha que vai acordar o *thrasher* que há dentro do J.A.!

***J.A.*:** [imediatamente] Ui! Isto é Whiplash. É o álbum «Thrashback». É a edição que tem um bónus com as *demos* e os *lives*. «Messages In Blood», ou lá o que é. A música aqui até está mudada.

Não se discute com um especialista! Olha, o thrash a ti diz-te muito, não é?

***J.A.*:** É o meu estilo de música favorito. Quando é bem feito – e falo do thrash clássico, os Slayer, Kreator, Destruction, Sodom, Necronomicon, por aí – é mesmo aquilo que me agrada mais. Se bem que hoje há bandas novas que conseguem quase chegar a esse nível. Aqueles Stallion, por exemplo, fiquei muito surpreso com os gajos. Têm mesmo aquele *feeling* dos anos 80, mas com um som moderno.

O thrash foi a primeira coisa extrema que ouviste, ou levaste com tudo um bocado ao mesmo tempo?

***J.A.*:** Em 1986 vi uma banda pesada na televisão, e fiquei naquela, isto é interessante… e fui à procura na rádio de estações que passassem aquele estilo de música. Na altura havia as rádios pirata, e havia pelo menos dez que passavam programas de heavy metal. Eu colava autocolantes para saber a hora e a sintonia de cada programa, e era só meter o manípulo no sítio certo. Comecei logo a gravar cassetes, e pronto, levei com tudo ao mesmo tempo.

E estava tudo muito menos dividido…

***J.A.*:** Claro, apanhava-se com coisas que não fazíamos ideia o que eram. Desde que tivesse uma guitarra com distorção e uma bateria a fazer barulho, era o que um gajo queria! Se fosse thrash ou death ou fosse o que fosse, até hard rock um gajo ouvia porque tinha barulho. Enfim, hard rock daquele mais pesado, depois quando começaram a aparecer aqueles tipos de L.A. todos pintados, já era outra coisa… esses gajos estavam enganados! [risos]

AUTOPSY

«Twisted Mass Of Burnt Decay»

Do álbum «Mental Funeral» [1992]

O LOUD! DJ é fã dos Autopsy, fica a confissão feita. É frequente tocarmos alguma coisa da banda norte-americana nas nossas sessões, mas poucas vezes chega à versão final do artigo porque, tristemente, não é comum obter grandes reacções. Antes de pôr o tema a tocar, dissemos isso ao J.A., naturalmente omitindo o nome da banda. Só para meter um bocadinho de pressão extra.

***J.A.*:** [imediatamente, mais uma vez] Ui! A sério que ninguém sabe o que é isto? Os Autopsy?!

Às vezes até sabem, mas não há grande entusiasmo.

***J.A.*:** Isto para mim é dos melhores sons de bateria que alguma vez foi gravado. Se não tivesse esta bateria tribal, isto não ia soar ao mesmo. É top 50, este álbum, para mim. Ah, eu tenho um top 50. Não tenho top 5 porque não dá, é muita coisa, mas tenho um top 50. Está cheio, já, não cabe lá mais nada. [risos] E este está lá. Consegui comprar o vinil verde, passados dois ou três anos depois de ter saído. Adoro, é mesmo um disco de topo. E reconhece-se logo assim que começa por causa da produção. É death metal da maior qualidade.

Não chafurdaste muito no death metal?

***J.A.*:** Não, só chafurdei antes de ficar "ultra brutal" e ultra técnico. Gosto muito dos primeiros de Entombed, Unleashed, Morbid Angel… tudo o que é death metal antes do brutal/técnico, eu adoro. Mas depois, com aquelas vozes que já não se percebe uma palavra do que eles dizem… eu na altura, quando bebia uns copos, culpava as bandas que chamava os "ions", os Suffocation, os Immolation, por aí fora. Se bem que o primeiro dos Immolation ainda é muito bom. Mas pronto, depois de 1994 deixei de acompanhar o death metal.

Mas olha que nos últimos anos há muita gente a voltar aqui ao reino da podridão dos Autopsy. Os próprios incluídos.

***J.A.*:** Sim, é verdade. O Pedro Pedra de vez em quando manda-me cenas que eu ouço e acho que estão muito porreiras. É cíclico, o que é bom felizmente acaba por voltar.

FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM

«Abadia Do Fogo Negro»

Do EP «A Era Do Abutre» [1995]

Terminemos com um contemporâneo (e outro cavalheiro que, tudo correndo bem, não ficará muito mais tempo sem sentir o peso do LOUD! DJ) dos Decayed, e um lançamento icónico para o black metal nacional, um EP que marcou também uma época. Certamente que os pares se reconhecerão entre si…

***J.A.*:** Também conheço isto logo do início. É o *mister* Filii Nigrantium Infernalium!

Tens seguido o que eles continuaram a fazer?

***J.A.*:** Tenho sim, tenho os álbuns todos. Actualmente está diferente, o que é natural, ao fim de vinte e tal anos, um gajo muda a cena. Pessoalmente, acho que nesta altura tinham um som muito próprio, muito característico, e soavam mesmo só a Filii. O primeiro álbum já é um som diferente, tal como o último. É um bocado o efeito de uma banda parar muitos anos, quando reaparecem, o som é necessariamente diferente. Se tivessem estado sempre a fazer lançamentos, a malta ia acompanhando a progressão, agora, sem esses passos pelo meio, é mais difícil. Como eu, vou ouvir os meus discos, se ouvir o primeiro e depois o último, são completamente diferentes. Se não tivesse editado nada entre eles, era um choque grande.

Era importante para ti nesta altura haver outras pessoas a fazer black metal em Portugal, mesmo que fosse diferente?

***J.A.*:** É sempre bom haver pessoas a fazer coisas na mesma onda, mas eu também nunca fui muito "do" black metal, é a tal coisa… Eu gostava de outras coisas e isso atrofiava um bocado o pessoal dos Moonspell, ou melhor, dos Morbid God, por exemplo. Eu ouvia Deicide, Unleashed, Megadeth, Metallica… Eles eram um bocado mais novos e eram mais "quadrados", era só aquilo e só podia ser aquilo e não se podia passar daquilo. [risos] E eram todos assim, eram muito unidos e aquilo era uma cena muito fechada. Já o Belathauzer não era tanto assim, ele já era mais como eu, ouvia outras coisas. A ideia que tenho é que eu era mais virado para o metal mais clássico, e ele para o punk e para as coisas esquisitas. Tanto eu como ele éramos, por isso, um bocado separados dos gajos dos Moonspell, que tinham mesmo aquela fixação com o black metal.

BRANT BJORK

DO DESERTO PARA A ESTRADA

Kyuss e Fu Manchu são apenas dois, os mais conhecidos, dos muitos projectos em que BRANT BJORK participou ao longo das últimas décadas. Com um novo trabalho na calha, «Europe '16», o primeiro registado ao vivo, o músico norte-americano regressa por fim a Portugal para uma data-dupla em Outubro. Os concertos do Cave 45 e RCA Club serviram como uma óptima desculpa para falarmos com um baterista que, nos entretantos, se converteu à guitarra. POR EMANUEL FERREIRA

«Europe'16» é um disco que regista a última digressão europeia, e entras noutra para promover o disco. Há aqui um certo amor pela estrada.
Gosto de actuar e face a diferentes públicos e em lugares variados, por isso, fazer digressões é algo que tenho de fazer. Tenho de ir para a estrada partilhar a minha música com as pessoas. Também gosto de estar em casa com a família. Adoro as duas coisas.

Foram mais de vinte anos de carreira até editares um disco ao vivo.
Sim, durante todos esses anos, gravei um vasto conjunto de concertos, tenho um arquivo bastante grande de registos ao vivo, mas nunca encontrei um que pudesse ser o primeiro a editar, já que pode ser marcante na carreira e definir a minha discografia ao vivo, no futuro. Este disco faz sentido quer no registo, no som, quer na banda que possuo e no momento que foi gravado.

Fazes-te acompanhar dos Low Desert Punks, a tua banda de digressão.
Sim, Bubba Dupree na guitarra, Dave Dinsmore no baixo e Ryan Güt na bateria.

Percebe-se o alinhamento do disco, pois estavas a promover um trabalho a solo e com os Low Desert Punks já tinhas feito um par de álbuns… mas muitos fãs certamente gostariam de ver aqui alguns temas do teu passado, particularmente dos Kyuss.
É difícil explicar, muitas vezes entendo a minha base de fãs, outras sinto que não os entendo completamente. Tenho uma boa quantidade de trabalho feito, diversos discos a solo, outros com bandas em que estive envolvido. É difícil abranger tudo isso numa hora ou duas de actuação. Prefiro pegar num grupo de temas com que eu e a banda do momento nos sentimos bem a fazer e achamos que fazem sentido, e tocar isso ao vivo. Tudo gira à volta da actuação, do *feeling*, da noite em que as vamos tocar.

Sendo o desert rock um movimento nascido nos Estados Unidos, e estando o nome Brant Bjork tão ligado a ele, é uma honra para os europeus que o teu primeiro disco ao vivo não só seja gravado no velho continente, como leve o próprio nome «Europe'16».
A Europa tem sido o local que mais amor me tem dado na minha carreira. Tenho recebido muito amor do Canadá, da Austrália e espero experimentar a América do Sul este ano, mas tenho recebido tanto carinho do público europeu nestes anos todos, e tem sido tão importante para a minha carreira, que é uma honra poder chamar ao meu primeiro disco ao vivo «Europe'16».

Cresci com um grupo de músicos no deserto e nunca pensámos em ser considerados fundadores seja do que for. Não sei se serei o padrinho [do stoner rock], sou apenas um músico.

Falando desse amor, é curioso contaram-me uma história de teres imposto a data no Porto.
Já não me lembro dos pormenores, mas sim, aconteceu isso. Recordo-me de lá ter tocado com os Kyuss Lives!, e estou realmente ansioso por voltar à cidade.

Em alguns meios chamam-te o padrinho do desert rock, como te sentes face a um título assim?
É lisonjeiro, mas cresci com um grupo de músicos no deserto e nunca pensámos em ser considerados fundadores seja do que for. Não sei se serei o padrinho, sou apenas um músico.

Mas tenho notado que nunca te afastaste do movimento ao fim de todos estes anos, e ainda reconheces nomes novos e frescos no meio.
Sim, antes disso nunca me sentia associado a nada, agora apenas sinto que integro uma subcultura, nada mais que isso.

No entanto é toda uma subcultura que vai para lá do desert rock, integra também o stoner, o psych e que cresceu em muito a partir daquilo que as bandas que integraste fizeram.
É parte da história do rock, uma arte que é ainda recente, criada nos anos 50. Na minha música incorporo elementos de blues e jazz, mas o rock foi o que nos influenciou no deserto. Contribuimos para a evolução do rock, mas muito disso teve a ver com o ambiente que nos rodeava no deserto. Não acho que tivéssemos sentido que estávamos a descobrir algo, apenas a fazer música que nos soava bem e parecia autêntica. Não esperávamos ser conhecidos, ou reconhecidos por isso. Dei o meu primeiro concerto aos treze anos, sabia que era aquilo que queria fazer e é o que faço ainda hoje, ser músico.

Um músico que passou de baterista para guitarrista e vocalista. Quando aconteceu isso?
Peguei numa guitarra pela mesma altura que aprendi a tocar bateria, no momento de formar uma banda, já havia guitarrista e sobrou para mim a bateria. Todos os temas dos Kyuss que compus, foram criados na guitarra e também cantava. Com os Fu Manchu foi a mesma coisa, por isso quando comecei a carreira a solo, a fazer a minha música e a tocar os meus temas, pareceu natural usar a guitarra e a minha voz. Depois veio o momento de tocar ao vivo, e pareceu-me natural, além de que cantar e tocar guitarra era a melhor forma, para mim, de guiar a banda. Adoro tocar bateria, mas tocar guitarra e cantar parece-me mais natural.

Como está a tua relação hoje com Fu Manchu?
Somos amigos, tenho uma boa relação com o Scott Hill, ainda há pouco estivemos juntos por ocasião de um aniversário. Adoro esses tipos e considero-os bons amigos, aprecio que ainda estejam por aí a dar concertos. Quanto a trabalhar com eles no futuro, não é algo a que me oponha, mas não creio que nenhuma das partes esteja a pensar nisso, estamos satisfeitos com o que fazemos agora.

Quando editaste o último disco mencionaste que estarias a terminar o contrato com a Napalm, agora editaste este trabalho ao vivo. Como está essa situação?
Neste momento estamos a falar da possibilidade de prolongar o meu contrato. No passado nunca tive problemas em dizer que a Napalm é uma editora com a qual discordo e nem sempre compreendo as coisas que fazem, e houve momentos em que nem sempre estive contente com o trabalho deles, mas tenho que lhes reconhecer terem sido imparciais na divulgação dos meus discos e terem-me sempre apoiado na divulgação e nas digressões. Por tudo isso estamos a discutir a hipótese de ficar por mais um disco.

Há muita da tua discografia que se encontra esgotada e os discos são difíceis de encontrar. Há planos para resolver isso?
Sim, tenho falado com o meu *manager* sobre a reedição dos meus discos. Tenho muitos álbuns e não vou dizer que vamos reeditar todos de momento, mas queria voltar a ter alguns títulos disponíveis e penso mesmo em editar uma compilação, que contenha um par de temas de cada disco a solo, algo assim.

E os concertos desta digressão, vão ser centrados no disco ao vivo?
Na última digressão já abordámos o último disco de estúdio e isso aparece no «Europe'16», que exploramos muito bem, por isso vamos tocar os velhos temas e também outros que nunca tocámos antes. Vamos visitar temas do início da minha carreira a solo. Por vezes perguntam-me porque não toco temas dos Kyuss ou dos Fu Manchu, mas essas músicas foram escritas para essas bandas. Não quero tocar temas de cada grupo em que estive, quero concentrar-me em tocar músicas apenas da minha carreira a solo, porque é isso que faço hoje.

HOURSWILL

VIL ABRAÇO DOS QUE LOUVAM DEUS

Depois da boa estreia que foi «Inevitable» em 2014, os HOURSWILL estão de volta com novo disco. Com esse trabalho chega um novo vocalista e uma vontade redobrada em vingar no metal nacional. Argumentos não lhes faltam. Contando agora com Leonel Silva dos Mindfeeder, o quinteto progressivo tem em mãos um segundo trabalho de óptima qualidade, onde não faltam alguns convidados de nomeada. Sobre «Harm Full Embrace» e dedos apontados a poderes instalados, sentámo-nos à conversa com o guitarrista José Bonito e o baterista Nuno Peixoto. POR NELSON SANTOS

Como olharam para este novo disco? Quiseram, objectivamente, fazer coisas diferentes das que tinham feito na estreia «Inevitable»?
José: Neste álbum tivemos aquela sensação de libertação e de congregação. Ou seja, sem problemas em deixarmos vir ao de cima as nossas influências e a música foi surgindo de forma bastante rápida. Quanto a mim, já é um passo à frente em relação ao «Inevitable». Este disco demorou menos tempo a fazer e não quisemos estar a racionalizar muito a música.
Nuno: O disco anterior é mais compacto e mais directo. Este trabalho é muito mais abrangente; as músicas têm refrães definidos, há dedilhados... No «Inevitable» não tivemos espaço para isso. Era mais um conjunto de ideias em bloco, não tão trabalhadas e, desta vez, fizemos as coisas de uma forma mais fluida.

Uma das novidades de «Harm Full Embrace» é o vocalista. Porquê a mudança e como acabaram por optar pelo Leonel Silva?
José: O Nuno Damião, o nosso anterior vocalista, teve problemas de saúde e acabou por sair da banda. São coisas que acontecem e foi o melhor para ambas as partes. Contactámos então o Leonel e acho que o trabalho fala por ele.
Nuno: Ele próprio quis fazer algo que nunca tinha feito. A prova que o Leonel é capaz de ir a outros espectros para além daquilo que lhe conhecíamos, está aqui neste disco.
José: Ele conseguiu perceber-nos. Quando lhe mostrámos as músicas, o *click* foi muito rápido – começou logo a processar sobre refrães, melodias vocais... Adaptou-se bem. Depois, foi só uma questão de se enturmar sobre o nosso âmbito lírico e as letras são todas dele. Para o tempo que teve, acho que fez um trabalho notável.

Um aspecto que também contribui para o crescimento dos Hourswill como banda é a própria produção deste segundo trabalho. Como foi a experiência de gravar com o Fernando Matias?
José: Nas primeiras abordagens que fizemos a pessoal para nos produzir o álbum, o Fernando foi o tipo que se mostrou mais entusiasmado. Nunca tinha trabalhado este tipo de som e este género de música, e o currículo fala por ele. Para todos nós, foi uma experiência de estúdio muito boa.
Nuno: Foi algo muito enriquecedor. Ele é uma pessoa de um trato excepcional. O Fernando usa processos muito simples, põe os músicos completamente à vontade e é muito fácil trabalhar com ele.
José: No primeiro disco, fomos nós que trabalhámos o som. Agora, queríamos alguém exterior à banda e foi engraçado ver a perspectiva que o Fernando Matias deu aos Hourswill, tanto através da gravação, como da mistura. Hoje em dia é tudo muito estereotipado e há muito pouca orgânica no metal. Usa-se só um determinado tipo de frequências... e nós fugimos disso. E não estamos assim tão errados, porque os músicos antigos também falam disso. O álbum é muito dinâmico e o Fernando ajudou-nos nesse aspecto.

E tem aqui alguns convidados que o tornam ainda mais dinâmico. Querem falar-nos da história por trás de cada uma das participações?

José: São amigos e são participações que nos enchem de orgulho. No tema «Everyday Sage», eu tinha uma peça acústica e visionei uma guitarra clássica. Lembrei-me do João Paulo Farinha, com quem toquei nos Thragedium e ele acedeu prontamente. Nesse tema está também o violoncelo do Valter Freitas, que é nosso vizinho de sala de ensaios, com os Opus Diabolicum. Depois, na música «Mass Insanity», nós estávamos ali a teimar com uma parte de voz que não saía muito bem. Certo dia, o Rick [Chain, Besta/Sinistro] estava lá no estúdio e perguntei-lhe – "*Ouve lá, não queres ir ali experimentar fazer uma coisa?*" E fez-se. Os guturais que lá estão, são dele. O Fernando estava a trabalhar connosco e foi-se envolvendo naturalmente em texturas de teclados.
Nuno: Não foi pensado, do tipo vamos convidar esta ou aquela pessoa. Não. Foi acontecendo. Quando começámos a fazer o álbum, nem pensámos que iríamos ter convidados.

Vocês tocam um som progressivo, mas não excessivamente técnico, o que leva por vezes a comparações com os Nevermore; atentemos logo no tema inicial, por exemplo. É uma influência?
José: Sanctuary!
Nuno: Por acaso, somos sempre um pouco conotados com Nevermore mas, se calhar, gostamos mais de Sanctuary.
José: Não digo que os três primeiros discos dos Nevermore não sejam importantes para nós, sim, gosto muito, mas temos mais a ver com Sanctuary. Diz-nos mais, como banda.
Nuno: Eu até compreendo as comparações; é inevitável, as influências vêm ao de cima, sem darmos conta. Mas lá está, enquanto no «Inevitable» acontecem muitas coisas ao mesmo tempo, é mais bruto, diria; neste disco optei por fazer uma abordagem mais simplista, mas que resulta melhor na música em si. Aquilo que o tema me pede é o que faço. Não vou estar a encher isto com brilhantismos ou com muita técnica, até porque não tenho. [risos] Eu gosto de bateristas antigos e clássicos como o Cozy Powell, Mikkey Dee, Tommy Aldridge; Sepultura e Kreator também ouvi muito, embora não pense muito nos outros quando estou a tocar.

E no teu caso, Zé, é curioso porque tiveste bandas numa onda mais doom nos anos 90 e eras baixista. Há uns anos para cá surges como guitarrista e a tocar metal progressivo...
José: À medida que vou ficando mais velho, a minha fonte de alimentação aumenta. [risos] E quando faço a transição para a guitarra, descubro um mundo novo. Não tenho pretensões a ser o melhor guitarrista do mundo, nem nada que se pareça. Tento escrever e tocar os meus temas, o melhor que consigo. É óbvio que a música que um gajo ouviu, e a que ouve hoje em dia, vai sempre influenciando, nem que seja ligeiramente. Mas são coisas obscuras que as pessoas não ouvem, nem conhecem. Há uma coisa ou outra nova interessante mas, basicamente, ouvimos os discos novos das bandas velhas. E olha que pouco desiludem.

Além da música, este novo trabalho denota também alguma profundidade conceptual. Há aqui críticas – umas menos subliminares que outras – à religião, por exemplo. A figura na capa de «Harm Full Embrace» representa alguém oprimido por um abraço maléfico?
Nuno: Sim, podemos ver as coisas assim. A parte lírica é toda do Leonel. Os temas que lhe demos para ele poder expor andavam em torno dos podres do mundo, incluindo a religião, claro. Tudo o que domina as massas e a sociedade. Esses anéis que estão na capa representam isso. Cada mão tem um anel que remete para um poder, desde a religião à política.
José: A temática inicial foi ideia nossa, mas depois o Leonel trabalhou isto muito bem. Os dois últimos temas do álbum teriam de ser «At Harm's Embrace» e «Abyss Syndrome», que já será o fim da coisa, mas a ponte para algo. Pelo que ele já nos transmitiu, esse será o conceito que vai abrir a porta daquilo que será explorado no terceiro álbum.
Nuno: E a capa deste disco é a visão do artista Pedro Rego sobre a ideia que lhe expusemos dentro desse conceito. Quanto a mim, é um excelente trabalho. É uma pintura magnífica.

O disco anterior é mais compacto e directo. Este trabalho é muito mais abrangente; as músicas têm refrães definidos, há dedilhados... é um álbum mais fluido.

VIDA NOVA

Christoph "Tiger" Bartelt é baterista e fundador dos KADAVAR, que lançam este mês o novo «Rough Times». Entre erguer um estúdio e ser pai, lá arranjou tempo para contar à LOUD! como foi criar este quarto trabalho do trio alemão.

POR EMANUEL FERREIRA

Vocês não só gravaram um novo disco, como também montaram um estúdio. Têm andado ocupados!
Sim, há algum tempo que procurávamos um novo espaço de ensaio e encontrámos esse lugar no início deste ano. Para mudar a sala de ensaio e o estúdio, tivemos de fazer algumas obras. Trabalhámos durante dois meses e meio, isolámos tudo acusticamente, construímos a sala de controlo, metemos cabos eléctricos, até construímos alguma da mobília de que precisávamos. Foi um grande projecto e agora temos um novo lar. Todos os dias que entramos lá, sentimo-nos bem, é um bom sítio.

Desde «Berlin» que estão a criar o vosso próprio som, a afastarem-se do stoner que vos caracterizou de início.
Sim, esse álbum talvez seja um ponto de viragem. Em cada disco que fazemos, tentamos que seja um pouco diferente do anterior. Não tomámos decisões de como devemos soar, mas queremos evoluir. A cada passo tentamos quebrar barreiras, e neste mais que

nos anteriores. Tentámos fazer coisas que não tínhamos feito antes, em particular com este espaço em que ninguém nos observava e podíamos soar como nos queríamos ouvir. Foi uma experiência, também.

Neste disco, há como que dois lados, uma primeira parte mais convencional e outra com temas mais afastados da vossa linha. «The Lost Child» é dos temas mais melódicos da vossa carreira.
Pode-se afirmar isso, sim. Este disco contém alguns temas que poderão ser mais fáceis de ligar aos nossos anteriores trabalhos e outros menos óbvios, mesmo experimentais, Também «A L'Ombre Du Temps», *spoken word* que nunca tínhamos experimentado, e ainda por cima em francês. Há toda uma *vibe* de southern rock… quando a primeira parte do disco estava terminada, comecei a pensar no que poderíamos fazer mais, como se o álbum estivesse incompleto ou ainda houvesse algo que poderíamos experimentar, e que nunca tivéssemos feito. Por ter sido dessa forma, encontras esses temas no que será o lado B do vinil.

Algo comum nos anos 70, em que se usava o lado B para experimentalismos.
Há muitos discos em que foi assim, outros continham uma *jam session* no lado B, que é algo *cool* e que não seria uma má ideia experimentar um dia, não que esteja já a pensar num novo disco. Mas como dizes, este trabalho tem dois lados diferentes, definitivamente.

No último trabalho, os vídeos tiveram um forte papel na divulgação do disco. Como vai ser desta vez?
Esta noite vamos filmar um vídeo e já será o terceiro para o disco, quando ainda faltam dez dias para o lançamento. Neste momento estamos a terminar o período de promoção, mas se tivermos tempo suficiente, ainda gostávamos de voltar a gravar mais um. Talvez para o próximo ano. Não somos obrigados a gravar os vídeos, mas gostamos de o fazer.

Aqui em Portugal, estávamos à espera de escutar temas novos já em Agosto, na vossa visita ao SonicBlast. Quando vos vamos poder ver?
Ainda não sei se te posso dizer tudo, mas vamos regressar a Portugal rapidamente. Já há planos para isso. Aproveito para pedir desculpa a quem contava ver-nos no festival, não sei o que foi dito, mas estava à espera de ser pai por essa altura e queria estar presente para o nascimento da minha filha. Ela acabou por nascer mais cedo que o festival. Não gostamos de cancelar concertos, apenas o fazemos se houver uma forte razão como essa. Vamos tentar voltar na próxima oportunidade.

Um novo disco, novo estúdio e uma filha. Penso que estarás a tornar-te uma pessoa diferente.
Sim. Já sinto como ela está a mudar a minha vida profundamente, e apenas sou pai há algumas semanas. Ainda não sei como será nos próximos anos, mas estou preparado para essa jornada. Para já apenas posso dizer que era algo que sentia que estava a faltar à minha vida.

Talvez ainda seja cedo para perguntar, mas sentes que afecta a forma como vês o mundo que te rodeia?
Para já, vejo os meus pais de uma forma completamente diferente. Vejo tudo o que passaram, mesmo que eu ainda esteja no princípio. Começo a entender o esforço que fizeram ao criar quatro filhos, e sei que vou ver o mundo de uma forma diferente, quando a minha filha começar a aprender, a falar, a perguntar sobre coisas. Sei que irá virar a minha vida de pernas para o ar, e irei ver tudo de outra maneira.

Voltando ao disco, talvez seja apenas eu, mas olho para a capa e penso numa Angela Merkel ainda jovem.
[risos] Não sei quem é a loira da capa, mas o corte de cabelo é semelhante. Ainda ninguém me tinha dito isso, mas vou contar ao resto da banda. O corte de cabelo é o mesmo, felizmente que não podemos ver debaixo da caveira!

Vocês são uma banda de clubes, mas cresceram rápido e torna-se complicado tocarem nesses lugares… como vão fazer?
Ainda há alguns clubes que são suficientemente grandes para nós. Não vou estar aqui a dizer que somos muito grandes, mas é verdade – já temos demasiado público para tocarmos só em clubes. A cada digressão precisamos de um espaço maior e temos vindo a adaptar-nos a isso. Lembro-me de na primeira digressão, as salas me parecerem estranhas e demasiado grandes, e agora é esquisito para mim tocar em salas como essas, por parecerem pequenas, embora goste mais de tocar numa sala pequena. O nosso crescimento foi algo orgânico, e continuamos a apoiar toda a cena rock mais underground, de onde viemos. Cada passo que damos, é algo tomado muito a sério, não nos interessa um sucesso grande e rápido e que dure apenas um par de anos. É por isso que vamos fazendo tudo devagar, embora já estando no quarto disco.

Mas reconheces que no início não esperarias crescer tanto como veio a acontecer?
Eu nem sequer esperava crescer ao ponto de entrar numa digressão. Quando começámos, todos nos deitavam abaixo e criticavam a nossa música e estilo.

Foi uma questão de estar no lugar certo, no momento certo.
Mas para algo que não sabíamos que ia acontecer, só mais tarde nos fomos apercebendo de tudo. Passaram sete anos e demorou algum tempo até percebermos que tínhamos gravado o disco certo para aquele momento. Foi algo que saiu do nosso controlo, e sucedeu por acidente.

Referiste apoiar a cena, como vês todo o movimento stoner/psych rock? Já há grupos a mais?
Há demasiados para eu conhecer todos e poder ouvir todos os lançamentos, mas é bom que haja tantos nomes, pois há um movimento e um público para o rock. Só não gosto de ver como muitos dos novos nomes acreditam nas pessoas ligadas à indústria. Sempre fui um defensor da cultura DIY, acho que deves trabalhar no duro e tentar fazer as coisas por ti. Muitas vezes, quando ainda se é uma banda pequena, o *manager é* algo desnecessário, por exemplo. Eles dizem aos músicos que são necessários, mas apenas estão lá para fazer dinheiro, e isso é mau, sou bastante crítico de tudo isso. As bandas deviam estar conscientes disso e mais confiantes do seu trabalho. Tento explicar isso a músicos no início de carreira, digo para fazerem tudo por eles, irão cometer erros, mas pelo menos terão o controlo das suas acções e não estarão dependentes de pessoas que apenas querem o dinheiro deles.

CRIATURAS DA NOITE

Não interessados em ficar presos a um passado, a todos os níveis, digno de aplausos, os THE BLACK DAHLIA MURDER nunca recusam novos desafios. Constantemente em *tour* – sendo que a última serviu para comemorar o décimo aniversário de «Nocturnal» –, uma importante mudança de formação depois e uns escassos dois anos após «Abysmal», a banda mutante liderada pela dupla Trevor Strnad na voz e Brian Eschbach na guitarra, os dois únicos elementos que sobram da formação original, apresenta-se mais forte que nunca na novidade «Nightbringers». O álbum, um petardo de death/thrash, revela uma faceta mais melódica e versátil, espelhando todo o talento do novo recruta Brandon Ellis, na guitarra. POR: JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

"*Fomos ao México dar uns concertos – e chegámos ontem à noite!*", diz o vocalista e, *all around* underground *conoisseur*, da banda. "*Estas foram as últimas datas da* Nocturnal To The World Tour *e não podíamos ter tido uma despedida melhor, os concertos correram muito bem, muito bem mesmo. Na verdade, já se tinham passado uma série de anos desde que tínhamos estado pela última vez no México e o público estava louco.*"

O facto de estarem a tocar o «Nocturnal» do início ao fim deve ter ajudado. Foi o que andaram a fazer também na Summer Slaughter, durante o Verão?
Basicamente, sim. Tocámos o álbum do princípio ao fim e ainda conseguimos arranjar um tempinho para incluir um tema novo, o de título do novo álbum, no alinhamento. Foi uma experiência fantástica, mesmo muito boa para a banda. No passado já tínhamos feito uns quantos concertos a tocar o «Unhallowed» na íntegra e, desta vez, acedemos a fazer o mesmo com o «Nocturnal». Essa não é, no entanto, uma coisa a que queiramos ficar demasiado presos. A nossa carreira é demasiado curta para começarmos já a transformar-nos numa *legacy band*. Não nos podemos transformar nos Scorpions de repente! [risos]

E que tal correu?
Foi *cool*. Foi muito divertido recuperar algumas canções de que já me tinha esquecido, que não tocamos muitas vezes e outras que, pura e simplesmente, nunca tocámos ao vivo. Foi óptimo ouvir aquele material interpretado de forma a transparecer todo o seu potencial... Quando gravámos o «Unhallowed» praticamente não sabíamos tocar, éramos muito novos e ainda estávamos a definir as nossas personalidades como músicos e como banda.

Ouvir aqueles temas agora, interpretados com a experiência que fomos acumulando e com esta formação que temos agora, foi muito, muito *cool*.

O «Nocturnal» é dos discos favoritos da vossa base de fãs. Como te soa hoje?
Continuo a adorá-lo e os únicos problemas que lhe vejo estão relacionados com a minha prestação pessoal. Basicamente, gostava de ter cantado certas partes de forma diferente, de ter usado outros padrões vocais, mas... É mesmo assim e não há nada que possa fazer agora. Cada disco deve ser um reflexo do comprimento de onda em que estamos quando o gravamos. E sim, não há como disputar que é um favorito entre os nossos fãs.

O que o torna assim tão especial?
Acho que acaba por ser uma confluência de factores, na verdade. Por um lado, foi o nosso primeiro álbum que muita gente ouviu e, por outro, estávamos a aperfeiçoar a fórmula e a atingir "o ponto de rebuçado". O disco, no geral, é muito equilibrado e está tudo no ponto, não há ali nada fora do sítio. Começámos a usar o Pro-Tools durante o processo de escrita do «Nocturnal» e os temas foram todos construídos com princípio, meio e fim. Foi tudo bem pensado, o que nos permitiu dar um salto enorme em termos de composição. Depois a capa, os *singles* e as digressões que conseguimos fazer na altura – a Summer Slaughter, há dez anos, foi uma oportunidade incrível – ajudaram a cimentá-lo como um ponto de viragem na nossa carreira.

Voltando ao presente... Passaram-se apenas dois anos desde que gravaram o «Abysmal». Vocês nunca param?
Nunca! Foi, de resto, o plano que delineámos quando surgiu a oportunidade de assinar o contrato com a Metal Blade. Nessa altura, tanto eu como o Brian [Eschbach, guitarrista], que somos os únicos elementos sobreviventes da formação original, decidimos que íamos apostar tudo nisto. Sabíamos que seria uma oportunidade num milhão, por isso não havia outra opção a não ser agarrá-la com unhas e dentes, tínhamos de fazer isto funcionar, nem que tivéssemos de levar as coisas às últimas consequências. E pronto, é isso que temos vindo a fazer, trabalhando o máximo possível para fazer chegar a música à maior fatia possível de público. Fazemos digressões a cada oportunidade, tentamos estar sempre presentes, mantemos os fãs interessados, gravamos com regularidade e, pelos vistos, este método tem resultado, porque todo o esforço árduo tem dado frutos. Também ajudou que tivéssemos feito as escolhas certas deste cedo, claro.

Pode dizer-se que estiveram "no sítio certo, à hora certa"?
Sem dúvida! E ganhámos muito, sobretudo, com o facto de sermos esta banda estranha no sítio e na altura certa. A verdade é que nunca encaixámos numa cena e acho que isso ajudou. Tenham sido os meus óculos, o facto de termos todos cabelo curto quando aparecemos... Mas a verdade é que as pessoas não sabiam bem o que éramos e isso ajudou-nos a destacarmo-nos. Chamaram-nos de tudo... Primeiro era metalcore, depois já era deathcore. Eu não percebia porque raio não nos rotulavam apenas como death metal, mas às tantas vi que isso nos permitiu transcender as fronteiras do estilo e ganhámos imenso. Hoje em dia, nos concertos, o público é muito diverso – dos miúdos hardcore ao pessoal do death metal, gente com cabelo comprido ou curto, mais velhos ou novos. A mim pouco interessa em que "caixa" nos metem, desde que as pessoas apareçam. Até porque é isso que nos permite continuarmos a fazer o que fazemos.

Nós somos vilões, *man*! Os *metalheads* são vilões da sociedade, abraçam o mal e ainda se riem na cara do diabo.

Sempre a crescer.
Felizmente, sim. Desde o início começámos logo por pensar à escala global. Sempre quisemos ser conhecidos nos Estados Unidos, claro, mas também mais além. A *pre-order* deste disco ultrapassou todos os "recordes", nenhuma banda na história da Metal Blade alguma vez tinha vendido tantas cópias de um álbum antes da data de edição... O novo guitarrista está a ser bem recebido e as pessoas parecem legitimamente entusiasmadas em relação à banda. Os astros parecem estar todos alinhados para, se tudo correr bem, darmos outro passo em frente com o novo disco.

Que, sem fugir à fórmula que estabeleceram, denota novidades.
Sim, tentamos não nos repetir demasiado. Temos, logicamente, a preocupação de manter a nossa identidade intacta, de querer que as pessoas percebam de imediato que nos estão a ouvir quando mostramos um tema novo, mas dentro desse *ballpark* há sempre coisas que podemos fazer de forma diferente. Tivemos uma sorte do caraças com o Brandon [Ellis], porque além de ser um instrumentista exímio, veio trazer um outro entusiasmo ao grupo. Ele é mais novo que todos nós e isto ainda é tudo novidade para ele. É óbvio que tinha tocado com uma série de outras bandas, mas nunca tinha – por exemplo – gravado músicas dele para um disco. E, para o «Nightbringers», contribuiu com duas ou três... Foi engraçado, porque ninguém estava à espera que ele contribuísse, mas chegou-se à frente e apareceu com ideias que não nos podíamos arriscar a não aproveitar. O Brandon gosta muito de música extrema, mas a paleta de influências dele é um pouco mais vasta que a nossa, o que acabou por dar outras texturas à nossa música. Isso, claro, acabou mesmo por dar origem ao registo mais dinâmico, e provavelmente mais melódico, que já fizemos.

A noite tem sido, ao longo dos anos, um tema recorrente nas tuas letras. O que te atrai tanto nesse período em que o sol não está a brilhar?
Eu gosto de contar histórias, gosto muito deste formato – os Cannibal Corpse criaram esta cena toda. Adoro ter só três ou quatro minutos para criar uma narrativa com princípio, meio e fim. Podem ser só pequenas Tales From The Crypt, mas não podem ser só *gore* porque a internet levou todo o *shock value* que o death metal tinha... Aos seis anos um miúdo já viu *gore* a rodos e qualquer adolescente sabe o que é *poop porn*, por isso tento não ir sequer por aí. Opto por criar um terror mais misterioso, psicológico. E, sim, nesse sentido a noite sempre foi uma enorme fonte de inspiração. O metal... Nós somos vilões, *man*! Os *metalheads* são vilões da sociedade, abraçam o mal e ainda se riem na cara do diabo. À noite abraço esse meu lado mais negro, e posso celebrá-lo.

AMENRA

LUZ E ESCURIDÃO

Será difícil encontrar uma banda que tenha tão enraízado na sua própria fundação musical o conflito eterno entre a vida e a morte, entre a luz e a escuridão, entre o amor e a dor, como os AMENRA. Lados opostos da nossa existência que se fundem num só, em cada uma das "missas" que os belgas, de tempos a tempos, parecem escavar na própria carne, tal é o profundo impacto emocional que cada nota transmite. O novo «Mass VI» não foge à regra, pelo contrário – é bem capaz de ser o golpe mais fundo da carreira destes músicos. Colin H. Van Eeckhout, o carismático vocalista de emoções sempre à flor da pele, sentou-se connosco à beira da ribeira de Santarém, poucas horas antes de subir ao palco no Reverence, e disse-nos tudo o que lhe vai na alma nesta altura. Uma alma cheia, como sempre.

POR JOSÉ CARLOS SANTOS · FOTOS: STEPHAN VANFLETEREN / ESTEFÂNIA SILVA

Os vossos discos cada vez demoram mais tempo a "aparecer". Mesmo com a diversidade de actividades que têm, é causa para preocupação?
E o próximo até pode demorar mais tempo… Nós queremos escrever, mas nem sempre funciona. Muitas vezes damos connosco, *jamming away*, mas só a tocar música pesada "normal". Divertimo-nos, faz-nos bem, mas não sentimos que seja algo que deva ser partilhado com o mundo, que tenha algum significado particular.

Dá a sensação que não são a banda mais produtiva do mundo. Em termos de material "publicável", isto é.
Não somos, não. Existimos há cerca de vinte anos e escrevemos… vinte músicas, mais ou menos. É um tema por ano, números redondos, por aí. É uma loucura pensar nisto nestes termos! Acho que na verdade até somos muito produtivos, mas não em termos de "álbuns oficiais". Fazemos muita coisa, temos muitos projectos alternativos, colaborações. Nunca estamos aborrecidos, não passa um mês sem que façamos alguma coisa com a música ou com a banda, mas os álbuns mesmo a sério… Temos uma relação de muito respeito com eles. Têm que estar totalmente "certos" aos nossos olhos, percebes? E isso é difícil de atingir. É difícil, e cada vez mais essa dificuldade cresce. Este é o nosso sexto álbum, vai ficar mais difícil ainda de nos reinventarmos sem nos "usarmos", sem voltarmos a cair no que já fizemos antes. Podíamos juntar coisas, do tipo adicionar um sintetizador ou teclados, ou eu começar a usar pedais de efeitos, provavelmente isso até nos inspiraria de uma forma diferente – no limite, até podemos mudar o nosso estilo. Mas não queremos fazer nada disso, não foi para isso que criámos a banda. Se tivermos mesmo vontade de fazer alguma dessas coisas, criamos mais um projecto. Os Amenra são o que são. Por isto tudo, as coisas demoram muito tempo a surgir.

Disseste-me há uns meses que tinha demorado a encontrarem a "mentalidade" certa para começar a trabalhar neste disco. Isto não é algo em que muitas bandas pensem.
Pois não, é verdade. Temos que ter muita merda a acontecer para começarmos a trabalhar. Quando coisas más acontecem, na nossa situação, é quando temos a matéria-prima certa para começar a desenvolver o trabalho. Desta vez foi igual. Assim que tivemos a

quantidade suficiente de merda, de azares e de coisas más acumuladas, investimos a nossa atenção completa novamente. Nunca começamos a trabalhar num disco dos Amenra porque achamos que tem que ser, porque já é altura, porque já passou muito tempo desde o último. Isso nunca é motivação. O «Mass V» foi uma excepção a essa regra, acabou por entrar numa espiral de fazer as coisas mais rapidamente, de forma deliberada, porque foi nessa altura que recebemos a oferta para trabalhar com a Neurot. Aí sentimos mesmo que tínhamos que fazer um álbum, e direccionámos isso para o «Mass V». Agora voltámos ao normal, e esperámos até que fizesse sentido, no que diz respeito ao que se passa nas nossas vidas.

No limite, se todos vocês se tornarem pessoas felizes a 100% do tempo (se é que isso existe), será o fim dos Amenra?
Acho que teríamos muita actividade nos *side projects*, mas os Amenra ficariam quietos no seu sítio durante algum tempo. Sinceramente.

Isso deve ser uma relação complicada de se ter com a banda.
É esquisito, sim. Poderíamos escrever álbuns na mesma, mas seria só música pesada normal e aborrecida. Não teria aquilo que faz desta banda algo de especial para nós. É muito estranho, mas é assim que funciona.

Alguma vez olhas para os Amenra como algo negativo, por causa disso?
Não, de todo. É algo bom, é algo de onde obtemos muita energia, mas é bizarro que tenhamos que ter essa negatividade toda como início das coisas, como ignição. Às vezes não sentimos a vontade de atacar tudo aquilo que nos atormenta, aquilo que perturba as nossas vidas, os nossos pensamentos. Só queremos divertir-nos com os amigos. Às vezes falamos disso uns com os outros, quando estamos em qualquer lado para tocar, e estamos a ter um bom dia, num sítio agradável, todos juntos, a rirmo-nos… "só é pena termos que ir tocar!" [risos] É a tal coisa, é uma relação estranha que temos com a banda. É chato quando as pessoas nos dizem, antes de tocarmos: "ah, divirtam-se!" E nós, "errr, não." [risos] Não tem nada a ver com divertirmo-nos. O resto do tempo é que é para isso. Ainda hoje, passámos aqui a tarde, tranquilamente, foi giro. O pior vem daqui a pouco.

Às vezes falas da espécie de "ritual" mental por que têm que passar antes dos concertos. Continua a acontecer, portanto?
Sim, é verdade, temos que nos desfocar um bocado da realidade, e isso acontece antes de todos os concertos. Tipo agora, se olhares à volta, está tudo a conversar uns com os outros, a beber umas cervejas, a ver uns filmes *online*, está tudo bem. Estamos bem dispostos. Assim que a hora se aproximar, toda a gente vai começar a ficar um bocadinho mais nervosa, e todos se vão concentrar no que vai

MISSA DO SÉTIMO DIA

Já são sete, um por cada dia da semana – as seis "missas" que os Amenra nos ofereceram desde 2003, mais o EP acústico «Afterlife» que o Colin considera de importância equivalente e fez questão de incluir nesta selecção. Uma curta análise feita pelo próprio, a cada um destes sete marcantes lançamentos.

MASS I: PRAYER I-VI

"*As primeiras tentativas de encontrarmos a nossa linguagem musical. Muito inspirado pelos Neurosis, Converge, Tool ou Crowbar… Sabíamos que história queríamos contar, mas ainda não tínhamos vocabulário suficiente para ela. Foi todo escrito entre 1999 e 2002, um perído durante o qual perdi uma grande parte da minha família. O tema «Dance Of The Dead» é uma fiel representação disso.* 'I took my own hand, to lead me through these darker of days / The cancer is spread, this is the dance of the dead'. *Na minha opinião, esta foi a canção com a qual os Amenra se formaram. Onde encontrámos o nosso caminho."*

MASS II: SERMONS

"*Ritual. Estava fortemente dedicado à modificação corporal e à suspensão nesta altura. Percebi a importância dos rituais e da irmandade na minha vida. Durante este tempo, conheci várias pessoas decisivas, que sem saber, me deram direcção e me inspiraram muito além do que consigo descrever em palavras. Canções como «From Birth To Grave» ou «Ritual» foram as primeiras onde nos atrevemos a tomar posições fortes, a acreditar que o que fazíamos tinha sentido, musicalmente. Fomos capazes de minimalizar, de ter temas só com um riff, dois riffs. Espalhá-los, tomar o tempo que fosse necessário para contar a nossa história. Esperar, até sentirmos que o impacto emocional da música está no seu máximo. A nossa identidade musical estava a formar-se. Fizemos o lançamento deste disco numa floresta."*

MASS III

"*Aconteceu qualquer coisa durante a escrita do «Mass III». Em particular, o tema «Am Kreuz» fez-nos canalizar a nossa energia de formas que nunca tínhamos experenciado antes. Acho que, ao escrever esse tema, algo maior que nós se juntou aos Amenra. Aos meus olhos, este álbum foi o evento chave na nossa demanda musical, e a música que hoje conhecemos como Amenra formou-se por completo. Foi música que se tornou muito maior do que aquilo que estávamos a tentar escrever. Foi onde nos encontrámos, onde percebemos para onde íamos. O lançamento foi feito numa capela."*

MASS IIII

"*2008 foi um ano muito difícil para mim, sem entrar em grandes detalhes.* "I will beat you without anger and I will draw from your eyelid a tear" *– tatuei estas palavras no meu corpo, e resumem bem a situação. O «Mass IIII» foi o primeiro álbum dos Amenra gravado efectivamente num estúdio, e a «Razoreater» é provavelmente a canção mais crucial de todas."*

AFTERLIFE

"*A decisão de fazer música acústica veio com o nascimento de dois dos nossos filhos, durante 2009. Queríamos tratar do 'agora' e do 'depois', do que se passa para além da nossa morte. Apercebi-me que tínhamos meios para o fazer. Tínhamos música e palavras como argila para moldar. Senti a falta de alguém para me confortar ao longo destes anos todos. O meu pai morreu nos meus braços quando eu tinha vinte anos, e senti a falta da sua orientação durante a minha vida, nas alturas em que mais precisaria. Os nossos filhos vão sempre ser capazes de nos ouvir, se quiserem, ou precisarem. Depois desta música, serão capazes de o fazer para sempre."*

MASS V

"'*the darkest hours will seem long / they will feel like for ever / then new light breaks into dawn*'. Assinar pela Neurot fez-nos sentir como se estivessemos a voltar a casa. Este álbum é o nosso primeiro álbum de estúdio 'oficial'. O Billy Anderson deu-nos o som que sempre quisemos. O Scott Kelly juntou-se a nós no estúdio. Coisas das quais os sonhos são feitos."

MASS VI

"*Precisávamos de escrever, de encontrar inspiração na depressão, na angústia e no desespero. Foi a primeira 'missa' que o Levy ajudou a escrever, e a presença dele faz-se sentir pelo álbum inteiro. Muita coisa aconteceu. Onde há amor, há dor. Muita gente nos ajudou ao longo dos anos, na nossa viagem, muita gente nos recebeu de coração aberto com comida e abrigo. Devemos tudo a eles."*

acontecer, cada um da sua maneira. Mas é bom estar aqui, é bom termos vindo com os Oathbreaker, há algum tempo que isso não acontecia, termos um concerto juntos.

A gravação, então, é esse sentimento mas amplificado, por demorar mais tempo?
É um bocado negativo para nós, sim. Não gostamos muito dessa parte, confesso. Basicamente, não gostamos de gravar, nem gostamos de tocar ao vivo. [risos] O que gostamos é da criação. Gostamos de fazer a música, de a extrair cá para fora quando ela ainda não existe naquela forma. De a moldar em algo que faça sentido, e que signifique alguma coisa para nós. O processo em si, é o que nos atrai. O estúdio é muito aborrecido. Estamos só ali sentados, a tocar música dos Amenra, e isso é um conflito para nós. Para mim pessoalmente, tenho dificuldades em atingir o estado de espírito certo. Quando tenho uma pequena cabine, ainda vá, mas agora tenho uma sala grande para gravar as vozes, e se por um lado é bom, porque tenho vários tipos de microfones que posso usar, por outro lado o sentimento não parece ser o certo. Tenho mais dificuldades em "desligar" tudo o resto e focar-me da maneira certa.

Temos que ter muita merda a acontecer para começarmos a trabalhar. Quando coisas más acontecem, na nossa situação, é quando temos a matéria-prima certa para começar a desenvolver o trabalho.

As muitas actividades musicais paralelas que mantêm são importantes para alimentar os Amenra, seja de que forma for?
Têm a influência que acho que é a previsível. São coisas que nos inspiram, que nos fazem crescer como músicos, que nos fazem ver outras possibilidades… Mas é uma inspiração que temos que moldar. Trazemos muita coisa dessas nossas outras experiências, mas para usar essas inspirações, elas têm que caber no enquadramento do que são os Amenra, e isso nem sempre é fácil, e nem sempre é sequer possível. É como se fosse um *puzzle*, trazemos peças novas e temos que andar à procura de onde é que elas encaixam. O que o Lennart [Bossu, guitarrista] faz com os Oathbreaker, o que o Levy [Seynaeve, baixista] faz com os Wiegedood, eu com o meu projecto a solo [CHVE] e o Mathieu [Vandekerckhove, guitarrista] com Syndrome, e por seu turno as colaborações que esses projectos depois fazem com outras

pessoas, tudo isso são processos de aprendizagem. Aprendemos muito com todas elas. Toda a gente tem o seu estilo próprio de escrever música, e todos precisam de alimentar esse processo, e é isso que acontece com todas essas actividades. A existência desses projectos torna possível para nós continuar a desenvolver os Amenra da mesma forma que temos feito ao longo dos anos. Se não os tivessemos, os Amenra provavelmente já se teriam transformado em algo que não é suposto serem. É muito bom termos este *boost*, porque, como referi, o processo torna-se cada vez mais difícil a cada álbum.

É como ter uma montanha cada vez maior para escalar.
É. Temos a "sorte" de que os nossos primeiros álbuns não foram muito bem gravados. [risos] Assim foi mais fácil evoluir, a partir da altura em que conseguimos finalmente ter um som em condições. A montanha ainda não era tão grande.

Basicamente, não gostamos de gravar, nem gostamos de tocar ao vivo. O que gostamos é da criação.

Estive a ouvir o «Mass I» e o «Mass II» hoje de manhã. É curioso revisitá-los depois de ouvir o «Mass VI».
Esses discos foram gravados nos nossos quartos. [risos]

É um sentimento semelhante a ouvir um disco recente dos Converge e ir ouvir o «Petitioning The Empty Sky» a seguir, por exemplo.
Mas olha que eu ainda gosto muito desses discos dos anos 90 dos Converge!

Então porque é que tens mais dificuldade em "levar a sério" o «Mass I» e o «Mass II»? O paralelismo é quase directo. A diferença é que neste caso és tu a ver de dentro.
Pois, compreendo, e é mesmo isso. Para nós é difícil "conectarmo-nos" a esses discos. Vemo-os como aquilo que aconteceu. São o passado, aquilo que aconteceu antes de nos encontrarmos a sério, antes de termos aberto ali uma porta qualquer que nos levou a onde estamos agora. Se os ouvir, parece que foi uma versão diferente de mim que fez esses discos. Por exemplo, na *tour* norte-americana que fizemos há pouco tempo com eles, os Neurosis tocaram alguns temas do «Souls At Zero», e foi muito fixe. Ainda fez sentido. É mais rápido, é mais cru do que aquilo que fazem agora, obviamente, mas… sente-se que ainda são eles. É mui-

to interessante. Com os nossos primeiros discos, não sei se sinto isso. Não sei se era capaz de tocar temas tão antigos.

Mas prepara-te, porque quando fizerem 30 anos de banda, devem convidar-vos para fazer a mesma coisa.
Pois, se calhar nessa altura vou pensar nisto de outra maneira. Nós repetimo-nos muito, a tocar ao vivo, sabes. E é de propósito, é porque gostamos. Quanto mais tocamos uma canção, mais a conseguimos tocar em "piloto automático". E para nós, aí é que a magia acontece, por estranho que possa parecer. É quando não se pensa muito no que se está a fazer. Os novos temas, por exemplo, vão demorar alguns anos até crescerem dentro de nós, até serem tocados como devem mesmo ser tocados. Neste momento, ainda nem sabemos bem como é que os vamos começar a tocar, sequer.

A maior amplitude de voz que tens nos novos temas, com muitas partes cantadas, vai tornar os concertos mais difíceis para ti?
Sim, vai ser muito complicado. Não faço puta de ideia como vou conseguir isso! Poderia usar *in-ears*, poderia ficar quietinho enquanto canto… mas isso com Amenra não resulta. Honestamente, não sei como vamos fazer isso. É natural que esperemos um bocadinho até tocar alguma delas, em particular a «A Solitary Reign», que é a mais desafiante nesse aspecto.

Vocês sempre se mostraram, ao vivo, muito próximos do que são os temas em disco. Abrir aí um fosso que pode ser problemático foi uma decisão que tomaram para este disco?
Essa foi mesmo a única decisão que tomámos conscientemente em relação ao disco. Esquecermo-nos de que temos que o tocar ao vivo. Fazer aquilo que queríamos fazer, independentemente desse factor. Até ao «Mass V», mantivemos sempre presente que temos que acertar em cheio nos temas ao vivo, tocá-los como o álbum pede. Desta vez, achámos que era altura de largar isso. Se um dos guitarristas acha que fica bem outra linha de guitarra, uma terceira ou quarta, numa parte qualquer, tudo bem. Seja. No passado limitávamos isso. Mas ainda bem que tomámos essa decisão. O álbum ficou com uma toada diferente por causa disso.

Foi também por causa do projecto acústico que ganhaste confiança para cantar mais?
Acho que ajudou muito, sim. Foi uma parte importante da minha evolução como cantor nestes últimos anos. Se calhar havia coisas que eu já queria fazer nos outros discos, mas não tive tomates para isso, e agora tenho. Sinto que tenho formas de expressar um espectro de emoções muito mais vasto, agora. Vendo bem, é uma variedade que, no fundo, já temos desde o «Mass I» - sempre tivemos vozes femininas, ou partes de *spoken word*, ou qualquer coisa aqui e ali para reflectir a largura emocional da música. Só que, agora, posso eu fazer isso de outra maneira. Ainda estamos a aprender, basicamente. Ainda estamos a tentar perceber como é que isto funciona. [risos]

E agora, vamos esperar mais uma data de anos pelo «Mass VII», não é?
Se houver um «Mass VII», nunca se sabe, somos todos humanos e as merdas acontecem, mas se houver, provavelmente vai demorar um bocado, sim. É bem possível que um álbum acústico a sério, completo, apareça antes disso, porque temos trabalhado muito nessa parte da banda. É uma avenida interessante para nós de seguir, porque abriu-nos muitas possibilidades que não tínhamos antes. É quase como termos duas bandas numa só, e isso é bom. Acho que, nos próximos anos, será altura para tentarmos fazer com que o mundo se aperceba da nossa existência. Algumas partes do mundo já nos conhecem razoavelmente, sim, mas… o mundo é muito grande. Vamos explorá-lo, expandir os nossos horizontes.

Ainda estamos a aprender. Ainda estamos a tentar perceber como é que isto funciona.

DOOM CONTRA A ESPUMA DOS DIAS

Expoente máximo do doom nacional hoje em dia, os PROCESS OF GUILT voltaram finalmente aos álbuns a sério com «Black Earth», cinco anos depois do aclamado «Fæmin». Tivemos a oportunidade de dissecar a nova obra com o vocalista e guitarrista Hugo Santos, numa conversa que cresceu ao ponto de nos vermos forçados a descartar qualquer discussão sobre vindouras actividades ao vivo por parte da banda.

POR LUÍS PIRES

Este foi o vosso maior interregno entre dois longa-duração. Conta-nos como é que começou a surgir o «Black Earth».

Numa banda com as contingências da nossa, às vezes há pequenas oscilações que fazem com que as coisas durem mais tempo do que era suposto. O «Fæmin» foi todo composto em Évora e um mês antes do *split* com os Rorcal mudámo-nos para Alfornelos. Essa mudança de sala de ensaio e de rotina fez com que estivéssemos ali uns meses um bocado à nora a tentar perceber como é que nos conseguíamos rotinar. Fomos sempre produzindo mas sei-te dizer que tudo o que fizemos deitámos fora, e o início a sério do «Black Earth» acontece já no início de 2016, por alturas do concerto com o Stephen O'Malley, quando tocámos a «Servant» que era o único tema que tínhamos e com o qual estávamos satisfeitos, apesar de ainda não estar na forma final. De repente, ali entre Maio e Junho, 80% dos temas do «Black Earth» ficaram feitos e o disco é completado entre Agosto em Setembro, altura em que ensaiámos muito. Quando fomos para estúdio já tínhamos uma pré-produção bastante avançada e basicamente foi só registar os temas com uma ou outra alteração. Houve algumas alterações, curiosamente, na «Servant», porque era a mais antiga. Começámos de novo outra vez, à semelhança do que tínhamos feito para o «Fæmin».

Houve alguma coisa que estivessem conscientemente à procura de conseguir no «Black Earth»?

É complicado, nós procuramos que a música seja passível de ser ouvida por nós. Não que sejamos uns ouvintes do mais alto calibre mas sentimos que conseguíamos dar um pouco mais de variedade àquilo que tocávamos. Sinto que não tivemos medo em assumir algumas melodias, por mais retorcidas que elas sejam; queríamos tornar as músicas um pouco mais impactantes, com ritmos mais coesos, em que as partes com mais *groove* fossem assumidamente com mais *groove*. Queríamos refinar tudo aquilo que tínhamos para trás sem repetir nada que já tivéssemos feito. Aquilo que andámos à procura, e pode parecer um chavão, foi mesmo de nós, quisemos demonstrar que ainda havia muito mais para fazer. Houve momentos de dúvidas, em que realmente pensámos "será que temos alguma coisa válida para mostrar? Se assim não for sinceramente não vale a pena." A certa altura ficámos muito contentes quando descobrimos o filão do que tínhamos para mostrar com o «Black Earth».

Esse tipo de dúvida sobre se queriam continuar a escrever é coisa que vos acontece a cada ciclo?

Bateu mais forte desta vez, até porque já andamos nisto há uns anos. Foi a primeira vez que me lembro de activamente vermos que as coisas têm um fim e que, para aquilo que entendemos da vida e da música, não podemos estar excessivamente apegados ao que quer que seja. Nós temos apenas um desejo de fazer música, queremos que a mesma seja relevante independentemente do contexto. Às vezes há falta de inspiração, como de certeza que existe noutras bandas, e a certa altura a «Servant» serviu para desbloquear esse processo. O nosso objectivo não é acabar a banda [risos], o nosso objectivo é continuar com ela o máximo tempo possível, desde que consigamos o que para nós é fundamental que seja respeitado, que é fazer música que seja interessante de ouvir e ser tocada por nós.

De certa forma, o «Black Earth» dá continuidade ao «Fæmin» mas com um acrescido ênfase no carácter industrial que já tinham. O *split* com os Rorcal, por outro lado, parece algo removido desta sequência.

Efectivamente, nós aproveitamos os *splits* um pouco para experimentar. É um *split* com riffs de que nós gostamos muito, ou seja, as partes coesas da música são aquilo que nós já queremos fazer no «Black Earth» – o primeiro movimento em termos de riff mais bruto são três, quatro minutos – nós achámos que tínhamos ali uma linguagem que nos cativa, que pode ser menos entediante do ponto de vista do espectáculo. Quisemos transportar a negritude toda que conseguimos, até com a questão das vozes e da própria mistura, para tentar fazer música a sério com isso. Não que esses temas não sejam a sério, mas é mais um exercício de experimentação durante dezassete minutos.

Em termos de letras, que temas quiseste explorar? Podes dar-nos uma ideia do processo subjacente às mesmas?

Na nossa forma peculiar de compor, que é muita tentativa e muito erro e obriga a ensaios intermináveis em fase de composição, ao ponto de não aguentarmos mais [risos], leva a que a parte vocal seja a última a ser adicionada. É claro que havendo uma temática, depois é uma questão de composição em fase de estúdio. Nunca ponderei muito a questão da letra porque tento que ela seja tão espontânea como a maior parte dos riffs. Apesar de nós depois perdermos muito tempo na composição e na estruturação dos temas, os riffs são quase todos eles espontâneos. O tema subjacente a todo o disco é basicamente um aflorar de várias coisas algo desconexas que tenho escrito para trás, está completamente relacionado com uma perspectiva sobre o que é a nossa função aqui, com as coisas com que nos identificamos, com aquilo que realmente importa fazer, com a procura de uma qualquer verdade que não sabemos encontrar. O facto do título «Black Earth» remeter para a terra na minha cabeça remetia

para um conceito mais físico e terreno, por mais paradoxal que seja, mas como símbolo daquilo que é certo para nós todos, que é o fim. Em última análise, se esse algo mais for o mundo e esse mundo é negro e nós não o vamos conseguir mudar, pelo menos que nos mudemos a nós próprios e que nos ensinemos outra forma de olhar para as coisas. Às vezes estamos tão certos e convictos de que o importante é o que está à nossa frente, eu acho que há outra *layer* sobre o qual nos devíamos focar. Parece muito mais filosófico do que é, eu depois tento dar um cariz e uma tonalidade mais negra às letras porque objectivamente é isso que penso e é isso que considero que deve acompanhar a música que nós fazemos.

Dirias então que há uma desconexão entre aquilo em que nos focamos e aquilo que importa?
Há, há uma desconexão. Estamos completamente assoberbados pela espuma dos dias. Isto reflecte-se a vários níveis, posso estar a falar a um nível mais esotérico mas a espuma dos dias é o que agora percorre a nossa comunicação social. Hoje em dia, qualquer coisa, desde que seja um chamariz e uma espécie de fogo de artifício no ecrã mais próximo de nós, é o suficiente para ficarmos ali a fazer *likes*, a dizer que não gostamos e a dar verborreicas opiniões sobre tudo e mais alguma coisa. A comunicação social vai atrás disso e é um drama interno que é exponenciado ao máximo naquilo que são as questões do dia-a-dia, deste os *trumpismos* de extrema-direita do continente americano aos *pyongyangismos* de extrema-esquerda do continente asiático. Temos toda uma batalha que já nem sequer é ideológica, mas de crença naquilo que se revela uma mais valia no mais curto espaço de tempo. Somos todos engolidos no turbilhão do dia-a-dia e daí o «Black Earth», que representa esse turbilhão, essa coisa que nos parece real e concreta mas que efectivamente nos afasta de uma capacidade de pensar e descobrir por nós próprios.

É quase paradoxal que esta incapacidade de processamento de informação aconteça quando temos um acesso superior à mesma.
Perante a velocidade das notícias, as pessoas têm uma necessidade objectiva de julgamento daquilo que estão a ver, muitas vezes sem questionar se é verdade ou mentira, em praça pública e sem a mínima ponderação. O problema é que isso muitas vezes está na origem de uma pseudo-notícia e às vezes já se está a criticar este mundo e o outro por uma coisa que nem sequer é verdade. Se a velocidade da informação tivesse contra-parte na velocidade de ponderação do outro lado não estaríamos assim.

Chegado ao fim este processo de criação do «Black Earth», ficaram com material que vos indique uma direcção futura?
O «Black Earth» corresponde à totalidade do material que gravámos, mas desta vez ficámos com algumas ideias que temos vontade de experimentar. A única coisa que esperamos é que consigamos acelerar o processo de composição do próximo disco. Como nós almejamos sempre gravar as coisas com uma qualidade que não nos permite voltar atrás, cada vez que pensamos em fazer alguma coisa nova, como até já falámos entre nós num novo disco, só pode ser no mínimo como o «Black Earth», que nos soa como um passo gigantesco em termos de som em relação ao «Fæmin». Sinceramente, se me perguntares agora, eu quase que preferia começar já a trabalhar noutro disco e interromper o ciclo de um álbum, outra coisa qualquer, um álbum, outra coisa qualquer, porque se houve coisa que descobri com o «Black Earth», é que ainda havia riffs em nós, ainda havia música para ser feita. Nós actualmente apenas gostávamos de a poder mostrar de forma mais abrangente, porque do ponto de vista criativo e estético, estamos se calhar ainda mais satisfeitos do que estávamos com o «Fæmin» porque entendo que este é um disco mais diverso.

Foi a primeira vez que me lembro de activamente vermos que as coisas têm um fim e que, para aquilo que entendemos da vida e da música, não podemos estar excessivamente apegados ao que quer que seja.

FEIOS, PORCOS, E A CAGAR-SE PARA NÓS TODOS

Por esta altura é difícil alguém surpreender-se com um regresso, mas um novo álbum dos Iron Monkey em 2017? Ninguém no seu perfeito juízo teria previsto a edição de «9-13». A nova e polémica formação consiste nos guitarristas fundadores Jim Rushby (a herdar o papel de vocalista) e Steve Watson (agora no baixo), aos quais se juntou Scott Brigga, baterista dos Chaos U.K.. Assunto não faltou para a conversa com a bem disposta dupla de Rushby e Brigga.

POR LUÍS PIRES

Qual a origem deste regresso dos Iron Monkey?
Jim: Eu escrevi uns riffs que de certa forma me soaram a Iron Monkey, o que foi estranho. A ideia de reunir a banda surgiu essencialmente dessa brincadeira com a guitarra. A última coisa que fiz em termos de bandas foi um projecto de black metal, portanto já há bastante tempo que não tocava nesse estilo mais sludge. Falei com o Steve sobre eventualmente lançarmos alguma coisa, como um EP, só pelo gozo. Entrei em contacto com o Scott que já conheço há anos, ele alinhou e as coisas ficaram mais sérias. Fomos para a sala de ensaios montar canções e pensámos "*que se foda, vamos fazer isto, vai ser divertido e vai irritar pessoas*". Cá estamos hoje, com um álbum feito e prontos para começar a escrever um novo, para te ser sincero.

Nem seriam os Iron Monkey se não irritassem pessoas, não é?
Jim: Isso sempre foi parte do *ethos* dos Iron Monkey. Já nos atiraram tanta merda negativa e adoramos isso, é hilariante.
Brigga: As pessoas só querem estar fodidas com alguma coisa, percebes?
Jim: Toda a gente quer estar furiosa hoje em

dia; nós no fundo prestamos-lhes um serviço. Já estão todos fodidos e nós mal começámos.

As malhas já foram então compostas com os três juntos?
Jim: Eu basicamente escrevi a música e as letras; quando tinha as estruturas básicas feitas fui para a sala de ensaios com o Scott e ele ajudou-me com arranjos e com esse processo de tornar riffs em malhas. Depois o Steve veio e acrescentou-lhe o baixo.

Ele não tinha sido expulso da banda na primeira encarnação?
Jim: Eu corri com ele na altura.

[risos] E agora pediste-lhe que voltasse?
Jim: Bem, nós continuámos amigos durante esse tempo todo, não nos chateámos nem nada disso, simplesmente não tocámos juntos. Não vou estar aqui a reaquecer as merdas da altura, não interessa.
Brigga: Ele não era bonito o suficiente.
Jim: Era feio e corremos com ele. Não, ele estava um bocado perdido e eu disse-lhe "*já te dei avisos que chegue, vai tratar de ti.*" [risos] Foi só assunto de banda e sempre mantivemos a amizade separada. Trouxemo-lo de volta porque é um de nós e conhece esta cena. Para além disso, traz autenticidade à banda. As pessoas já se estão a queixar que só há dois membros e que este e aquele baterista não está na banda. É uma parvoíce do caralho. Eu sou os Iron Monkey e agora o caralho do Steve e do Scott também são os Iron Monkey. Estou-me a cagar para o que as pessoas acham sobre quem está na banda, desde que eu esteja na banda, é Iron Monkey. O Johnny não está cá mas enquanto eu cá estiver não há outra porra de Iron Monkey, somos nós.

Não é como se houvesse mais alguém a identificar-se como tal.
Brigga: Por acaso há uma banda de merda com umas mulheres a tocar violino com o nome Iron Monkey. Vi isso no YouTube por engano. [risos]

Falaram com os membros antigos sobre a reunião?
Jim: Falei com o Dean e ele ainda me disse que podia gravar o baixo, mas ele vive no Canadá e eu precisava de pessoal com que me pudesse encontrar, queria o contacto físico na sala de ensaio. No fundo, o Dean e o Doug estão tranquilos, deram-nos a sua bênção e desejaram-nos sorte. Não estou em contacto com o Justin.

Vocês tiveram problemas com a Earache no passado. Que tal a relação com a Relapse?
Jim: Quem é que disse que tivemos problemas com a Earache?

Para te ser sincero, li-o numa entrevista com o Justin.
Jim: Não acredites em tudo o que ouves. Eu não vou estar aqui a dizer merda sobre a Earache. Sobre a Relapse, é uma editora de que já gosto há muito tempo e pareceu-me ideal. Foi a primeira editora que contactámos, mandámos um e-mail, eles curtiram, mandámos uma *demo* de três temas, eles adoraram e a coisa seguiu em frente. Estamos bastante contentes.
Brigga: Há um rumor que a Relapse tem um bar de sumos [risos] e nesse vamos acreditar: o objectivo é ir até à sede deles e sacar uns batidos de manga.
Jim: Nós adoramos manga.

A certa altura decidiste tomar as rédeas da voz. Consideraste trazer alguém de fora para o fazer?
Jim: A única vez que tinha feito voz foi nesse projecto de black metal e foi tudo muito minimalista. Não sou um vocalista.
Brigga: Bem, agora és.
Jim: Nem queria fazer voz porque nunca tinha cantado neste estilo, mas ninguém era apropriado, sabes? Não conseguia pedir a quem quer que fosse para substituir o Johnny, não era certo. Eu era a pessoa mais próxima dele à parte da família e da namorada, tinha de ser eu. Foi árduo mas acho que soa decente. Eu não queria copiar o Johnny de maneira alguma, queria fazê-lo à minha maneira: nem o conseguiria imitar se tentasse.

Nem tu nem ninguém.
Jim: Claro que não, foi por isso que procurei o meu próprio estilo. Acho que encaixa na banda e se as pessoas não gostarem eu estou-me profundamente a cagar.

O disco tem a vossa agressividade característica mas o som de guitarra está muito mais moderno. Isso foi intencional?
Jim: Não, de todo. Fomos para o estúdio com o Johnny [Carter, ex-Pitchshifter] numa de ver o que acontecia. Eu não presto atenção a esses pormenores, não sou um *gearhead.* Eu nem tenho um pedal, ligo a guitarra a um amplificador e mexo nuns botões até me soar bem. No primeiro disco nem sequer tinha um amplificador.

Vocês entretanto chamaram um guitarrista de sessão para eventuais concertos, não foi?
Jim: Sim, é um gajo chamado Duane. Eu costumava tocar numa banda de hardcore chamada Geriatric Unit e quando saí ele substituiu-me ao vivo. Eu tenho um estilo bastante próprio e ele é excelente a apanhá-lo. Não quero ter de tocar e cantar. Sabes como há bandas que escrevem as merdas para poderem tocar e cantar? O nosso material não é assim e apesar de ser possível, seria complicado e eu queria estar livre para me mexer um bocado, é mais visual e posso entrar um bocado mais no espírito.
Brigga: Ele é grande amigo do meu baixista nos Chaos U.K., eles cresceram juntos. É um gajo talentoso e que não é feliz.
Jim: Encaixa na perfeição na nossa mentalidade, sem merdas nem egos. Não queríamos montes de merda na banda e não temos nenhum, para além de mim.
Brigga: …e de mim. [risos]

Como é que olhas para a evolução da cena underground britânica ao longo dos anos? Mesmo fora dos Iron Monkey foste-te mantendo activo no meio punk/hardcore.
Jim: Nós somos tão parte dessa cena como da de metal, não pertencemos a nenhuma em particular. Já tocámos com bandas de industrial e noise, nós gostamos dessas merdas. Desde que tenha a mentalidade certa, não interessa o estilo.

Independentemente disso, como é que olhas para a evolução do meio?
Jim: Não prestei assim tanta atenção às bandas ditas de sludge para ser sincero, à parte das pioneiras claro. Há muito mais hoje em dia mas parecem-me todas iguais.

Às vezes não te parece que o pessoal se esquece que o sludge tem raízes marcadamente punk?
Jim: Sim! O que nos influenciou directamente foram os Eyehategod, obviamente, mas também os Buzzov•en, Floor, e Grief. Depois há bandas como Black Flag e Corrosion Of Conformity. todo esse hardcore americano é fundamental para o nosso som. Houve influência de cenas lentas como Black Sabbath e Saint Vitus, mas neste álbum ouve-se mais essa onda hardcore e é intencional. A maioria das bandas de sludge hoje em dia tocam todas merdas lentas. Uma das minhas principais influências é o material antigo de Corrosion, que foi completamente pioneiro naquele som fodido e sujo, mas sem ser propriamente lento. É uma atitude, não é a velocidade e o peso. O «9-13» é mais rápido mas continua a soar a Iron Monkey. Mesmo antes de sair da banda da primeira vez já tinha escrito cinco malhas nesta onda.

Como as duas últimas sem título do «Ruined By Idiots»?
Jim: Essas mesmo! Apesar de não ter usado esse material especificamente, se ouvires essas malhas e ouvires o novo disco, é na mesma onda. Há por aí pessoal a dizer que não soa a Iron Monkey mas não sabem do que estão a falar. A minha intenção há dezanove anos era fazer material rápido com essa influência hardcore. Queríamos demarcarmo-nos, não queremos ser a mesma merda de banda que toca tudo lento. Tem de ser relevante. Vamos levar com merda por isso mas é um disco do caralho e as pessoas vão gostar independentemente do quão rápido ou lento é.

Quando largaram o belo do "*hello shitheads*" e começaram com os anúncios, parece que já havia metade do pessoal convencido que adorava e metade convencido que odiava.
Jim: Sabes que mais? Na primeira incarnação metade do pessoal odiava-nos e metade adorava-nos. É a mesma merda.

Só com mais gente de cada lado.
Jim: É só uma cena maior. Mesmo o Johnny ouviu imensa merda pela voz dele. Metade adorava-a, metade não a suportava. Agora é um espelho, eu levo com merda pela minha voz e há pessoal que curte. Levámos com imensa negatividade e recomeçámos exactamente onde parámos.

Para terminar, qual é a história por trás da Moreland Street na última malha?
Jim: É a rua onde fica a nossa sala de ensaios e o estúdio onde gravámos o álbum. Queríamos imortalizar o lugar depois de passar tanto tempo lá. Somos os *Moreland Street Commandos*! [risos]

SAMAEL

A HEGEMONIA DOS OPOSTOS

30 anos de SAMAEL e este "anjo da ira" mantido nos negros céus pelos irmãos Vorph e Xy continua relativamente raivoso. Em plena troca de ameaças Coreia do Norte-Estados Unidos falámos com o vocalista/guitarrista sobre «Hegemony», o décimo álbum dos suíços, uma reflexão sobre o mundo actual e seus pequenos habitantes. Há mais para além da música nos versos de uma banda que fez parte da primeira geração do black metal e que, há muito, soa a um híbrido mais industrial. Na verdade, continuam válidos.

POR NELSON SANTOS

Já passaram seis após o anterior «Lux Mundi», um "recorde" de ausência discográfica da vossa parte. Estes temas requeriam mais atenção, ou a banda, simplesmente, trabalhou a ritmo mais lento?
Não foi nada que planeássemos, mas esta demora deve-se a algumas coisas. Já tínhamos quase todas as músicas prontas em 2013, incluindo uma versão *demo* do material mas, nessa altura, o Xy [teclas, programações] recebeu um convite aqui da nossa cidade, Sion, para colaborar num espectáculo. Foi uma cena grande, num castelo, com *show* de luz e a música ficou a cargo do meu irmão. Isso tomou-lhe cerca de um ano, mas foi uma boa oportunidade de trabalhar com uma orquestra a sério, algo que ele queria muito, e apoiámo-lo totalmente. Claro que também atrasou todo o processo do álbum e a parte boa foi ter-nos dado a possibilidade de olhar para a música com outros ouvidos e identificar alguns problemas. Além disso, tivemos uma mudança de formação – o Mas (baixista), que estava connosco quase desde o início, deixou a banda para prosseguir a sua carreira como técnico de luzes, e fizemos quase 40 datas para a *tour* do «Ceremony Of Opposites». Tudo isso nos ocupou e nem demos conta que já passaram seis anos...

Justamente, «Ceremony Of Opposites». Em 2014, passaram vinte anos sobre o lançamento desse álbum fulcral para a música extrema e vocês assinalaram a efeméride com uma série de concertos em que tocaram o disco na íntegra. Como foi a experiência de regressar a temas que não tocavam há anos?
Foi óptimo. O que é curioso é que eu nunca achei muita piada à ideia de tocar um álbum inteiro; já vi muitas bandas fazerem-no e achava que era um truque – quando não se sabe o que fazer... toca-se todo o álbum. Mas, na verdade, adorei. Foi bom porque pudemos pôr em prática a nova formação, com o Drop no baixo, e

criou-se logo uma sinergia na banda de modo a que todos viajássemos pela história dos Samael. E redescobrimos músicas. Um tema como «Crown», por exemplo, não era tocado desde que o álbum saiu, e eu perguntava-me – "*porque é que tirámos isto da* setlist*?*". Na verdade, passámos a integrá-la nos concertos, não sei até quando... Enquanto tocávamos o «Ceremony...» tudo me passava pela cabeça, viajas mesmo no tempo. Foi muito fixe.

Não sei se essa viagem exerceu alguma influência no que ouvimos em «Hegemony» mas as tuas vozes, por exemplo, estão bem brutas. Musicalmente, como descreverias o novo álbum? Um pouco de tudo o que temos escutado de vocês nos últimos tempos?
Sim, até certa parte, acho que sim. O álbum está mais sinfónico e penso que isso deve, também, ao facto do Xy ter trabalhado com a orquestra. Há mais dessa vertente do que em lançamentos anteriores. Quanto às vozes, beneficiei de ter estado com o Waldemar Sorychta na pré-produção e ele voltou enquanto eu gravava a voz. A última vez que isso aconteceu foi durante as sessões de «Passage», portanto, foi há muito tempo. Ele puxou por mim e ajudou-me a tornar a voz mais agressiva. Aliás, quisemos fazer deste álbum, algo massivo, sem ser necessariamente ultra-pesado. Se conseguimos congregar os nossos diferentes elementos no mesmo disco, melhor. A ideia foi fazer algo que fluísse, mas com temas diferentes entre si. Somos gajos da velha guarda e pensamos como álbum, não pensamos em músicas isoladas. Para mim, a experiência completa é todo o álbum. Não sou o tipo de pessoa que compra apenas uma música. Sei que, para as novas gerações, compra-se o *single* digital e o resto fica para trás. Não me importo e é por isso que me esforço sempre pelo melhor álbum possível, pois se houver um *filler* algures, vais notar. Trabalhamos para ter um álbum que mantenha a tensão com as dinâmicas em alta, do princípio ao fim. Se o conseguimos com «Hegemony», missão cumprida.

Também no conceito, a mensagem é forte, com as ideias hegemónicas que subentendemos nas letras. O mundo continua estranho, com a agravante de umas nações estarem sempre a demonstrar poder sobre outras... É disso que também fala «Hegemony»?
O tema-título, sim. O Xy passou-me a ideia original para essa música e foi a partir daí que cresceu em mim a noção de hegemonias, ou tentativas de tal a que vamos assistindo por aí. Na verdade, não podemos fazer nada. Resta-nos unir com as pessoas que nos estão mais próximas e tentar ter a melhor vida possível. E se tudo rebentar, nem nos vamos aperceber. Mas eu não vou muito pelo lado do medo... Claro que, pela maneira como as coisas são retratadas pelos *media*, parece que estamos a caminho do fim do mundo, mas já é assim há alguns anos. Hoje, estamos um bocadinho mais velhos e talvez nos sintamos mais preocupados, mas lembro-me de, em puto, ouvir a história do míssil em Cuba... Aí também estávamos à beira da terceira guerra mundial e ia tudo pelos ares, mas não aconteceu. Se acontecer, aconteceu. Não podemos fazer nada. Não sou o tipo de pessoa muito preocupada. Tento ser positivo. Como no tema «Red Planet», por exemplo. Queria enfatizar o desejo de comunicar e fazer laços com outras pessoas mas, é claro, não sou assim tão ingénuo, e o refrão é mais niilista que o resto da canção. Mas há ouras temáticas que abordamos, como por exemplo «Rite Of Renewal» e «Land Of The Living» que andam em torno do ciclo da vida e de novos começos. «Dictate Of Transparency» já versa mais sobre esta actual propensão de expormos a nossa vida a toda a gente. Parece que todas as redes sociais te pressionam a dares mais de ti mesmo, de partilhar mais... Antes disto, estávamo-nos pouco lixando para o que as outras pessoas fazem com as suas vidas. [risos] Era mais: quero ter o melhor para mim mesmo, quero ter uma boa ligação com as outras pessoas; uma harmonia que era um objectivo em si. Agora, mostrar quão melhor é a minha vida do que a dos outros... é algo novo. É engraçado porque, de certa forma, é um passo atrás. Mas, por outro lado, também é perigoso. Já quanto ao tema «Black Supremacy» – adoro preto, não é segredo! – queria ter uma espécie de tributo a essa cor, ainda que não seja uma cor. Já escrevi a «Black Trip» há uns bons anos, que tem o mesmo ideal por trás, mas a minha mente não era tão abrangente como hoje. Desta vez, quis fazer mesmo uma música icónica para o preto.

Neste vosso regresso, há também uma curiosa versão de «Helter Skelter» dos The Beatles. Porquê?
Bom, gostamos da música. Ainda que já tenha sido tocada por muitas outras bandas. Isto partiu de um debate que tivemos dentro do grupo, tentando identificar qual foi a primeira música de heavy metal de sempre. Teria de ser um protótipo para tudo o que adoramos. E essa malha em particular apareceu antes dos Zeppelin, antes dos Purple e já tinha muitos elementos daquilo que essas bandas, e muitas outras, vieram a fazer. Inclusive, punk. É uma *fuck all song*. Não sei como os Beatles a fizeram, tenho a sensação que foi mais numa de brincadeira para eles, mas acabam por tocar em algo que é muito importante para nós. Até há uma onda meio industrial na música com a guitarra dissonante e tal, e então decidimos – vamos a isto. Mesmo tendo sido já usada por muitos outros nomes, íamos tentar a nossa própria *cover* e torná-la o mais *Samaelish* possível. É porreiro fazer versões como esta, mas demora imenso tempo, mais até que um tema inédito porque tens de fazer uma boa gestão entre o que queres e o original. Não queríamos traí-la, mas queríamos tê-la do nosso lado, por isso andámos ali para trás e para a frente e acho que chegámos onde queríamos.

Identificamo-la bem e está *Samaelish*. [risos] Após todos estes anos – e sei que é difícil falar de dentro – consideras que os Samael têm a sua unicidade, que é facilmente reconhecível?
Acho que isso é algo que a maioria das bandas procuram. Penso que nós descobrimos o nosso som ali entre o «Ceremony Of Opposites» e o «Passage». No «Ceremony...» já tínhamos teclados em todas os temas e, quando o Xy se mudou da bateria acústica para a programada, passámos a ter mais cenas industriais e electrónicas. A partir daí, tentámos desenvolver a fórmula álbum após álbum. Hoje em dia, continuamos à procura de novos caminhos. Não penso que este novo trabalho seja um grande passo em frente, mas já é um pequeno passo para qualquer coisa. Enquanto, por exemplo, o «Lux Mundi», ou mesmo o «Solar Soul», foram, sobretudo, discos que tentam dar sentido àquilo que já tínhamos feito no passado. Desta vez, damos continuidade ao que já fizemos, mas avançamos. Não sei para onde... mas avançamos. [risos]

Pela maneira como as coisas são retratadas nos *media*, parece que estamos a caminho do fim do mundo. Mas já é assim há alguns anos.

TURBILHÃO NEGRO

«Nihl», o disco de estreia dos espanhóis ALTARAGE, foi um dos melhores de 2016, colocando a banda como uma das grandes promessas do death metal actual. Um ano depois estão de volta com «Endighent», um disco ainda mais maduro e obscuro, que promete deixar muita gente de queixo caído. A LOUD! falou com um elemento da misteriosa banda basca e partilha convosco o resultado dessa conversa.

POR JOSÉ ALMEIDA RIBEIRO

Depois da impressionante reacção que o «Nihl» teve um pouco por todo o mundo, sentiram ou puseram mais pressão em vocês mesmos para conseguirem um sucessor à altura?
Não é uma questão de pressão. Escrevemos música porque amamos fazê-lo e damos sempre 100% de nós em tudo o que fazemos com esta banda. A reacção que «Nihl» provocou nas pessoas foi inesperada para nós e estamos agradecidos por isso, mas não determinou de forma nenhuma o esforço que pusemos neste segundo álbum.

Como é que comparas este «Endinghent» com o «Nihl»? Quais são para ti as principais diferenças entre os dois?
Diria que a principal diferença está na génese do disco. Desde o início ficou claro que estas canções não eram mais do mesmo. Desta vez tivemos mais tempo para trabalhar uns com os outros nos temas, antes de entrarmos para estúdio. Tentamos sempre evitar alguns *clichés* e limitações que tornaram o death metal (salvo raras excepções) um género muito previsível e chato na última década. Nesse sentido o «Endighent» não é diferente do «Nihl». O caos toma uma forma diferente, mas os objectivos permanecem intactos.

Antes de começarem a escrever para o disco já tinham uma ideia do que pretendiam? Tentam ter sempre uma abordagem diferente?
Podemos ter uma ideia da direcção que queremos seguir, mais ou menos, mas deixamos a vibração fluir, não gostamos de forçar nada. Obviamente que temos uma base e fundações fortes, um estilo próprio de fazer o que fazemos, mas também gostamos de nos perder no horror sónico e violento que criamos.

Pensam na música que escrevem, uma a uma, ou imaginam logo o álbum e já compõem com isso em mente?
Crescemos a ouvir álbuns e vamos morrer a ouvir álbuns. Portanto, quando escrevemos é com essa mentalidade que o fazemos. Não vais encontrar nada dessa treta de *singles* nesta banda. Tanto o «Nihl» como o «Endinghent» funcionam como um todo e devem ser experienciados do início ao fim. Só assim fazem sentido.

Vocês são técnicos e usam tempos e estruturas fora do comum, mas parecem centrar-se muito mais no campo do sentimento e atmosfera. Como é que encontram o ponto de equilíbrio?
Não pensamos muito nisso, acho eu. As canções tendem a desabrochar e evoluir por si mesmas. Nós apenas tentamos domar e controlar esse turbilhão de caos negro. Para dizer a verdade, achamos as cenas técnicas um bocado chatas. Um riff ou uma canção não são melhores por serem difíceis de tocar, são bons se te fizerem sentir alguma coisa. Olha os Autopsy, por exemplo. Estão muito longe de serem os melhores músicos neste género e as canções deles não são nada difíceis de tocar, mas prefiro o «Severed Survival» a qualquer destes discos merdosos de detah metal brutal e técnico que estão tão na moda ultimamente.

O que significa o título «Endinghent» para vocês?
Cabe ao ouvinte descobrir ou encontrar um significado para a música e para as letras. Há demasiada informação por aí, demasiadas explicações. Não nos sentimos confortáveis a fazer a papinha toda à nossa audiência. Esta música requer esforço e envolvimento por parte do ouvnte. Para nós é mais

interessante saber o que a palavra significa para ti depois de teres ouvido o disco.

O que é vos inspira a escrever este tipo de música? Refiro-me à vida, não propriamente a outras bandas...
A música é uma parte vital de quem somos enquanto indivíduos. Primeiro como ouvintes e mais tarde como músicos também. Criamos música porque simplesmente não concebemos a vida sem o fazermos. Através da música dos Altarage expressamos o nosso desdém, os nossos medos, interesses e sentimentos de falta de esperança. Pegamos em todo o desprezo, toda a corrupção, todo o ódio e desespero que este mundo tem para oferecer e cuspimos sobre a forma de música.

Lidar com estes tópicos tão negros é catártico para vocês?
Certamente que sim. Todos temos vidas muito normais e criar esta música ajuda-nos a que assim seja.

O disco tem uma produção muito limpa e orgânica, a melhor que já tiveram. O que fizeram diferente desta vez nesse aspecto?
Desta vez outras pessoas estiveram envolvidas no processo de garavação, o que explica porque é que o resultado final é diferente, se comparado com o primeiro álbum. Achámos muito importante tornar o álbum tão orgânico quanto possível. Vimos de um *background* associado ao death metal mais *old school* e não gostamos de produções estéreis e sem alma. Preferimos sujar as mãos.

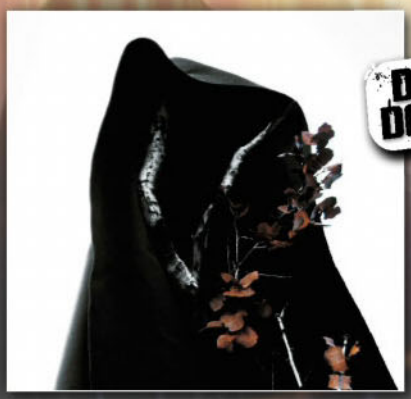
São perfeccionistas? Deixam espaço para improvisar em estúdio ou já vai tudo muito bem definido?
Se ser perfeccionista significa sabermos o que queremos e como vamos alcançá-lo, sim, somos. Quando entramos em estúdio as canções estão totalmente acabadas e ensaiadas. Há sempre espaço para pequenas alterações ou novas ideias que surjam, porque o próprio processo de gravação nos dá uma nova perspectiva sobre as canções. No entanto, o nosso tempo em estúdio é limitado, portanto tentamos aproveitá-lo ao máximo e não inventar muito.

Agora que assinaram com uma grande editora como a Season Of Mist, já sentem diferenças? Não têm medo de se tornarem só mais um nome num catálogo enorme com artistas de renome?
Trabalhar com uma editora tem sempre prós e contras, mas até ao momento estamos muito satisfeitos por fazer parte da Season Of Mist. Sabemos quem somos e o que queremos e não nos preocupamos com as outras bandas.

Já receberam *feedback* positivo de alguns dos vossos pares, por exemplo, uma banda que tenham crescido a ouvir?
Não, e temos quase a certeza de que o Tony Iommi não gosta muito do que fazemos.

O vosso primeiro concerto de sempre foi no Amplifest de 2016, no Porto. Recordas essa experiência?
Foram os primeiros a mostrar um interesse real em ver-nos tocar e arriscaram convidar-nos para tocar lá, por isso saudações para eles. O festival é incrível e o concerto foi espectacular. Abrimos o turbilhão negro no Porto e engolimos algumas almas nesse processo.

Crescemos a ouvir álbuns e vamos morrer a ouvir álbuns. [...] Não vais encontrar nada dessa treta de singles nesta banda.



DISCO DO MÊS

PROCESS OF GUILT

«BLACK EARTH»

[BLEAK/DIVISION]

É curioso que os dois álbuns do mês partam do doom/sludge e seus derivados — com todas as idiossincrasias do subgénero em questão — e resultem em algo tão diferente. Os Amenra, sofridos, melancólicos e emocionais, naquele sentido dramático do termo. Os Process Of Guilt, esmagadores, implacáveis e, em «Black Earth», mais do que nunca, obscuros. Tal como aconteceu nos três longa-duração anteriores, este quarto álbum da banda eborense é uma besta bastante diferente da anterior, sobretudo no conteúdo, porque na forma até há semelhanças: são outra vez cinco gigantescos temas de peso opressivo, concentrados nos 42 minutos mais contundentes do metal nacional deste ano. A maior diferença está mesmo na atmosfera fria, negra, quase desumana deste «Black Earth», um disco que, sem ser declaradamente industrial, emana a mesma abrasividade e cria o mesmo tipo de imaginário decadente sugerido pelos maiores ícones do género. As influências de uma banda como Godflesh surgem mais evidentes do que nunca, embora nunca se manifestem de forma óbvia e gratuita. Aliás, «Black Earth» acaba por ser bem mais imprevisível e sorrateiro do que seria de esperar. Se fosse um animal, seria uma anaconda: pela forma como se aproxima, tremendo mas bem camuflado, pela maneira como nos enleia — mesmo que queiramos não temos como fugir — e depois nos asfixia e engole por inteiro, sem dó nem piedade. Em «Black Earth», os Process Of Guilt viram as costas à melodia e insistem em ser agrestes, dissonantes e monolíticos, fazendo da hostilidade o cartão de visita e da repetição frequente de padrões, batidas e riffs, o prato do dia. E é mesmo assim, de forma persistentemente desagradável, que nos caçam com uma facilidade desarmante. Como? Escrevem verdadeiras canções, temas que sem uma única harmonia cantarolável, colam na memória à primeira audição, provocando uma espécie de atração pelo abismo, mais viciante a cada nova submissão. «Feral Ground» é a prova de que não é preciso ser bonito para ser atraente. Corrosivo e castigador, tem um daqueles *grooves* que fazem mal à coluna, mas muito bem à alma. A faixa-título, por seu turno, é um "buraco negro" em forma de música, um colosso de negrume e agrura que nos absorve por completo, sugando qualquer réstia de luz e esperança. Hugo Santos continua a afastar-se do gutural profundo de outrora e faz agora uma abordagem mais aberta e expressiva, plena de veemência e intenção, trazendo um fogacho de emoção e humanidade que contrasta com a frieza da descarga instrumental. A forma característica como vocifera por cima dos riffs, com frases curtas ou palavras soltas, ajuda a criar uma cadência que já é característica nos Process Of Guilt. A construção das composições é feita em cima de dois ou três riffs, desdobrados em múltiplos ritmos e cadências, com a precisa e preciosa ajuda da bateria de Gonçalo Correia e o suporte do gigantesco baixo de Custódio Rato, mais poderoso e *in your face* do que nunca. As incríveis texturas da guitarra de Nuno David provam que dinâmica tem muito mais a ver com qualidade do que com quantidade e que não é preciso enfiar 50 ideias num tema, quando se tem uma muito boa. Isto leva-nos à colossal «Hoax», o passo adiante dos Process Of Guilt, um petardo que traduz tudo o que representam em 2017: densidade e pujança do *low end*, intensidade e assertividade em cada palavra, guitarras apocalípticas, berraria insana, *feedback*, tudo devidamente alinhado num fim quase poético, para um disco espectacular. [9] **J.A.R.**

ILUSTRAÇÃO POR PEDRO SILVA

AMENRA

«MASS VI»

[NEUROT]

"*Cruzes, credo, o que foi isto?*", pensou este escriba ao sair do estado de hipnose provocado pelo «Mass VI». Sem perceber muito bem, a tentação foi carregar imediatamente no *play* uma e outra e outra vez, porque este é daqueles discos que não cansa. Os Amenra não são para toda a gente, já se sabe, mas quem entendeu e apreciou o que fizeram no passado fica desde já com uma garantia (subjectiva, claro está!): este é o melhor álbum que gravaram, até ao momento. A estrutura e o estilo dos riffs sludge/doom, a natureza tribal de parte das batidas e os crescendos de tensão remetem, como já acontecera no passado, para os Neurosis, embora os belgas saibam perfeitamente distanciar-se dos mestres. E fazem-no de múltiplas formas: pela voz única, seja em berraria tortuosa ou em arrepiantes sussurros, de Colin H. Van Eeckhout, pela injecção de muitos mais elementos metálicos – num tema como «Diaken» *flirtam* claramente com o black metal – e pela faceta emocional mais exacerbada, graças ao recurso frequente a belas e proeminentes melodias. Claro que todos estes temas, sem excepção, têm uma toada lenta e assombrosa, com uma intensidade e uma energia velada, que persiste no peso ou na melancolia. Em relação ao irmão mais velho, «Mass VI» é menos minimalista. Nem por um segundo é monótono, é menos apocalíptico e mais sentimental, mas igualmente espiritual. Tudo parece acontecer na proporção certa: a repetição é feita em doses q.b., as canções constroem uma identidade bem vincada e distinguem-se facilmente entre si, e, acima de tudo, há um equilíbrio perfeito entre agressividade, atmosfera e harmonia. Aliás, a vulnerabilidade tocante de um tema como «Plus Pres De Toi» – a subtileza da secção intermédia e a posterior passagem para peso carregado de emoção são sublimes! – ou a inacreditável «A Solitary Reign», valem sozinhas o preço do álbum. Esta última é, possivelmente, a canção mais orelhuda que alguma vez escreveram, dona de uma linha melódica arrepiante (mais alguém ouve isto e pensa em My Dying Bride?) e de uma carga dramática que poucas bandas conseguem alcançar. A música dos Amenra versa sobre a relação entre amor e dor, de como ambos os conceitos são indissociáveis. A forma como traduzem essa dicotomia em música, numa amálgama de tristeza, angústia, entrega, consternação, revolta e beleza, é tão genuína e tão real, que o intangível parece tornar-se palpável. A verdade é que os Amenra nunca tiveram um álbum que retratasse tão bem o que fazem em cima de um palco, ou seja, nunca soaram tão viscerais, poderosos e sensíveis como neste «Mass VI». Para isso muito contribui a produção do lendário Billy Anderson, responsável por discos como «Through Silver In Blood», «Dopesick» ou «Dopesmoker». Um tipo com dedo para clássicos, vá, e que arrisca ter o nome associado a mais um. [9] **J.A.R.**

ACEPHALIX

«Decreation»

[20 Buck Spin]

Os Acephalix sempre foram uma proposta extremamente interessante, desde que nos brindaram com o tremendo «Aporia», precisamente pela mistura que faziam de death metal com d-beat e crust/punk. Ao longo dos anos e dos lançamentos – o «Deathless Master» de 2012 é brilhante também – conseguiram refinar esse equilíbrio, oferecendo o melhor dos dois mundos, a sujidade e o peso bruto do death metal e o ímpeto e a "soltura" do crust. Este «Decreation» já é um bocadinho diferente… somos totalmente a favor de as bandas não ficarem presas no mesmo sítio a fazer sempre a mesma coisa, mas não deixa de ser uma pequena desilusão que a balança penda muito mais para o lado do death desta vez. Continua a ser um death ágil, muito solto, reforçando a componente de "suecada" geral – e de Dismember em particular – que já apresentavam a espaços nos discos anteriores; ou seja, a qualidade continua em alta. Só parece uma pena terem mexido, talvez demais, naquilo que os tornava mais únicos. É que death metal *old school* de qualidade, há muito, incluindo por exemplo os Vastum, banda onde metade da formação dos Acephalix também toca. Bandas com a capacidade de largar um «Aporia»… já são menos. Preocupações que se esbatem perante jardas como «Egoic Skin», por exemplo, mas que deixam ainda assim um pequeno amargo de boca no final de um disco, objectivamente, muito bom. [7.5] **J.C.S.**

ACT OF DEFIANCE

«Old Scars, New Wounds»

[Metal Blade]

Quando temos reunidos numa mesma banda os imensos talentos do guitarrista Chris Broderick, do baterista Shawn Drover, do baixista Mathew Bachand e do menos conhecido, mas não menos talentoso, vocalista Henry Derek Bonner, é meio caminho andado para o que daí possa resultar em disco seja motivo para despertar a nossa atenção. E quando «Old Scars, New Wounds» surge como o segundo capítulo de um projecto sobre o qual reinava a dúvida sobre a sua verdadeira afirmação enquanto banda e não como uma experiência passageira, ainda mais motivos temos para ouvir o que estes músicos têm para nos dizer. E o que aqui se ouve soa a thrash metal, soa a heavy metal, soa a metal progressivo, soa a metalcore e soa sobretudo a metal, daquele recheado dos *clichés* que, no fundo, compõem os seus genes: solos e riffs de guitarra, uma bateria poderosa, grandes melodias, uma voz tão melódica quanto agressiva e verdadeiras malhas com equilibradas doses de tudo isto e muito mais. Dois anos volvidos após a estreia «Birth And The Burial», os Act Of Defiance elevam a fasquia em matéria de consistência do material apresentado, revelando maior maturação e entrosamento na forma como a agressividade de «Molten Core» é naturalmente sucedida pela *suecada* que é «Overexposure», pela *thrashalhada* de «Reborn» ou pela mais envolvente e intricada «Rise Of Rebellion» ao cair do pano. Sem ser um disco que prime pela excitação da novidade, tem na experiência e na classe dos seus intervenientes o seu grande trunfo. O resultado é mais do que satisfatório. [7.5] **R.A.**

ENSLAVED

«E»

[NUCLEAR BLAST]

Com o anterior «In Times» fechou-se um ciclo, é a própria banda que o diz, assinalados que estão 25 anos de Enslaved. Se atendermos a que a novidade «E» começa e acaba, praticamente, em regime post rock, só isso daria para vos chocar quanto a esta "nova fase" dos respeitáveis noruegueses de Bergen, mas – não se duvide – continuamos a ter os Enslaved que tão bem conhecem, no restante disco. E que banda é essa? É uma banda musicalmente evolucionista, progressiva, experimentalista, que não tem pudores em integrar nos temas, os devaneios que sente. Se isso passa por saxofones ou uma *cover* de Röyksopp, como bónus, seja, porque sai bem. Ao 14º álbum, a dupla espinal de Ivar Bjørnson e Grutle Kjelsson passa a contar com um novo teclista/vocalista limpo, e aí também reside alguma da metamorfose que escutamos em «E», mas a personalidade da banda está intacta. Peguemos em temas como «Sacred Horse» e «Storm Son» para aferirmos daquela pungência natural que se conserva, aquela aura tranquilizantemente bruta, como se estivéssemos no topo de um fiorde a contemplar uma paisagem milenar com ouvidos modernos. Os Enslaved estão para o viking/black como os Opeth estão para o death metal. Seguiram o seu caminho progressista e, hoje, têm mais em comum do que apenas o uso de *mellotrons*. «E» é um álbum positivo na atmosfera e no conceito, mas não façam confusões – Enslaved também continua a ser individualismo e força inclemente. Está cá tudo, como é apanágio de mestres. [8.5] **N.S.**

ALTARAGE

«Endinghent»

[Season Of Mist]

Caras tapadas, formação misteriosa, estética sinistra. Desde que lançaram a estreia «NIHL», há um ano, *nuestros hermanos* Altarage nunca esconderam ao que vinham e, apoiados na sua fusão de death metal pantanoso injectado das atmosferas frias e obscurantistas do black metal de pendor dissonante, estabeleceram-se como uma das mais interessantes propostas saídas desta nova tendência underground, misto de revivalismo *retro* com atitude visionária e futurista, que nos deu também os muito aplaudidos The Ominous Circle. O que, de há uns tempos para esta parte, se convencionou chamar blackened death/doom atmosférico é uma complexa mistura de força bruta e musculada, riffs do tamanho do mundo, atmosferas cortantes, compassos demolidores e vozes demoníacas, daquelas capazes de deixar o H.P. Lovecraft orgulhoso. «Endinghent» é isso tudo e ainda mais um pouco, amplificando todas as coisas boas do primeiro disco e tornando-as ainda mais intensas, seja através do compasso arrastado e ultra-pesado de «Incessant Magma» ou da velocidade desenfreada de «Spearheaderon», logo os dois primeiros temas do álbum. Os quase 30 minutos que sobram, porque esta é uma daquelas bandas que não precisa de muito tempo para fazer mossa, apresentam seis outras variações, com uma pitada de Morbid Angel aqui e outra de Portal ali, a esta abordagem sinistra, sufocante e complexa à música extrema. [8] **J.M.R.**

ANTISECT

«The Rising Of The Lights»

[Rise Above]

Como é possível que uma banda anarco-punk há muito desaparecida nos soe hoje a Metallica em alguns riffs? A explicação está na NWOBHM. Os Antisect perfazem mais uma daquelas improváveis reuniões, 30 anos depois de terem deixado a fervilhante cena londrina de hardcore, crust e metal. Acontece que se formaram em 1982, altura tão fulcral para o molde musical deste, e do outro lado do Atlântico, sendo que a genética criativa destes tipos continua bem audível em 2017. «The Rising Of Light» é apenas o segundo álbum do grupo que, discograficamente, se despedira em 1985 com o influente EP «Out From The Void». Hoje, apenas com o guitarrista/vocalista Pete Lyons da formação original, e o baixista/vocalista John Bryson que esteve com a banda entre 84 e 86, os "novos" Antisect não se limitam a dar um álbum de ressurreição *porque*

sim; são 50 minutos de punk na substância e metal no som. Com guitarras fortes, vozes ao estilo Lemmy e balanços ao género Amebix (velhos comparsas de luta), «The Rising Of The Lights» é o culminar de seis anos de reunião com vários concertos e muitas mudanças de *line-up* nestes últimos tempos. Se é para continuar, só eles saberão. Mas um bom disco de regresso, já ninguém lhes (nos) tira. [7.5] **N.S.**

APPICE

«Sinister»

[Steamhammer/SPV]

Pela primeira vez em estúdio, anteriormente só tínhamos escutado a experiência ao vivo «Drums Wars» em 2014, os manos bateristas Appice juntaram-se para nos presentear com os seus quase 90 anos de experiência acumulada segurando nas baquetas. O já septuagenário Carmine (conhecido pelas participações com Vanilla Fudge, King Kobra ou Rod Stewart) e o quase sexagenário Vinny (Black Sabbath, Dio ou actualmente Ressurrection Kings) trazem-nos um disco de hard rock onde, obviamente, a força da secção rítmica prepondera. Em «Sinister», os Appice surgem acompanhados por uma infindável e invejável lista de convidados, dos quais se destacam Robin McAuley e Paulo Shortino na voz, Craig Goldy, Bumblefoot ou Joel Hoekstra nas guitarras e nomes como Tony Franklin no baixo ou Erik Norlander nas teclas. Todo este talento transborda ao longo de faixas como «Monsters And Heroes», «In The Night», na mistura de versões de Black Sabbath em «Sabbath Mash» ou no duelo dos irmãos em «Drums Wars». Um disco que soa a um tributo ao bom e velho hard rock. [7.5] **C.G.**

AUÐN

«Farvegir Fyrndar»

[Season Of Mist]

"*Fazemos melodias com* tremolo-picking*, dêem-nos um contrato.*" Era um bocado assim que a coisa funcionava nos anos 90 durante o *boom* de clones desnecessários na segunda vaga de black metal. Se há muito tempo que uma linha dessas não é suficiente para garantir interesse de editoras, acrescentar-lhe "somos islandeses" pelos vistos chega, tal o *hype* gerado pela malta da Vánagandr. Só assim se explica que um disco tão genérico como «Farvegir Fyrnda» venha com o selo que vem. Não é que seja horrível, não o é, mas é daquele black metal que ou se prende a um meio tempo cheio de melodias genéricas, uns gritos angustiantes (leia-se, agudos, polidos, cheios de eco e *delay*), e crescendos totalmente previsíveis, ou entra num regime acústico atmosférico igualmente repetido até à exaustão por compositores muito superiores. Eles bem tentam imprimir dinâmica ao disco, mas as transições entre os diferentes registos ficam-se sempre pelo básico e desinspirado. Salva-se a captação de som de bateria, mesmo que o que se tenha capturado seja tão certinho e *by the numbers* como o resto. [3.5] **L.P.**

BELL WITCH

«Mirror Reaper»

[Profound Lore]

Aviso à navegação – o disco novo dos Bell Witch consiste de apenas um tema de 83 minutos. Isto largado assim, pode chegar para assustar. Tudo bem que não é novidade nenhuma, já muitas bandas fizeram coisas do mesmo género, mas mesmo assim, num duo que tem primado pelo peso incomportável e pelo arrastar agreste do doom, requer um certo investimento emocional. É portanto muito agradável registar que a quase hora e meia se passa lindamente, sem quaisquer problemas de fluência. Deixando-nos embrenhar pelas várias secções do tema, nem parece que passou esse tempo todo. Influenciado decisivamente pelo triste desaparecimento do ex-baterista Adrian Guerra no ano passado com apenas 36 anos, «Mirror Reaper» é, de longe, o disco mais variado e de maior profundidade emocional que a banda já fez. O doom cavernoso continua a ser a base de tudo, mas há aqui espaço para alguns assomos espinhosos cuja voz até roça o black metal, partes de uma melancolia surpreendentemente delicada, e até uma homenagem palpável ao ex-companheiro na utilização de vozes que tinham sobrado das sessões de «Four Phantoms» (ainda com Guerra na formação). No limite, tal é a dinâmica apresentada, que não interessa se é só um tema ou se são dez. É uma peça de arte, de uma raiva incontida, de uma beleza triste e de um impacto tremendo, que flui sem mácula do princípio ao fim. [8.5] **J.C.S.**

THE BLACK DAHLIA MURDER

«Nighbringers»

[Metal Blade]

Desde o incrível «Nocturnal», já lá vão dez anos, os The Black Dahlia Murder só tiveram um disco – de transição – um pouco menos inspirado («Deflorate»). Daí para cá iniciaram um ciclo virtuoso que tem em «Nightbringers» o quarto capítulo e que é sinónimo de evolução constante e distinção clara em relação ao trabalho imediatamente anterior, preservando sempre uma sonoridade que se reconhece ao fim de cinco segundos. Quantas bandas podem dizer o mesmo? O tema-título prova que atingiram um ponto de maturidade em que se sentem à vontade para fazerem o que bem entenderem, sem ficarem reféns de um determinado estilo ou com medo de beliscarem a identidade que construiram. Se «Abysmal» foi um disco onde primavam os ganchos melódicos, por oposição à maior obscuridade do anterior «Everblack», neste novo álbum extremam posições e disparam em todas as direcções, conseguindo não ter dois temas iguais ou sequer parecidos. «Kings Of The Nightworld», por exemplo, tem um *lead* quase folk que remete para os primórdios dos In Flames, riffs que tanto lembram Skeletonwitch como Watain, e um solo que podia estar no último disco dos Arch Enemy. Nada a ver com a velocidade supersónica de «Of God And Serpent, Of Spectre And Snake», uma canção com um pouco de quase tudo o que são os TBDM em 2017: contrastes gritantes, mudanças abruptas de ritmo, drama e profundidade, e doses iguais de brutalidade e melodia. E o que dizer da ode que fazem aos Dissection em «The Lonely Deceased», onde fundem o seu estilo característico com uma abordagem mais próxima do black metal, deixando até espaço para guitarras acústicas? Uma delícia! O baixo de Max Lavelle ouve-se como nunca, a *performance* de Trevor Strnad está cada vez mais extrema e a grande novidade deste disco, o guitarrista Brandon Ellis, de apenas 24 anos, revela-se o substituto perfeito para o igualmente talentoso Ryan Knight. Menos dado a um estilo neoclássico do que o antecessor, ainda que também lá vá – por exemplo, na abertura característica que é «Widowmaker» – é um daqueles executantes que põe sobre si mesmo os holofotes de cada vez que sola. Arrisca e contribui de forma decisiva para o refrescar da sonoridade da banda de Detroit, que tem aqui outro discaço. [8.5] **J.A.R.**

BOTANIST

«The Shape Of He To Come»

[Avantgarde]

Por esta altura já toda a gente conhece a *gimmick* dos Botanist, que é black metal com as guitarras substituídas por *dulcimers*. O novo registo começa e acaba muito bem; «Praise Azalea The Adversary» tem uma arrepiante sequência de gritos, e «To Join The Continuum»

Piranha
Loja de Música
c.c. Parque Itália, Loja 73 (à Boavista) - R. Júlio Diniz, 752 - 1º - 4050 012 PORTO
Metro: Casa da Música Telef: 22 6091004 email: piranhacd@gmail.com
ENSLAVED - E (ED. LDA DELUXE / VINIL)
FORGOTTEN TOMB - WE OWE YOU NOTHING (CD/BOX)
SATYRICON - DEEP CALLETH UPON DEEP (ED. DELUXE)
SAMAEL - HEGEMONY
NACHTBLUT - APOSTASIE
ARCHSPIRE - RELENTLESS MUTATION
GOTHMINISTER - THE OTHER SIDE
SEPTIC FLESH - CODEX OMEGA (ED. LDA 2CD)
VUUR - IN THIS MOMENT WE ARE FREE - CITIES
HALLATAR - NO STARS UPON THE BRIDGE
NE OBLIVISCARIS - URN (ED. LDA)
KATLA. - MÓÐURÁSTIN
BLUT AUS NORD - DEUS SALUTIS MEÆ
KAUAN - KAIHO (ED. LDA DELUXE)
CRADLE OF FILTH - CRYPTORIANA: THE SEDUCTIVENESS
THE BLACK DAHLIA MURDER - NIGHTBRINGERS
THROUGH THE EYES OF THE DEAD - DISOMUS
INCANTATION - PROFANE NEXUS
EXHUMED - DEATH REVENGE
VEIL OF MAYA - FALSE IDOL
SARKE - VIIGE URH
AMENRA - MASS VI
PROCESS OF GUILT - BLACK EARTH (ED. LDA)
WINTERSUN - THE FOREST SEASONS (ED. LDA 2CD BOOK)
WOLVES IN THE THRONE ROOM - THRICE WOVEN
AKERCOCKE - RENAISSANCE IN EXTREMIS (CD/EARBOOK)
BELPHEGOR - TOTENRITUAL (ED. LDA)
SUN OF THE SLEEPLESS - TO THE ELEMENTS (ED. LDA)
SORCERER - THE CROWNING OF THE FIRE KING
SERENITY - LIONHEART
EXIT EDEN - RHAPSODIES IN BLACK (FEMALE VOICES SUPER BAND)
CHELSEA WOLFE - HISS SPUN
MYRKUR - MAREridt
www.piranhacd.com
MISANTHROPE - AXQ
PARADISE LOST - MEDUSA (ED. LDA DELUXE CD/VINIL)
KORPIKLAANI - LIVE AT MASTERS OF ROCK CD+DVD BOX
ENSIFERUM - TWO PATHS (CD + DVD)
ELUVEITIE - EVOCATION II: PANTHEON
EPICA - THE SOLACE SYSTEM [MCD]
EUROPE - WALK THE EARTH
EDGUY - MONUMENTS 2CD+DVD/BLURAY
UNISONIC - LIVE IN WACKEN (LIVE CD + DVD)
ICED EARTH - INCORRUPTIBLE (ED. LDA DIGI/ARTBOOK)
PHANTOM 5 - PLAY TO WIN
THRESHOLD - LEGENDS OF THE SHIRES (ED. LDA)
LUNATIC SOUL - FRACTURED
LEPROUS - MALINA (ED. LDA MEDIABOOK)
ARCH ENEMY - WILL TO POWER (ED. LDA / BOX)
DECAPITATED - ANTICULT (ED. LDA)
DYING FETUS - WRONG ONE TO FUCK WITH
VENOM INC. - AVÉ
MANILLA ROAD - TO KILL A KING (ED. LDA DELUXE BOX)
HAUNTED - STRENGTH IN NUMBERS (ED. LDA)
BROKEN HOPE - MUTILATED AND ASSIMILATED CD+DVD
ENVIAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS
Todos os titulos que estão na Loud, estão disponiveis na Piranha
Abertos todos os dias, ininterruptamente das 11 às 21h
Domingos e Feriados das 15 às 19h

NINHO DE RATTUS

POR LUÍS RATTUS

A maior referência de todo o sempre da cena oi!, os imperadores do streetpunk, os reis da banda-sonora da galáctica *bootboy*. Os **COCK SPARRER** lançam um álbum de originais, passados dez anos do último longa-duração, e o mundo pára. Quanto mais não seja para mostrar respeito por uma banda activa desde 1972, que começou na cena pub rock estabilizando no punk rock da classe operária em 1976 até hoje, oferecendo à humanidade álbuns imortais como «Shock Troops» ou «Guilty As Charged». «Forever» vê agora a luz do dia através da parceria de Pirate Press Records, Chase The Ace Records e Randale Records. Mais doze hinos punk rockers *sing along*, com letras que espelham a vida dos subúrbios operários de Londres, mas que poderiam ser de qualquer outro centro urbano. Honra, orgulho e união transpiram das guitarras, temas como «Gonna Be Alright» ou «In My Town» confirmam que os Cock Sparrer não sabem fazer discos maus. Para alegrar a vida aos coleccionadores foram lançados paralelamente mais dois 7" que incluem temas inéditos: «Every Step Of The Way» e «Contender». *Long live* Cock Sparrer!

Conhecida pelas suas interpretações acústicas de clássicos do oi! e do punk rock, **JENNY WOO** lança-se agora também em formato banda, intercalando o acústico e a distorção em «Proud Of Every Scar», o novo registo lançado agora pela Randale Records. A voz da canadiana, agora sediada em Roma, mantém o seu registo melódico com rasgos aqui e ali mais agressivos, mantendo ao longo de treze temas a postura guerreira e de compromisso para com o movimento que a inspira.

«Entre Muros E Bandeiras» é o nome do álbum de estreia dos brasileiros **DOC 21**. Com distribuição da The Firm Records, são desfilados por entre palavras de ordem e distorção inconformada, dez temas com influências do puro streetpunk e bandas como The Exploited, Combat 84, Infa-Riot, Condemned 84 ou Criminal Class. Hinos de rua do princípio ao fim, com muito pêlo na venta.

Com ex-membros de Abriendo Cabezas, os catalães **ASEDIO** apresentam-se ao mundo com o LP em nome próprio através da jovem editora Mendeku Distak. Oito temas oi! acutilantes, com uma voz abrasiva. Letras sinceras debitadas sobre a energia mais pura do streetpunk, com influências vincadas de bandas dos anos 80, por vezes a recordar nomes como Crux, The Burial, Distortion ou Anti Social.

Da Galiza vêm os **BERGALLAZO** que também apresentam o seu primeiro trabalho intitulado «Rexurdir…». Sete temas de punk rock rápido, com influências de hardcore melódico e de rock de combate a lembrar por vezes El Corazon Del Sapo. Uma boa produção, por vezes limpa demais, mas acima de tudo um bom cartão de visita para esta jovem banda de Ourense.

é uma bela canção de folk. Infelizmente, o tema título, com riffs desinteressantes e cantares que tentam soar espirituais e místicos, deixa a nu a principal falha de «The Shape Of He To Come»: a ambição pelo monumental tomou conta dos procedimentos e ninguém obrigou o Otrebor a ter os pés assentes na terra. É irónico que um álbum cujo tema é a reconciliação do Homem com a natureza falhe pela mesma razão que apontam à espécie em si. «Upon Veltheim's Throne Shall I Wait», o mais longo e progressivo tema do disco, é uma representação perfeita do mesmo, tanto apresentando pormenores deliciosos como perdendo-se em auto-indulgências irritantes. Pensando bem, é uma representação perfeita da carreira de Botanist. É a diferença entre eles e Jute Gyte, ambos se identificam pela *gimmick*, mas o senhor da guitarra microtonal escreve malhas. [5] **L.P.**

CHARLES SANGNOIR

«Charlie Plays The Blues»

[Violeta Exótica]

Charlie é Charles Sangnoir, artista com uma década e quatro trabalhos como La Chanson Noire, bem como colaborações, residências e toda uma actividade que só enumerar ocuparia o espaço desta crítica. É um currículo preenchido de alguém que agora anuncia estar de malas para o estrangeiro, deixando, antes, este cartão de despedida. O conceito é tentar recriar um imaginário dos anos 30, metendo umas pintadas de modernidade, como com o título «Diabetes And Gout», onde se junta ao sempre bem-humorado Fast Eddie Nelson, que confere ao tema um andamento mais 50s que 30s. No resto, o disco é… bom. Ou melhor, não é mau, se estivermos prontos para aceitar uma coisa de cartilha, polida, bem executada, com as escalas todas lá, certamente com as frequências acertadas no *software*, sem picos e sem pisar a linha. Aquele blues que certamente se esperaria escutar num Cotton Club, devidamente acertado para os ouvidos do séc. XX, aqui e ali com umas teclas, pois esse é, talvez, o instrumento que mais notoriedade conferiu ao autor que aqui também executa guitarras e percussão, apenas contando com Diogo Beleza para a bateria e outros músicos para instrumentos menos presentes, como a harmónica, saxofone e trompa. Um bom exemplo deste disco, para aqueles que gostam de picar? «Home Alone», por exemplo. Está lá tudo, teclas e guitarra, os acordes *by the book* e tudo aquilo que se espera de um disco de blues. Agora, se esperam um disco de blues gravado numa encruzilhada a meio da noite… arranjem uma cadeira. [6.5] **E.F.**

COMPLETE FAILURE

«Crossburner»

[Season Of Mist]

Não serão mais de 100 os portugueses que se recordam de, há quase uma década, terem levado a real sova dos Complete Failure. Na altura a partilhar o baterista Mike Rosswog com os Today Is The Day, as duas bandas pararam em Lisboa e Porto durante a digressão de promoção a «Perversions Of Guilt» e «Axis Of Eden», respectivamente, deixando uma marca em quem sentiu a descarga protagonizada pelo quarteto oriundo de Pittsburgh. Entretanto entrámos na segunda década do milénio, a banda andou um bocado à deriva antes de assinar com a Season Of Mist e, desde então, reeditou o «Heal No Evil» e lançou o «The Art Gospel Of Aggravated Assault», há cinco anos. Vá-se lá saber porquê, a sua volátil abordagem ao grindcore, construída em cima de *blasts* demolidores e riffs curtos, mas que não descarta o seu quê de complexo e barulhento, nunca conseguiu deixar realmente uma marca no underground do som extremo. Se os astros se alinharem, «Crossburner» pode perfeitamente alterar essa situação, tal é a força desta inebriante mistura de punk, crust, core e metal, espelhada em catorze micro-descargas que passam num ápice (a duração total roça uma sucinta meia-hora) mas que deixam o ouvinte desorientado, sem saber bem o que o cilindrou. Recomendado aos fãs dos Kill The Client, Wormrot, Kiss It Goodbye e, porque não?, Today Is The Day. [7.5] **J.M.R.**

DEAD NEANDERTHALS

«Womb Of God»

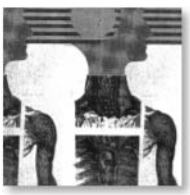
[Burning World]

Sem repetirem editora, os Dead Neanderthals já vão em quatro discos durante 2017. «Womb Of God» destaca-se dos restantes ao apresentar duas composições típicas no contexto do duo holandês. Enquanto «Shelter» se pauta por um registo mais ambiental, «The Depths» consiste numa gravação experimental com os músicos situados nas pontas de um túnel de 100 metros, e «Molar Wrench» é uma colaboração, «Womb Of God» é Dead Neanderthals 101 – um frenesim imparável de bateria cortesia do René enquanto o senhor Otto nos rebenta os tímpanos com uma parede de saxofone barítono que é mais drone do que outra coisa. Se o free jazz é o ponto de partida, o caminho percorrido nestes 30 e poucos minutos inclui repetições rítmicas típicas de krautrock e momentos de alucinação pesada dignas de uns The Body desprovidos de guitarra e berreiro (fica a dica de que era certamente uma colaboração incrível), sobretudo na segunda metade do lado A do disco. Tipicamente atípico, inacessível, e muitíssimo interessante. [8] **L.P.**

DEAFKIDS

«Configuração Do Lamento»

[Neurot]



Muito interessante, a presença de uma banda brasileira na Neurot, mostrando que o pessoal dos Neurosis continua a manter as "antenas" ligadas e dispostas a apanhar qualquer sintonia que lhes faça sentido. E realmente, neste caso, percebe-se imediatamente a identificação que Kelly, Von Till e companhia terão sentido ao descobrir o veículo de chinfrineira de Dovglas Leal (é mesmo assim, com v, à *trve kvlt*). Uma forma fácil de descrever o híbrido sonoro criado pelo guitarrista/vocalista oriundo de Volta Redonda, estado do Rio de Janeiro (com ajuda dos comparsas Angu e Mariano), é imaginar que os Neurosis punks, os Neurosis do «Pain Of Mind», os Neurosis que tinham rastas, nunca saíram desse espectro musical, tendo continuado a evoluir como evoluíram mas mantendo uma ligação muito mais umbilical ao d-beat e ao crust. Provavelmente a meio do seu trajecto teriam passado pelo estado em que os DEAFKIDS se apresentam neste estrondoso EP. O punk de base continua a ser isso mesmo, a base, mas está enterrado debaixo de camadas de noise/industrial, de um tribalismo oblíquo, e de um espírito aventureiro que às vezes parece que é mesmo só para gozar com a nossa cara, como quando decidem brincar com o *pitch* de um tema inteiro, criando um ambiente desconfortável e imprevisível. Avant-punk, ou assim? Há-de haver um termo bom para descrever isto. Vamos pensando, enquanto ouvimos estes 23 minutos mais umas centenas de vezes. [8] **J.C.S.**

DIABLO BLVD.

«Zero Hour»

[Nuclear Blast]

Os Diablo Blvd. estão de regresso para mais uma descarga do seu hard rock obscuro, misturando influências de grupos tão díspares como Black Sabbath, Metallica, Type O Negative, Volbeat, Sisters Of Mercy ou até mesmo uns Depeche Mode mais animados. Neste quarto disco dos belgas temos

malhas como «Animal», «Life Amounts To Nothing» ou «Like Rats» onde revelam o seu lado mais pesado e outras como «Sing From The Gallows», «The Song Is Over» ou «The Future Will Do What It's Told» onde mostram a sua faceta mais alternativa, a qual predomina neste registo. Ritmos quase dançáveis, maturidade na composição dos temas e, apesar da negritude do estilo dos Diablo Blvd., músicas que conseguem cativar à primeira audição. [7.5] **C.G.**

EXHUMED

«Death Revenge»
[Relapse]
De formas distintas, os dois últimos longa-duração de originais dos Exhumed mostraram um amadurecimento claro da banda, quer a nível de produção quer de execução e composição. «All Guts, No Glory», de 2011, foi um petardo de death/grind carregado de *gore*, repleto de grandes canções num estilo em que não é fácil escrever temas que perdurem a memória. «Necrocracy», de 2013, teve uma produção mais limpa e compacta e mostrou uma preocupação ainda maior em seguirem estruturas mais simples e criarem refrães fortes, com mais ênfase na melodia e menos na brutalidade. Nesse sentido, «Death Revenge» não deixa de ser uma continuação mais ou menos óbvia do antecessor, condicionada pelo conceito escolhido pela banda californiana para o disco: o relato de uma série de assassinatos brutais – os cadáveres das vítimas eram vendidos a anatomistas para experências bizarras – ocorridos no início do séc. XIX em Edimburgo, na Escócia. O resultado é um álbum mais focado em ambiências sinistras e menos na violência sónica pura e dura, que tem como registo predominante algo entre o death metal selvagem mas melódico de um «Necroticism...», dos Carcass, e uma mistura dos três primeiros discos dos Death. A este facto não será alheio a recente dedicação do vocalista Matt Harvey aos Gruesome, banda de assumido tributo ao colectivo liderado pelo malogrado Chuck Schuldiner. Há também uma série de introduções com orquestrações que remetem para bandas-sonoras de filmes de terror e dão um toque mais teatral ao álbum, como no caso de «The Anatomy Act Of 1832», um inédito e interessante tema instrumental com mais de sete minutos. Este é um dos vários momentos onde surgem riffs assumidamente thrash, sendo o caso mais flagrante «Night Work», uma ode declarada aos Slayer dos anos 80. O trabalho de baixo do estreante Ross Sewage (Impaled, Ghoul) tem um destaque merecido na mistura final, onde a bateria parece um pouco escondida, mas é profundidade dos solos de guitarra e a fluidez nas transições para secções completamente distintas umas das outras, que mais demonstram a evolução dos Exhumed enquanto músicos e banda. Talvez falte aquela bestialidade que fez do «All Guts, No Glory» um disco tão especial, mas não se pode ter tudo. [8] **J.A.R.**

GWAR

«The Blood Of Gods»
[Metal Blade]
Sai, no dia 20, o primeiro álbum dos GWAR sem Oderus Urungus. O vocalista e fundador Dave Brockie morreu há três anos e meio, findando assim mais um personagem deste bando de guerreiros intergalácticos, depois da morte do guitarrista Cory Smoot em 2011 (o que também acabou com o *character* de Flattus Maximus). Podiam ser motivos suficientes para terminar uma séria brincadeira que já vai em 30 e tal anos, mas quem ficou achou por bem seguir em diante com os *outfits* mais grotescos do shock rock, aproveitando para dar mais algumas alfinetadas, em nós, meros terráqueos. «The Blood Of Gods» é assim o 14º álbum dos norte-americanos, que têm agora como *frontman* Mike Bishop, que fora Beefcake The Mighty nos primeiros quatro discos (baixista e vocalista de apoio) e hoje responde por Blothar. Ou seja, apesar das tragédias reais, o carisma dos GWAR não sai beliscado, e os sobreviventes continuam a meter-se connosco. Nada contra, até porque esta nova dúzia de investidas à espécie humana não está nada má. «War On GWAR» inicia o álbum em regime nitidamente Black Sabbath, há peso a atitude q.b. em temas como «El Presidente» e «Swarm» a até uma espécie de balada (!) – «Phantom Limb», antes de o disco fechar em alta com uma versão de «If You Want Blood (You Got It)». Há registos meio dispensáveis na vasta disco e filmografia destes invasores feiosos, o que não é o caso de «The Blood Of Gods». [7] **N.S.**

unkind
WWW.UNKIND.PT
VESTE A TUA MUSICA
10%
FINALIZA UMA ENCOMENDA NO SITE E INSERE O CODIGO UTF75
DESCONTO VALIDO ATÉ DIA 30 OUT PARA TODOS OS ARTIGOS DO SITE
EXCEPTO BILHETES E ARTIGOS QUE ESTEJAM EM PROMOCAO

HAEMORRHAGE

«We Are The Gore»
[Relapse]
Nome histórico do goregrind europeu, os espanhóis Haemorrhage celebram este ano uns admiráveis 27 anos de existência e fazem-no da melhor forma possível, ao brindarem-nos com um novo longa duração, quebrando um enguiço de sete anos, ao longo dos quais tivemos direito a diversos *splits* e EPs e a um disco ao vivo. «We Are The Gore» sucede a «Hospital Carnage» e não podia ser mais explícito e até presunçoso na forma como se afirma e pretende marcar território. Com mais ou menos ironia à mistura, se há banda que se pode assumir como parte essencial do goregrind são estes Haemorrhage, quer pela sua longevidade, quer pela coesão da sua formação, quer pela certeza que temos de que, a cada novo disco, vai sair uma valente e inesquecível bujarda. Ora, aqui não é excepção e estes serão dos 35 minutos mais intensos e cativantes que nos passarão pelos ouvidos ao longo deste ano dentro do género. A máquina continua brilhantemente oleada e perversamente acutilante, gerando ataques tão furiosos quanto envolventes, tão dilacerantes quanto curiosamente melódicos. Ora ouça-se o inusitado solo de guitarra que desponta de uma «Miss Phlebotomy» ou a forma tão melódica e assumidamente debochada como «Medical Maniacs» ou o tema-título se atiram a nós e jamais nos largam, numa demonstração de como peso, *gore* e brutidade também podem ser sinónimo de música que fica além do ruído e da violência gratuita. [8] **R.A.**

THE HAUNTED

«Strength In Numbers»
[Century Media]
E vão quatro álbuns com Marco Aro (e cinco com Peter Dolving). Depois de um razoável regresso, há três anos, com «Exit Wounds» (que também marcou o regresso do baterista original Adrian Erlandsson), voltamos a ter aquela veia mais ríspida dos The Haunted, a lembrar os primeiros tempos dos suecos, se bem que algum experimentalismo continue a fazer parte do ADN deste grupo. «Strength in Numbers» é bom álbum, a fórmula da maioria dos temas agradará aos fãs, mas teme-se que seja mais um a "perder-se" na discografia do quinteto. Impõem-se momentos memoráveis nesta idade da imediatez. Se a sequência inicial de *intro* + *thrashada* curta pretende ser uma *reprise* à inesquecível «Dark Intentions» + «Bury Your Dead» de 2000, as novas intenções ficam um pouco aquém. Mas, sendo um disco variado – embora completamente fiel ao carisma da banda – tanto podemos ouvir o *melodeath* furioso de um «Tighten The Noose», como aquelas harmonias a lembrar o fantasma de Dolving, em «Preachers Of Death». Com Russ Russell na produção, é o primeiro álbum dos The Haunted gravado fora da Escandinávia e, nesse aspecto, destacam-se guitarras (ainda) mais fortes. [7] **N.S.**

HOURSWILL

«Harm Full Embrace»
[Ethereal Sound Works]
«Inevitable», o disco de estreia editado em 2014, já havia deixado excelentes indicações quanto ao potencial dos portugueses Hourswill na abordagem muito competente a um género pouco comum por cá. Três anos volvidos e com algumas alterações de *line-up* já colmatadas reafirmam e reforçam essa posição enquanto banda a ter em conta no que ao metal progressivo (sem entrar em devaneios de complexidade e em estruturas megalómanas) diz respeito. «Harm Full Embrace» revela uma banda mais madura, mais coesa, mais focada e objectiva, reflectindo-se tudo isso na qualidade geral do disco e, principalmente, na forma como constroem canções de vincada personalidade e que afirmam a sua presença desde o primeiro acorde. O vocalista Nuno Damião merece um óbvio destaque pela prestação particularmente inspirada, suportada por um acutilante e evolvente duplo ataque de guitarras e por uma notória evolução ao nível da composição e da execução. Se quisermos apontar referências, podemos mencionar os momentos mais negros e pesados dos Dream Theater, sem entrarmos por canções que ultrapassem os dez minutos, e podemos mencionar sobretudo uns Nevermore, pela forma como os Hourswill soam progressivos sem perderem o peso e a densidade, pela forma como soam negros sem deixarem de ser melódicos e pela forma como transpiram emoção a cada nota sem soarem sentimentalões. [7.5] **R.A.**

JAG PANZER

«The Deviant Chord»
[Steamhammer/SPV]
Um dos nomes clássicos do power/heavy metal norte-americano regressa passados seis anos do seu último lançamento «The Scourge Of The Light» e depois de terem oficialmente

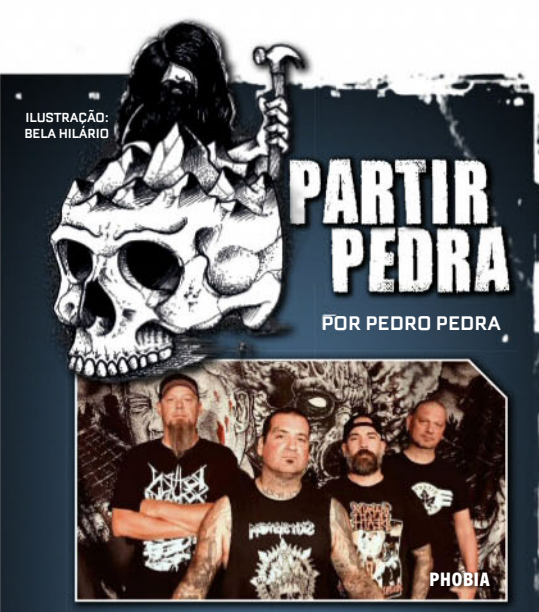


ILUSTRAÇÃO: BELA HILÁRIO

PARTIR PEDRA

POR PEDRO PEDRA

PHOBIA

Clássicos veteranos do grindcore, os **PHOBIA** estão de volta com mais um disco. «Lifeless God» continua a herança de violência sónica a que a banda nos tem acostumado. Esta abordagem social da vida do dia-a-dia ganha uma expressão máxima quando sentimos o descontentamento e a determinação perfeitamente dissolvidas na musicalidade da banda. A raiva que ainda emana destes experientes músicos é uma prova cabal de vida e dá aos Phobia fôlego para continuarem fiéis às suas origens.

Os **SUBLIME CADAVERIC DECOMPOSITION** também já nos habituaram à sua máxima trituração sonora e com o novo trabalho «Raping Angels In Hell» voltam a recuperar a sua agressividade musical, sempre muito bem equilibrada com o balanço demolidor das suas composições. É caso para dizer que já tinha saudades de ouvir este rolo compressor infernal a debitar intensidade e esmagamentos sem dó nem piedade. Numa existência mais recente, apresento-vos os **EATEN**, com o seu lançamento homónimo. Devo dizer que este «Eaten» é uma grande surpresa porque demonstra um colectivo afinado e calibrado para destruir-nos os tímpanos à bofetada. Ao longo da sua audição recomenda-se que sustenham a respiração porque não estão livres de sair daqui virados do avesso. No campo das novidades ainda há lugar para falar-vos dos **CYTOTOXIN** e do seu fresquíssimo «Gamaggedon». A primeira característica que irrompe sem aviso prévio é técnica descomunal dominante nesta recente obra. Polido, bruto, dinâmico, são todos adjectivos justos para elevar os Cytotoxin a um novo patamar da excelência extrema.

Mas o extremo tem faces opostas e quando assim é também acabam por se tocar. Os mestres **FUNERAL MOURNING** voltam a marcar presença neste espaço e, desta vez, trazem-nos o «Left Seething Yet Unspoken», um tema em que a amplitude da sua densidade leva-nos todos a ver a vida por um canudo. Confesso que não conheço outra banda com a capacidade de nos levar ao desespero e à insignificância existencial com esta cadência surrealmente sossegada. Resultando quase como um interlúdio na obscuridade deixada, expandimos um pouco com os **SLOW** e o seu «Mother Cetacean». Mantendo o registo de doom profundo, as melodias que aqui nos fazem sofrer arrastam-nos para paisagens mais lacrimosas e desconsoladas num abraço sereno e quase maternal. Mas o vazio suga-nos, de novo, para o seu campo de forças e nele somos confrontados com a negra sujidade dos **WASTES**. O cortejo de «Into The Void Of Human Vacuity» é uma ode sepulcral e hedionda que arrepia pela malícia que emana através das suas dissonâncias claustrofóbicas. *Horns up for metal*!

terminado a sua carreira nessa altura. Felizmente que mudaram de ideias (já não é a primeira vez que isto acontece) e temos aqui o seu décimo álbum de estúdio numa história que remonta aos Tyrant, de 1981. A formação base mantém-se com o acréscimo do regresso do guitarrista Joey Tafolla ao colectivo liderado pelo também guitarrista Mark Briody e pelo vocalista Harry Conklin. «The Deviant Chord» é um álbum típico dos Jag Panzer que poderia perfeitamente (até em termos de produção) ter sido editado há vinte anos atrás: temas com diferentes nuances, guitarras ritmo pesadas, solos frenéticos e Conklin a cantar como uma sirene. Este disco é indubitavelmente uma boa notícia para os fãs dos Jag Panzer e do power/heavy metal norte-americano em geral. [7.5] **C.G.**

LEPROUS

«Malina»

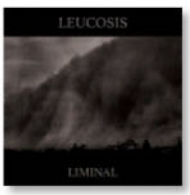
[InsideOut]

Só ficará surpreendido com aquilo que os Leprous são hoje quem não os acompanhou desde a auspiciosa, embora algo despercebida, estreia que foi «Tall Poppy Syndrome». Logo aí se percebeu que havia algo de muito especial nestes jovens e talentosos músicos e compositores, algo incapaz de ficar confinado a um género musical e sedento por saltar barreiras. Ihsahn percebeu-o desde cedo e fez-se rodear de diversos músicos dos Leprous nas suas apresentações ao vivo em nome próprio. Isso deu-lhes maturidade, abriu ainda mais os horizontes de mentes predestinadas e os sinais mais evidentes de que algo de muito especial estava finalmente a chegar a um público mais abrangente intensificam-se com «Coal», em 2013, e explodem definitivamente com «The Congregation», em 2015. Privilegiadas aquelas escassas dezenas de almas que em Novembro de 2013 testemunharam a classe desta banda no Side B, em Benavente, e que, volvidos apenas quatro anos, os vêem ser aclamados por plateias de alguns milhares e editar um disco que volta a desafiar o óbvio, que volta a surpreender, que volta a viciar, a absorver-nos durante horas e a ficar marcado como um dos tais discos especiais. «Malina» podia simplesmente dar continuidade a «The Congregation», o que, por si só, já seria um enorme desafio. Mas a banda quis ir mais longe, desafiou-se, subiu mais um patamar e começa a ser complicado avistá-los aqui de baixo. Para simplificar chamemos-lhe rock progressivo, para lhe fazermos justiça chamemos-lhe obra prima, para sermos honestos coloquemos os Leprous num cantinho só seu no lote do que de mais interessante e desafiante se faz na música actual. «Malina» é pura classe, é puro requinte, é puro bom gosto e uma manifestação de um talento e de uma sensibilidade arrepiantes a cada acorde, a cada viragem inesperada, a cada palavra e melodia colocada no sítio certo, a cada gigante canção e emotiva canção que nos assoberba. «Malina» é um disco mais envolvente, mais orgânico, ainda mais experimental, ainda mais aventureiro e de uma graciosidade que nos toca a cada audição, que nos faz descobrir mais um pormenor escondido numa complexidade que nos agarra e seduz. [9.5] **R.A.**

LEUCOSIS

«Liminal»

[Sentient Ruin]



Ash Borer, Fell Voices, Ultha, Vanum e... Leucosis. Isso mesmo, Leucosis. Caso ainda não conheçam esta banda de Santa Cruz, na Califórnia, que adoptou o nome de uma doença viral encontrada em aves e gado, aqui fica o *briefing*: formada em 2008 sob a designação Gaze, a dupla formada por Jacob e Jeff começou por tocar blackened doom e mostrou-se através de um *split* partilhado com Løgner av Gud. No ano seguinte, muda então de nome para Leucosis e, em 2011, lança o EP «Movements To Breathe», sucedido pela estreia em longa-duração, «Pulling Down The Sky», que os viu a viraram-se para o black metal carregado de atmosfera. Foi aí que encontraram a sua identidade, com «Leucosis» e o EP «III», ambos de há quatro anos, a aproximarem esta fórmula da perfeição. A novidade «Liminal» segue o mesmo caminho e, apesar de não ser uma proposta original ou revolucionária num espectro em que tudo já parece ter sido inventado, corre um sério risco de se afirmar como uma das ofertas mais recompensadoras deste ano no campo da música sufocante e atmosférica, alicerçada nas regras do black metal cortante. Apesar da natureza monolítica das três composições principais – o disco fica completo com dois curtos interlúdios sem título –, os Leucosis alternam ataques furiosos de *tremolo picking* com momentos mais planantes e melódicos, sem nunca se deixarem cair na monotonia. Nesse sentido, «Bereft», «Saturnal» e «Manifest» surgem muito bem equilibrados em progressões estruturadas e passagens repetitivas, mas que prendem a atenção do ouvinte do início ao fim de «Liminal». [8.5] **J.M.R.**

LOINCLOTH

«Psalm Of The Morbid Whore»

[Southern Lord]

Cinco anos após «Iron Balls Of Steel», os Loincloth estão de regresso com mais nove temas instrumentais. Não tendo elementos dos mais activos no meio, eles que habitam cidades separadas por cerca de três horas de viagem, pode afirmar-se que Loincloth se trata mais de um projecto que lança peças de música ocasionalmente, do que ver aqui uma banda estruturada para digressões e contínuas edições. Fica, assim, a música, só por si e para ser escutada, sem expectativa do *live show*. E o resultado poderia descrever-se como sludge para fãs de Dream Theater, dada a tecnicidade e complexidade da composição do quarteto. Isto não será estranho tendo em conta que a secção rítmica inicial inclui dois elementos dos Confessor, Steve Shelton e Cary Rowells, um daqueles nomes de referência para fãs de doom técnico. A eles se juntaram Tannon Penland dos Gauchiste e Pen Rollings, este vindo dos Breadwinner, um grupo de "math metal". Na formação actual, Rowells foi substituído por Tomas Phillips, e Rollings por Craig Hilton, ambos dos Gauchiste. O resultado é um disco técnico, instrumental, onde os títulos das músicas poderão enganar os menos atentos. A maior parte dos temas, quase sempre entre os dois e três minutos, surge demasiado curta para o estilo, podendo muitos deles crescer mais e assim funcionarem melhor, como no caso de «Ibex», faixa terminal e a mais bem conseguida. Vale como apontamento de boa música, mas pouco mais que isso. [6] **E.F.**

MONOLORD

«Rust»

[RidingEasy]

Para o melómano mais ávido, a incessante busca pela singularidade, pelo que foge à matriz, é um dos exercícios mais compensadores; sobretudo para aqueles que já ouvem música há décadas. O prazer da novidade tem, vá-se lá saber porquê, um gostinho especial. Nesse sentido, é por demais importante referir que não há no esqueleto deste «Rust», assim como não havia nos anteriores «Empress Rising» e «Vænir», de 2014 e 2015, nada que não tenha vindo da cartilha dos mestres Iommi, Butler, Osbourne e Ward. Isso é ponto assente. Do riff cheio de *groove* e uso de *cowbell* a gosto em «Where Death Meets The Sea» aos ganchos do tema-título (a revelar toda a vertente *bluesy* deste tipo de som e que conta com a participação de elementos dos Mondo Drag e Beastmaker), passando pela melancolia de «Wormland» (o uso de cordas neste tema é mesmo a única inovação a apontar ao longo destes três quartos de hora),

o que o trio faz ao longo dos seis temas que compõem este terceiro longa-duração é arrastar, literalmente, a força de riffs bastardos dos blues para o novo milénio. É isso, de resto, que andam a fazer há quatro anos, apoiados num balanço avassalador de tão pesado e carregado de *fuzz*, vocalizações monocórdicas ao ponto do transe e, claro, riffs enormes e bem gordos, que ficam na memória. Adicione-se aqui um cuidado muito especial dado às atmosferas – aquilo que lhes permite transcenderem o óbvio – e, enquanto Pike e Cisneros não gravam um digno sucessor do icónico «Dopesmoker», aqui encontramos uns substitutos à altura. [8] **J.M.R.**

MORK

«Eremittens Dal»

[Peaceville]

Quem segue os elementos dos Darkthrone nas redes sociais (e quem não segue, qual é o vosso problema? Só a Radio Fenriz dá entretenimento para o mês inteiro!) provavelmente já ouviu falar dos Mork, nem que seja de nome. Tanto o Fenriz como o Nocturno Culto andam doidos com este duo, e com razão. Apesar de já terem mais de dez anos de carreira e dois discos que, se não passaram despercebidos ao grande público, andaram lá perto (o que é pena, porque em particular o «Den Vandrende Skygge» do ano passado já é muito bom, e tem o Nocturno Culto como convidado vocal), este «Eremittens Dal» parece ser mesmo o disco de "chegada" desta malta. Também tem convidados, nomeadamente o Silenoz a cantar em dois temas e o Seidemann dos 1349 a juntar algumas partes de baixo, mas isso interessa pouco, sinceramente. O que é importante é a aura totalmente 90s do black metal tipicamente norueguês que é cuspido com nojo pela humanidade. Muitas tentam mas raras bandas conseguem ainda replicar aquela *vibe* intangível da Noruega de 90-95, e que se lixe quem acha que isso é ser *retro* ou outra coisa qualquer. Não é, neste caso específico, quando a coisa é bem feita, é intemporal, e os Mork *nailam* o prego em cheio. A produção é crua na medida perfeita, os riffs evocam o espírito exacto e a toada meio-tempo com acelerações frequentes vai fazer as delícias de quem gosta do período áureo dos Darkthrone, para não ir mais longe. E, *again*, quem não gosta, qual é o vosso problema? [8.5] **J.C.S.**

NE OBLIVISCARIS

«Urn»

[Season Of Mist]

Fã de música progressiva me confesso, admito igualmente que nunca me perdi de amores por esta banda. O denso caldo de tudo-e-mais-alguma-coisa que os Ne Obliviscaris cozinham em cada registo não deixa um paladar memorável no ouvido. «Urn», o terceiro álbum, volta a padecer desse mal, com uma amálgama de melodramatismos clássicos transformados em *blastbeats*, voz limpa e agressiva sobrepostas (e nenhuma delas interpretadas com excelência), metal atmosférico que tanto é arcaico no conceito, como moderno na forma; metal progressivo extremo, como lhe chamam que, quando realmente bem feito, tem um nome: Opeth. Claro que o violino desempenha aqui um papel importante e lembra-nos o que os Believer já propuseram há umas décadas (embora admitamos que estes australianos nem os tenham como referência). A coisa é mais Cynic, a momentos, não sendo de estranhar que o baixo esteja aqui entregue a Robin Zielhorst, o ex-Exivious que já tocou com os influentes americanos e acaba por rubricar um dos melhores desempenhos de «Urn». Há habilidade com os instrumentos, é um facto mas, em termos de composição, resulta melhor no papel, que na prática. [5.5] **N.S.**

NECRO DEATHMORT

«Overland»

[Profound Lore]

Nunca se sabe bem o que vai sair do simpático duo britânico, eles que a cada lançamento parece que gostam de explorar uma avenida diferente, mantendo sempre as texturas electrónicas como base do seu som mas variando delirantemente a aproximação. A verdade é que já foram mais LOUD!áveis noutros discos, onde havia guitarras fracturadas, gritos, Khanatezadas e flirtanços com o doom e o sludge. «Overland» não é nada disso, é uma espécie de parente luminoso de «The Capsule», do ano passado. Todo electrónico, sem batidas mas com muita textura e atmosfera, esse disco era escuríssimo, era uma *bad trip* por oposição à relativa boa onda de «Overland». Continuam a não ser malhinhas para pôr quando os amigos lá vão jantar (a menos que a coisa descambe numa festa de ácidos), mas a exploração do krautrock e da psicadelia remete para uns Hawkwind totalmente electrónicos ou para uns Kraftwerk com muito mais divagações psicadélicas. Criatividade a rodos, como sempre, mas confessamos que a meio começamos a ter saudades de outros lançamentos mais cheios de Satanás dos Necro Deathmort. [6.5] **J.C.S.**

PRIMITIVE MAN

«Caustic»

[Relapse]

Conforme já perceberam, anda por aí uma cena que se chama Iron Monkey, com quem até fomos conversar neste número, conforme se impunha, para ver qual era a desculpa que nos davam para terem ido recuperar um nome que, se calhar, mais valia ter sido deixado em paz. Isto tudo para

MOONSPELL
APRESENTAÇÃO EXCLUSIVA DO DISCO EM PORTUGUÊS '1755'
30 OUTUBRO 17 - LISBOA AO VIVO . LISBOA - 21H30
31 OUTUBRO 17 - LISBOA AO VIVO . LISBOA - 21H30
01 NOVEMBRO 17 - HARD CLUB (SALA 1) . PORTO - 21H30
TICKETS AVAILABLE EXCLUSIVELY
HERE WWW.LETSGO.PT

estabelecer uma analogia que só por si já serve de *review* de «Caustic» - é que os verdadeiros "Iron Monkey" de 2017 são os Primitive Man. Não nos ocorre nenhuma banda que seja, actualmente, capaz de expelir ódio e mau ambiente de forma tão escorreita como este trio de Denver, ainda por cima sendo que o fazem sempre com uma mestria musical que não há lama que esconda. Têm quilos de *feedback*, de merda e de lixo e de sonhos destruídos por cima, são tocados a metade da velocidade (e, em ocasiões pontuais, ao dobro) do que "deviam", mas que há aqui riffalhões, lá isso há. E há um Ethan Lee McCarthy cada vez mais agonizante no tratamento desumano que dá à sua garganta. E há, acima de tudo, uma desconstrucção propositada – dá a sensação que, quando a coisa parece estar a ficar muito musical, eles têm necessidade de estragar tudo, como no tema-título de 42 segundos que é só barulho e que precede um monstro de doze minutos chamado «Commerce», isto depois de dois temas iniciais que deixariam os Eyehategod do «Take As Needed For Pain» orgulhosos pela desumanidade demonstrada. E que tal aqueles nove minutos finais de dark ambient tenebroso, em «Absolutes», que consiste essencialmente do que parece o chiar de um baloiço abandonado? Medo. Já lá vão mais de quatro anos desde o «Scorn» de estreia, e apesar de «Caustic» ser tecnicamente o seu sucessor em termos de longa-duração (o «P//M» é uma *demo*, o «Home Is Where The Hatred Is» é um EP, e depois há uma catrefada de *splits*), e a verdade é que, ao longo do tempo, todos os lançamentos da banda tiveram uma aproximação diferente, «Caustic» incluído, claro. Mantendo o efeito liquidificador do cérebro do ouvinte, os Primitive Man sabem reinventar-se de disco para disco, o que ainda os torna mais fascinantes. É como um acidente de automóvel para onde não conseguimos deixar de olhar. [9] **J.C.S.**

ROYAL BLOOD

«How Did We Get So Dark?»

[Warner Bros.]

O avassalador sucesso do álbum de estreia do duo britânico elevou a fasquia bem alta relativamente ao que se seguiria na carreira dos Royal Blood. A pressão é uma realidade e o anátema do segundo álbum um facto que não se aplicará na totalidade a «How Did We Get So Dark?». A produção é de grande qualidade, assim como os arranjos e a temática lírica, que continua na senda romântico-trágica do álbum homónimo, num apelo mais comercial que derreterá por certo os corações dos imensos fãs da banda espalhadas pelo mundo. Dissecando a parte sonora deste disco, nada verdadeiramente mudou. Os riffs continuam pesados, num baixo carregado de efeitos e a desenfreada bateria produz um *groove* altamente sedutor tornando a secção instrumental tão densa como no passado. O que está verdadeiramente diferente é a inspiração de algumas canções mais coladas a uma pré-fórmula de sucesso, uma zona de conforto de onde os Royal Blood se negam a sair. É compreensível, visto que em equipa que ganha não se mexe, mas uma maior originalidade e rasgo criativo só beneficiaria ainda mais o disco. No entanto, «How Did We Get So Far?», «Lights Out», «She's Creeping» ou «Don't Tell» são grandes temas que continuam a comprovar que os Royal Blood são uma das mais excitantes bandas de rock da actualidade. [7] **A.F.C.**

SATYRICON

«Deep Calleth Upon Deep»

[Napalm]

«Deep Calleth Upon Deep» é um disco estranho. Tem qualquer coisa que nos faz ter vontade de o ouvir outra vez assim que acabamos – e sempre que o fazemos cresce um bocadinho mais – mas ao fim de vinte audições ainda não é fascinante, nem nada que se pareça. Os oito temas assentam sobretudo na força das guitarras, baixo e bateria, mas têm uma série de subtis nuances dadas por outros instrumentos, que ajudam a diferenciá-los dentro da sonoridade cada vez mais distinta e marcada dos Satyricon modernos. A verdade é que a maioria das composições oscila entre o brilhante e o aborrecido numa questão de segundos. O tema de abertura é um desses casos: tem riffs francamente bons, mas estende-se em demasia e fica a sensação que tem dois minutos a mais do que necessário. «Blood Cracks Open The Ground» é técnico e dissonante, só que não vai a lado nenhum, enquanto a ultra-melódica «To Your Brethren In The Dark» mostra muito mais profundidade, embora lhe falte dinâmica. O mal é mesmo esse, parece haver sempre um "mas". A forma inaudita como usam o saxofone em «Dissonant» demonstra bem que continuam a ter vontade de experimentar, porém não disfarça os riffs genéricos que povoam grande parte da canção. Só quando ouvimos a excelente «Black Wings And Withering Gloom» – de longe o melhor tema do disco – com riffs de black metal à antiga sem perder a acessibilidade rock deste século, só quando escutamos aquela melodia gélida carregada de atmosfera, estruturas imprevísiveis, belas orquestrações e arranjos, e o Frost a partir tudo na bateria, só aí temos a certeza que os Satyricon podiam fazer um disco muito melhor. É impossível não desejar essa fusão de passado e presente para o futuro. Que este é um disco maduro, cheio de personalidade e que exige paciência para ser descoberto e entendido, não haja dúvidas nenhumas. Agora, das duas uma: ou continua a crescer e se aproxima do potencial que parece ter mas insiste em não confirmar; ou fica a meio caminho e só nos mantém com vontade de o ouvir mais, sem nunca chegar a convencer. O tempo o dirá. [6.5] **J.A.R.**

SINMARA

«Within The Weaves Of Infinity»

[Terratur Possessions]

Se, por um lado, hoje em dia já se andam a desenterrar bandas debaixo de calhaus à força do *boom* que o movimento underground local sofreu nos últimos anos, por outro também é verdade que continuam a haver muitos projectos islandeses a merecer atenção redobrada. Os Sinmara, nem que seja por terem estado entre os pioneiros, são um desses casos. Acresce também o facto de serem formados por músicos que acumulam funções em outros projectos de boa reputação – como é o caso dos Svartidauði, Slidhr, Wormlust ou Almyrkvi, entre outros – e o facto de não lançarem música nova (à excepção de um tema num *split* com os Misþyrming) há três anos. Nessa altura surpreenderam muita gente com a frieza da estreia

QUEENS OF THE STONE AGE

«QUEENS OF THE STONE AGE»

[MATADOR]

Há um lado tribal no início de «Feet Don't Fail Me» que rapidamente evolui para um teclado típico dos sintetizadores dos 80s, e de repente temos Josh Homme a explicar que nasceu no dia do deserto, em 1973, quando a agulha encontrou a espira. Por essa altura já entrámos no *groove* tão típico dos QOTSA, aqui travestido em ritmo de dança. Não é necessário ouvir todo o disco para se perceber que está aqui uma malha obrigatória nos concertos que se anunciam. Festiva quanto baste, rock até à medula, jogando no campo de *hit* de rádio, com todas as cores de mistura possíveis. Sente-se aqui a junção ao produtor Mark Ronson, mais conhecido pela assinatura em trabalhos de Bruno Mars ou Adele. O toque de produção continua em «The Way You Used To Do», *teaser* do disco, com uma batida electrónica tão irritante quanto viciante. Josh Homes ensaia aqui a banda-sonora para um *dinner* dos *fifties*, no séc. XXI. Por esta altura ainda estamos com os bons QOTSA cheios de *groove* e capazes de deixar todos a saltar num qualquer festival, mas «Domesticated Animals» já perde o fôlego, enquanto o violoncelo anuncia o primeiro tema mais… artístico, «Fortress», misto de balada e canção de embalar. «Head Like A Haunted House» é rock esquizofrénico, que vem com tudo, porventura influência da digressão com tio Iggy, mas a partir daqui percebe-se porque Ronson trabalhou com Adele, e temos uns QOTSA mais introspectivos e melódicos, com Josh Homme a entrar pelas vozes harmónicas, provavelmente mais confortável nos hotéis de Nova Iorque ou Los Angeles do que no deserto que tanto reverência. [7] **E.F.**

«Aphotic Womb» e este EP também não defrauda expectativas, assentando uma vez mais numa descarga de *tremolo picking* cortante e impiedoso, em vocalizações fortes, numa secção rítmica potente e nas barragens de dissonância obscura tão características do black metal feito na Islândia. Aqui e ali (como em «Ormstunga») há pausas, melodias subliminares e até o ocasional solo de guitarra a denotar virtuosismo, naquilo que é uma versão mais expansiva dos Sinmara do que aquela que conhecíamos até aqui. Agora é esperar que se dignem a gravar o segundo longa-duração o mais rapidamente possível. [8] **J.M.R.**

SLOMATICS

«Futurians: Live At Roadburn»

[Roadburn]

Algures entre Abril e o dia em que a gravação do concerto dos Slomatics no Roadburn foi para a fábrica de vinil, alguém ouviu a coisa e pensou: "*isto tem de ser editado.*" Ora, de acordo com o que se pode escutar nestes perto de 45 minutos, terá sido um belo concerto de doom bem arrastado, naquele registo à Conan mas com mais riffs – diga-se aliás que "Conan com mais riffs" é o que aparece no dicionário debaixo de Slomatics. A qualidade do concerto não está em causa, mesmo que pareça ter sido uma brincadeira de crianças quando comparado com o de Gnod vs Kuro que ocorreu na mesma sala uns minutos antes; muito menos está o alinhamento, diverso e representativo da discografia do trio de Belfast. A questão é que a gravação não acrescenta rigorosamente nada aos temas, não sendo nem capaz de capturar as qualidades que têm em disco nem de reproduzir o sentimento asfixiante que adquirem em palco. Assim sendo, ficamos com uma pertinente questão sobre o pensamento acima citado: porquê? [4] **L.P.**

SORCERER

«The Crowning Of The Fire King»

[Metal Blade]

Os Sorcerer foram um dos segredos mais bem guardados da história do metal sueco até terem editado o seu álbum de estreia «In The Shadow Of The Inverted Cross» há dois anos. Da formação original que remonta a 1988 (sim, leram bem) temos Johnny Hagel no baixo (cujo nome podem reconhecer dos Tiamat da década de 90) e o fantástico vocalista Anders Engberg (ex-220 Volt e Therion ao vivo), num colectivo que consegue incutir muita melodia às raízes epic doom metal do grupo. Em «The Crowning Of The Fire King» temos verdadeiras epopeias de doom metal melódico em malhas como «Ship Of Doom», «Abandoned By The Gods» «Devils Incubus» ou o tema-título, por isso não se deixem enganar pela mais animada faixa de abertura «Sirens». O trabalho vocal de Anders Engberg neste disco é realmente surpreendente pois consegue transportar os temas para um patamar muito superior, transformando este disco numa preciosidade desta recta final de 2017. [8.5] **C.G.**

SPECTRAL HAZE

«Turning Electric»

[Totem Cat]

Hawkwind com speed, e não estou a falar de Motörhead, mas dos Spectral Haze. Será esta a melhor forma que se encontra para descrever estes noruegueses que aqui descarregam uma jarda sonora. Segundo álbum para o quarteto que visitou o nosso país no ano passado e deixou boa impressão, mas com um disco como este, bem poderão regressar rapidamente. Reduzidos a quarteto, inscritos na francesa Toten Cat Records, casa dos Dopethrone, e com *artwork* do norte-americano Adam Burke, os Spectral Haze deixam aqui um registo que cruza desert e psych rock, que vai desde as malhas iniciais à Kyuss, passa pelos eflúvios melódicos de «They Live» e termina com «Master Sorcerer». A voz de Spacewülff combina-se perfeitamente com a guitarra de Sönik Slöth, apoiados numa excelente secção rítmica, tudo produzindo temas que são polvilhados pelo teremim de Elêctrïc Stårlïng, já não membro efectivo, mas continuando a manipular o éter envolvente aos temas. Fossem norte-americanos e pensar-se-ia numa excursão sensorial no calor do deserto, mas como noruegueses, porventura o som aqui produzido estará mais perto de uma experiência de LSD, numa planície gelada, debaixo de uma aurora boreal. Seja qual for a motivação por trás deste trabalho, ela serviu um propósito maior, que é este fabuloso «Turning Electric». [9] **E.F.**

STREET SECTS

«Rat Jacket»

[The Flenser]

«Rat Jacket», segundo álbum dos Street Sects com o selo de qualidade da The Flenser, é também o mais melódico na curta carreira do duo. Já não estamos perante o punk industrial fodido da série «Gentrification» (ainda por concluir) e pouco resta da violência presente em «End Position», o que não quer dizer que «Rat Jacket» se revista de flores e positivismo. Nada disso, são quatro temas com uma sensualidade industrial assinalável, que se insinuam em quem os ouve e, vinte minutos depois, deixam uma peculiar sensação de desconforto. Do ponto de vista lírico, o álbum segue um homem a recordar uma vida cheia de azares, dificuldades, e más decisões; mas que o faz com um sorriso sarcástico e

RADIO MOSCOW
NEW BEGINNINGS
OUT NOW!

The fifth album by California's heavy psych power trio RADIO MOSCOW!

A passionate clash of Hendrix, Blue Cheer & Cream influences.

Available as Special Edition CD Digipak, LP (plus CD) & poster, Digital album

IMPLORE
SUBJUGATE
OUT NOW!

Resolute, powerful, and ferocious, Subjugate is breathless in its quick-witted brutality. It's the kind of record members of Converge, Nails and Misery Index would've written if they were bar fighters from the suburbs of Stockholm.

Available as CD Digipak (+ two bonus tracks), gatefold LP (with CD + two bonus tracks) and digitally

GRAVE PLEASURES
MOTHERBLOOD
OUT NOW!

'Motherblood' is primitive, gothic death rock, a truly danceable pop-feast of raw, banging pleasure. It's unsafe territory which in turn makes it thrilling, sexy and most dangerously of all, catchy.

Available as ltd. CD Mediabook (plus bonus track), Gatefold LP (plus LP-booklet and CD with bonus track), CD Jewelcase and digital download/stream.

CENTURY MEDIA www.CENTURYMEDIA.com CMDISTRO.COM Exclusive vinyls, bundles and more can be found in our webstore: SONY MUSIC

sem pesar. É um bocado essa a atmosfera geral do disco, em particular no clímax, «In Prison, At Least I Had You». Conseguirem cumprir objectivos não valida os mesmos e, pese a relativa piada da coisa e respectiva concretização, agora é esperar que voltem à «Gentification», que os dois EP em cinco que já lançados são de longe o melhor e mais visceral material que já gravaram. [6.5] **L.P.**

SWEET APPLE

«Sing The Night In Sorrow»
[Tee Pee]
Seguindo a mesma linha sonora de « The Golden Age Of Glitter» de 2014, os Sweet Apple voltam a contar com Mark Lanegan, Robert Pollard e Rachel Haden como colaboradores de luxo. «Sing The Night in Sorrow» é um disco pop rock instrospectivo que mascara o niilismo lírico em composições, que embora aguerridas, têm sempre uma marca melancólica que se lhes cola. O projecto de J Mascis (Dinosaur Jr.), John Petkovic (Cobra Verde) e Dave Sweetapple (Witch), atinge neste disco um patamar mais power pop do que o seu antecessor, sem no entanto perder a capacidade de compor algumas grandes canções. Em «World I'm Gonna Leave You» surge Mark Lanegan como vocalista no refrão, e toda a canção indie rock ganha logo outro corpo, assim como na belíssima balada pop «A Girl And A Gun», onde Rachel Haden eleva a melodia a um cariz celestial. No entanto, é a faixa «Candles In The Sun» que marca o disco. O explosivo riff de rock'n'roll relembra-nos uns Stone Roses na sua melhor forma e é um exemplo perfeito de como fazer bom e velho rock. De resto, o disco perde-se em divagações pop menos inspiradas num desperdício de talento difícil de compreender. [6.5] **A.F.C.**

SAMAEL

«HEGEMONY»

[NAPALM]

30 anos! Três décadas! É esta a impressionante marca que a carreira dos suíços Samael alcança este ano. Se por um lado este é um facto que nos faz sentir velhos e despertar alguma nostalgia – o «Ceremony Of Opposites» e o «Passage» ficaram ali ao virar da esquina –, por outro regozijamo-nos por termos a oportunidade e o privilégio de acompanhar cada passo de uma carreira pautada pela sobriedade, pela disciplina, pela estabilidade e pela firmeza. Vorph e Xy continuam a ser os eternos e inseparáveis pilares desta entidade, ao qual se juntam o guitarrista Makro (que assim como quem não quer a coisa, já leva quinze anos de Samael) e o estreante baixista Drop. E que melhor forma de assinalar estas três décadas do que com uma inequívoca demonstração de hegemonia e vigor enquanto músicos, enquanto compositores, enquanto líderes, enquanto influenciadores? Pois claro, com um disco intitulado precisamente «Hegemony». E, mais do que a afirmação pelo título, os Samael fazem-no através da música e brindam-nos com um álbum que bem podia ser o natural sucessor de «Passage», embora «Eternal» também tenha ocupado bem esse papel e conduzido a banda para uma incursão por paisagens mais atmosféricas e sintéticas. O regresso ao peso fez-se lá atrás com «Above», densificou-se com o anterior «Lux Mundi» e assume um maior refinamento neste «Hegemony». Tudo aquilo que foram e que são os Samael, tudo aquilo que eles próprios criaram e deixaram como legado, transformando-os em líderes e não em seguidores, está patente nesta nova afirmação de vitalidade: guitarras pesadas e contundentes, um lado maquinal e industrial avassalador e assertivo, atmosferas tão negras quanto opulentas e aquele inconfundível e austero rasgo vocal de Vorph a pôr-nos em sentido. Sem com isto pretendermos destacar qualquer tema, até porque «Hegemony» vale pela consistência do conjunto, «Black Supremacy» poderia figurar num «Ceremony Of Opposites», «This World» num «Eternal» e «Helter Skelter» em lado nenhum a não ser neste disco, demonstrando a amplitude deste trabalho, de uma banda virada para si própria e, simultaneamente, aberta ao mundo e a outras tantas décadas de pura classe.[8.5] **R.A.**

UNCLE ACID AND THE DEADBEATS

«Vol. 1»
[Rise Above]
Editado apenas em CD-r, apenas 30 cópias, em 2010, «Vol. 1», marcou a partida dos ingleses Uncle Acid para uma rápida ascensão que lhes permitiu boas críticas e serem vistos como ícones de um certo revivalismo dos anos 60, em particular do psych/stoner rock. Este disco abriria caminho para o fabuloso «Blood Lust», editado um ano depois, mas aqui já está a marca Uncle Acid, o grupo descrito como soando ao que seria "*a banda original de Alice Cooper, numa cave a fazer uma* jam session *com músicos de Black Sabbath e Stooges.*" Aqui estão as vozes entre o ingénuo e o juvenil de Kevin R. Starrs, «Vampire Circus», aquele que é o único membro do grupo original, após a grande separação de finais de 2011, e também as suas malhas de guitarra, e teclados. Teria sido interessante que esta reedição fosse para lá da nova mistura e masterização, mas tanto se percebem as entrelinhas da indústria discográfica como a provável perda de um lado mais *naif* que o disco transmite, conseguindo recriar na perfeição o imaginário do final dos anos 60, e de nomes como Hawkwind ou Black Widow. Cada tema encerra em si um conjunto de ideias que daria para criar um álbum, não que todas as ideias sejam originais, como na omnipresente «Crystal Spiders», mas o conjunto vale pelo tributo aqui criado, e, ao mesmo tempo, pela revisão de um estilo. Tudo isto resulta melhor pela quase ausência de produção, criando algo pouco polido, por vezes quase exemplo de como não produzir – escute-se «Lonely And Strange», mas isso acaba a ser uma mais-valia, pois aproxima-se mais do que se fazia nos "sessentas". E no meio de tudo, ainda há malhas que se destacam, criando um grupo de bons temas, e alguns mesmo muito bons, com «Dead Eyes Of London» a cair direitinho no último grupo, um daqueles que deveria seguir a carreira de uma banda. [9] **E.F.**

VIRCATOR

«Sar-I-Sang»
[Ragingplanet]
O baixo e a bateria ensaiam um acorde quase infantil, de repente a guitarra entra na dança e ondoleia por ali, pouco depois todos os instrumentos bailam até que fica só a guitarra a marcar o ritmo a fazer a ponte para mais uma dança. Estamos em «Kanagawa», quarto tema de «Sar-I-Sang» e primeiro a ser posto cá fora, ainda em Maio de 2017. O segundo longa-duração dos vianenses Vircator, praticantes de um som com tanto de post rock como do prog de uns Porcupine Tree, que os próprios definem como "*rock from outer space*". Entender os títulos dos temas ajuda a perceber as dinâmicas estabelecidas em cada um. Cada título usa uma palavra quase sempre mitológica ou associada a um imaginário, tanto podendo descrever um desastre natural, Kanagawa, uma cor, ou o nome de uma deusa. Não será portanto excessivo arriscar que as vozes viscerais, únicas num disco quase instrumental, estão associadas ao apocalipse de «Omega», curiosamente não sendo a faixa terminal que se poderia esperar. Percebe-se que este é um trabalho construído de forma inteligente, da mesma forma que o intrincado de malhas aparentemente simples é como o fio de uma teia, que só por si, nada tem de complexo. «Sar-I-Sang« está longe de ser um disco para agarrar à primeira audição, mas a que se regressa de boa vontade, libertando o espírito enquanto ele rola. [7.5] **E.F.**

Tesourinho PERTINENTE

DAMNATION

por José Miguel Rodrigues

ILUSTRAÇÃO POR STEBBA ÓSK

Não deixa de ser curioso que os Nihilist tenham sido um embrião tão eficaz para o que, ao longo dos anos, se tem vindo a fazer no underground sueco. O efeito imediato fez-se sentir mais profundamente, claro, nos Entombed que, num turbilhão de altos e baixos, sucessivas mudanças de formação e alguns anos de silêncio, viram o seu percurso culminar na criação de uma versão 2.0. Antes de terem sucumbido à instabilidade e à letargia, os autores de «Left Hand Path» foram uma incansável incubadora de talento. Já depois do Nicke Andersson ter abandonado, da ruptura com a Earache e de terem criado o seu selo, houve ali um período particularmente produtivo, em que membros e ex-membros surgiam de forma periódica nos escaparates com novos *outlets* criativos.

«DESTRUCTO EVANGELIA»
[THREEMAN RECORDINGS, 2004]

Tenha sido pela distribuição pobre, pelo semi-congelar de actividades subsequente a 2003 ou pela natureza fugaz de muitos dos projectos em questão, muitos dos discos editados pela Threeman acabaram por cair no esquecimento e, fora do círculo de fetichistas do vinil e do CD, pouca expressão têm hoje. Tudo certo, claro que a malta se lembra dos The Hellacopters. Poderá dizer-se o mesmo dos Alpha Safari? Não é credível que sim. «Destructo Evangelia», estreia dos Damnation (que não devem ser confundidos com os polacos do death metal), talvez seja um dos mais injustamente ignorados resultados de uma explosão de criatividade – e promiscuidade – só comparável à gerada em Inglaterra pelos Napalm Death. Criados em 1989, por Peter Stjärnvind, como um simples veículo de homenagem a Bathory, acabariam por gravar uma maqueta com originais em 1994 e, dez anos depois, um *single* e este longa-duração.

Aqui, o cotado multi-instrumentista sueco que, além de ter ocupado o lugar de Nicke nos Entombed tem no currículo passagens pelos Merciless, Krux, Nifelheim, Black Trip, Regurgitate e Unanimated, entre outros, assume não só a bateria mas também a guitarra, o baixo e o pseudónimo Insulter Of Jesus Christ. Na voz, um venenoso Daemon – que não é mais nem menos que Richard Cabeza, dos Dismember. «Invocation Of The Storms» dá início ao disco entre uma trovoada tenebrosa, num compasso lento que termina em *fade out* e num rufo de bateria que conduz o ouvinte à explosão de «Insulter Of Jesus Christ!». Dúvidas restassem, mal soam os primeiros acordes, debitados através do que parece ser um pequeno transístor a pilhas, percebe-se que o que temos aqui é uma homenagem a «Bathory», sim, mas é um pouco mais que isso também.

Com especial incidência no black metal/punk, o misto cru de Motörhead e Venom surge amplificado por uma atitude *necro* que mais parece apropriada aos vizinhos noruegueses. É esse o esqueleto do disco, mas as nuances são pronunciadas. «Night Eternal» (que tem uma piscadela de olho descarada a Quorthon ali por volta dos 2:30 e, logo de seguida, um riff "inspirado" nos Darkthrone), aperfeiçoa o que, dois anos antes, os Watain tinham feito no «Rabid Death's Curse». Com um início mais compassado, o tema-título (que, lá está, tem Erik Danielsson a berrar) traz à memória o «Under A Funeral Moon», depois a versão da «Bloody Vengeance» (dos Vulcano) assume, pela primeira vez, um andamento que se possa considerar lento e tanto a «When Creation Dies» como a «Eternal Black» retomam a devastação. A fechar, uma inspirada versão da «Armageddon», de Bathory, não deixa um único ponto de interrogação em relação ao ADN desta gentalha.

NUNO LOUREIRO

Conhecido como músico de nomes como Exiled, Painstruck, Grog, We Are The Damned e, mais recentemente, Ignite The Black Sun, NUNO LOUREIRO tem também a faceta de produtor. Mas a LOUD! procurou-o para saber mais sobre a sua actividade principal, técnico de som em muitas das digressões que andam pela Europa, usando o *nickname* soundguyfromhell, e fazendo parte de um pequeno grupo de profissionais portugueses que estão "por trás do pano" em muitas salas internacionais. POR EMANUEL FERREIRA

Como é que tudo começou?
Começou tudo pela guitarra. Depois tornei-me músico, produtor, técnico de som, mas o início foi pela guitarra. Na altura, finais dos anos 80, era difícil, depois nos anos 90 é que veio mais trabalho como em muitas bandas portuguesas. Sou guitarrista, e é o que gosto de fazer, embora não o faça para ganhar dinheiro, que já fiz, estive em bandas de *cover*s. A actividade profissional, fui consolidando ao longo dos anos, conforme os grupos foram crescendo. Comecei a gravar as minhas próprias bandas, em meados dos anos 80 os estúdios eram poucos e caríssimos, e tinha de arranjar forma de gravar os meus grupos, até porque o dinheiro não abundava. Havia muito gosto em fazer as coisas, em andar vários quilómetros, mas dinheiro não havia. Fui gravando coisas e o gosto pela parte técnica foi crescendo, fazia pesquisas para obter melhores resultados. As minhas primeiras maquetas, foram gravadas por mim, depois surgiram os convites para tocar, e ia para lá só para tocar, mas conforme as coisas foram sucedendo íamos para lá aprender mais qualquer coisa. Durante uns tempos fui roadie dos Ena Pá 2000 e, nesse período, aprendi e evolui imenso; isto porque tocar guitarra não implica ser bom técnico de guitarra. Tudo isso ajudou, continuei a evoluir até que chegou uma altura em que, como não gostava do som que faziam às bandas amigas, comecei a mexer nas mesas de som. Ao princípio nem sempre era bom, porque ninguém nasce ensinado, e depois fui aprendendo. Nesta altura já estávamos por volta de 97/98, se calhar até em 2000.

Nessa altura já tinhas editado coisas…
Sim, com Exiled, entre 2000 e 2002 gravei discos com Squad, Painstruck, Grog… Foi por aí que voltei a trabalhar em estúdio, a aprender a captar instrumentos, e a par disso ia fazendo som, cada vez mais e mais. A uma dada altura comecei a fazer som a bandas estrangeiras, depois chegou o meu primeiro convite para fazer som numa *tour*, neste caso com os Skyclad, depois de uma *tour* ibérica. Correu muito bem e o nome começou a ser passado e eu tinha disponibilidade. Como comecei a fazer cada vez

mais estrada, tive de abandonar os estúdios e dedicar-me a ser técnico de som, fazendo cada vez mais *tours* e festivais, entrando no circuito. Hoje em dia, por causa da família, já não saio tanto, para não estar sempre ausente, selecciono as bandas e não aceito todo o tipo de trabalhos. Faço outras coisas com amigos, que merecem a minha atenção, e novos projectos.

Chuta aí nomes de grupos com quem tenhas trabalhado!
As bandas com quem trabalho, actualmente, como técnico residente são Kampfar, Hades Almighty e Aura Noir. Todas as outras são conforme a minha disponibilidade. No passado trabalhei com nomes como Sólstafir, Hate, Caliban, Testament, Decapitated, Omnium Gatherum, Rotten Sound, Behemoth, Overkill, Sodom, Sepultura, Comeback Kid, Sick Of It All, e diversos nomes portugueses, naturalmente.

E como é que esse trabalho de técnico foi evoluindo com o tempo?
O facto de trabalhares com mesas diferentes todos os dias, materiais diferentes todos os dias, problemas diferentes quase todos os dias, faz-te melhorar como técnico e desenvolve as tuas capacidades para os resolver. Hoje em dia isso já não acontece tanto, com a era digital, no som de palco, seja de teatro ou de bandas, está tudo mais facilitado e até podemos levar o nosso próprio equipamento, em Portugal já podemos carregar as coisas, que dantes era complicado, já podemos ter *presets* feitos.

Voltando atrás, tu começas nos princípios dos 90…
Merciless Death foi a minha primeira banda a sério. Não fui eu que a formei, mas entrei para o grupo, primeiro como guitarrista, depois também com a voz. Tivemos de dissolver a banda porque não havia tempo e era difícil reunir. Só para chegar ao ensaio, demorava três horas e meia de autocarro. Vivia na Margem Sul e a sala era perto de Santa Iria de Azóia. Eram vários autocarros para lá chegar. Era o que se fazia para ter alguma coisa. Não ia conseguir arranjar gajos na Quinta do Conde, onde éramos meia dúzia a gostar de metal e o único que sabia tocar era eu. Tinha de levar uma mochila com os pedais de distorção, mais a guitarra. Apanhava autocarro, barco, metro e outro autocarro. Ensaiava sábado e domingo. Hoje em dia fazes esse percurso em meia hora. A oportunidade surge através do Paulinho dos Ramp, que me diz isso numa noite no Bairro Alto. Foi um esforço enorme para manter os ensaios, mas valorizo imenso essa primeira banda.

Uma época em que era complicado lançar um disco, mas este tornava-se um acontecimento, por haver poucas edições. Recordo que o disco de Exiled é um dos primeiros do thrash português.
Sim, foi e nunca acreditei que íamos lançar um álbum, lançámos a maqueta e tivemos uma facilidade monetária que nos permitiu entrar em estúdio e gravar o álbum. Não fosse isso e nunca teríamos lançado o disco porque era extremamente caro e não tínhamos capital. Tudo o que gravámos até aí, era feito por mim no local de ensaio. Na altura fizemos o melhor que podíamos pois era pouquíssima a experiência em estúdio. Era tudo muito difícil, por exemplo, para desmarcar um ensaio hoje basta uma mensagem, enquanto na época era marcado de uma semana para a outra e era mau se alguém não aparecia e os outros ficassem ali à espera. Era uma enorme falta de respeito e levado muito a peito. Havia um enorme respeito pelos ensaios, pois era a única forma de evoluir e compor música.

Neste momento ainda participas de bandas como Ignite The Black Sun.
Esse é o meu projecto, mas estou também a tocar com os We Are The Damned, que estão em hiato e deveremos retomar no próximo ano, até já temos datas alinhavadas para 2018.

COMEÇOU TUDO PELA GUITARRA. DEPOIS TORNEI-ME MÚSICO, PRODUTOR, TÉCNICO DE SOM, MAS O INÍCIO FOI PELA GUITARRA.

Como é hoje, fazer festivais enquanto técnico, como são as condições? As pessoas devem pensar que todos são o Wacken.
E o Wacken já não é como era, nem como as pessoas pensam. Trabalhei lá muitos anos, nunca fui como fã, assistir ao festival. Todos os festivais que fui, foi sempre a trabalhar, claro que conciliei sempre isso com as bandas que lá queria ver e hoje já vi quase todas as bandas que queria. Antigamente a maior parte das datas era feita na carrinha, dormias lá, sem baixares os bancos, não havia hotéis porque o *budget* não dava para isso. A higiene era feita em casas de banho de supermercados ou cafés. Era um esforço e era um investimento na confiança das bandas com que íamos. Como em tudo na vida, há bandas que reconhecem isso e outras que não, outras têm os próprios problemas para resolver e não conseguem pegar no técnico outra vez. Tenho imensos amigos que dificilmente têm *budget* para voltar a pegar em mim como técnico de som. No início de carreira, ganhava por concerto, não havia um valor diário a receber, o dinheiro que ganhava nessas tournées mais pequenas, tinha de gerir para os dias em que estava sem concertos. Depois já eram digressões mais estruturadas, em que pagavam o voo até ao *tour bus*, a digressão era feita nele, já tinha beliches para dormir. Fica caro, e nem sempre sabes se os concertos vão pagar os custos do dia, por isso os primeiros *tourbus* eram muito maus, entrava água, chovia nos beliches, era um frio de rachar porque a maior parte do ar condicionado ou era muito frio ou tão quente que os lábios rebentavam com bolhas. O equipamento era o básico, *backline* e *kit* de bateria partilhado por todos, e a mesma rotina de montar, desmontar, poucas horas de sono. No fim tens de voltar a montar tudo nos sítios certos, porque tudo encaixa como um Lego, bebes um copo com o pessoal e metes-te à estrada para novo concerto. A vida em digressão é isso, um mundo à parte, como que vives numa pequena bolha em que o tempo pára durante algumas semanas. Dentro do autocarro é um pequeno *Big Brother*, com vinte e tal pessoas, coisas que se passam ali, alguns dramas. Já deves ter ouvido a expressão, "o que se passa na estrada, fica na estrada", e com tanta gente num espaço pequeno, é bom que exista um excelente *road manager*, para orientar aquilo. Ou então bandas muito experientes, que vão facilitar todo o processo, em que cada um sabe o que vai fazer, respeitar horários. Quando são inexperientes, é o inferno e aquilo descamba, horários não cumpridos, um músico que apanha uma bebedeira que nem lhe permite subir ao palco, coisas do género. No fim chegas a casa e percebes que há contas para pagar e tens de deixar tudo organizado antes de ires. A maior parte da malta que continua em *tours*, principalmente as maiores, que envolvem autocarros, já tem as coisas organizadas para poder regressar a casa e ter a vida resolvida.

Já que percorreste diversos festivais este ano, que balanço fazes? Há muitos como se diz?
Portugal é um país pequeno e com poder de compra limitado. Obviamente, toda a gente quer ir aos festivais todos, mas é incomportável irmos a todos como fãs. Há um ou outro em que o pessoal se junta no carro e lá vão para o norte e vice-versa, mas custos de transporte, carro principalmente, portagens cá é horrível. Lá fora vêem as coisas de uma forma diferente, excluindo Espanha que é muito parecida com Portugal, talvez mais protectores da cena deles. No resto da Europa, vivem a ida aos festivais, vês milhares de pessoas para a banda X ou Y, mas muitos deles, poucas bandas vêem. Estão na mesma no festival, a fazer churrascos, a ouvir música nos carros, montam as tendas quando não têm autocaravanas… estão mais numa de ir para o ajuntamento e conviver uns com os outros. Nós, cá, vamos para ver as bandas e vimos embora. Falo dos festivais de metal, claro. E depois há que equacionar muito bem, pois tens meses com três ou quatro festivais em que, cada um deles tem um nome que queres ir ver. É difícil pagar tudo.

E tens aquele lado em que dias depois do festival te anunciam que a banda vem tocar a uma sala perto de ti.
Mas isso não se pode prever. O custo de bandas em *tour*, para vir cá, é muito alto, porque têm de atravessar Espanha e o custo do *tourbus* é muito alto. Se vierem de avião, as passagens para Portugal, com custos de bagagem, tornam-se muito caras, além do hotel que tens pagar, pois precisam de um lugar para tomar banho, descansar. Todos esses custos são elevados para nós, agravado com o nível de vida cá. Falando por alto, uma *tour* que custe, por noite, €1.500, na Holanda ou França, em Portugal, custa pelo menos €2.500. Agora faz as contas ao número de pessoas que poderão assistir ao concerto num país desses e quantas o poderão fazer cá. Agora vê os custos associados, PAs, *catering*, pessoal local, sala, licenças. Não vejo viabilidade monetária para pagar essas datas. Festivais grandes necessitam de apoios, pois só com a venda de bilhetes, é quase impossível. Louvo a malta que organiza esses eventos.

OS PRIMEIROS *TOURBUS* ERAM MUITO MAUS, ENTRAVA ÁGUA, CHOVIA NOS BELICHES, ERA UM FRIO DE RACHAR...

OATHBREAKER
FOTOS: ESTEFÂNIA SILVA

MOONSPELL

BO NINGEM

REVERENCE SANTARÉM 2017

17.09.08-09 – Ribeira de Santarém

DIA 1

Desolador! Foi este o cenário à chegada à nova e tão badalada localização do festival Reverence que, após três memoráveis edições na pacata e acolhedora Valada, mudou-se de armas e bagagens para a Ribeira de Santarém, num espaço que prometia maior centralidade, melhores condições para artistas e festivaleiros, maior disponibilidade de transportes públicos e um incremento geral de qualidade, mas que falhou em toda a linha. O cenário que encontrámos foi praticamente o oposto do anunciado, agudizado pela confrangedora e preocupante escassez de público ao final da tarde de 6ª feira, a fazer temer o pior. E o pior não só viria a verificar-se, como, à medida que as horas passavam e as bandas se sucediam entre um inóspito palco Sabotage e um algo improvisado palco Tejo, viria a tomar proporções de uma desilusão imensurável e de alguma revolta por assistirmos na primeira pessoa a um penoso e pouco digno definhar do já celebrado espírito Reverence. Fazemos um esforço para nos abstrairmos do muito de menos bom que salta à vista em cada pormenor e procuramos o foco nos artistas e num alinhamento que, embora extenuante, prometia muita e boa música. Ainda sob um sol que ia alto, o competente doom pesadão dos portugueses **Cut** reuniu poucas dezenas de curiosos no palco Tejo, a mesma massa humana que ia realizando sucessivos movimentos pendulares por entre terra, buracos, pedras e raízes no sentido de assistir ao que subiria ao palco Sabotage logo de seguida. E o que se seguiu foi o rock dos italianos **The Gluts**, que mereciam outra posição no cartaz e naturalmente mais público, e o lado mais introspectivo de **Gossamers**. O rock em tons mais psicadélicos voltaria pela mão dos **Desert Mountain Tribe** e seguiria embalado na curiosa e envolvente palete sonora do guitarrista Pedro Pestana e do seu **Tren Go!Sound System**. O sol desaparecia e com ele chegava o vento e o frio que tornavam ainda mais inóspito o recinto. Também os problemas técnicos acamparam em Santarém e tornaram penosa uma maratona de concertos que se desejava de puro deleite. Os belgas **Oathbreaker** foram os primeiros grandes prejudicados pelas dificuldades em obter um som minimamente aceitável no palco Sabotage e os atrasos começariam aqui, até alcançarem quase duas horas face ao planeado ao final da madrugada. Os autores de «Rheia» cumpriram, mas não deslumbraram, perdendo-se a voz de Caro Tanghe numa amálgama sonora algo amorfa. Os descontraídos **Zarco** surgem encaixados entre dois dos nomes mais negros de todo o festival, não sendo por isso de estranhar que, ainda antes da sua actuação findar no palco Tejo, muitos já eram aqueles que se acumulavam

AMENRA

ESBEN AND THE WITCH
FOTOS: EMANUEL FERREIRA

MONO

em frente ao palco Sabotage para receber os icónicos **Amenra**. E eis que, finalmente, começa a valer a pena suportar todas as contrariedades e, sobretudo, a frustração que já se configurava em muitos rostos, ao sermos absorvidos na enorme massa sonora que é debitada em sintonia com projecções que conferem a todo o peso e intensidade da música dos belgas um efeito ritualístico que, embora pouco dado a demonstrações ao ar livre, caiu bem. Os portugueses **Wildnorthe** mantiveram a toada negra, embora numa envolvência diametralmente diferente, preparando terreno para os **Moonspell** tomarem conta do palco principal e aí celebrarem os clássicos «Wolfheart» e «Irreligious». Competência, profissionalismo e esforço em agarrar uma plateia muito aquém daquilo a que Fernando Ribeiro e seus pares estão habituados foram palavras de ordem nas quase duas horas de concerto, mas a previsibilidade do alinhamento, aliada ao facto de este não ser definitivamente o espaço e o público dos Moonspell, fez com que a sua actuação se arrastasse além do desejável, quebrasse ainda mais um ambiente que estava longe de ser festivaleiro e desse a sensação de que foram uma carta fora do baralho. Ainda em solo nacional, os portuenses **Névoa** marcaram presença no Reverence pelo segundo ano consecutivo, isto após o acidente ocorrido em palco o ano passado que os obrigou a encurtar o *set*. Desta vez tudo correu bem e seria ainda melhor se o som não resultasse tão embrulhado em alguns momentos. Ainda assim, excelente momento! Mas o momento do dia e, muito provavelmente, do festival, chegaria de seguida, já madrugada dentro e pelas mãos de uns inesperados **Bo Ningen**. A saudável loucura da banda japonesa fez esquecer o frio, o cansaço e a desilusão e agitou uma plateia que parecia derrotada com uma demonstração enérgica de rock esquizofrénico, perigoso e absolutamente contagiante. Neste contexto de um tardio despertar, os **Melancholic Youth Of Jesus** seriam dispensáveis, atrasando ainda mais a entrada em palco dos portugueses **Sinistro**. Pese embora a voz de Patrícia Andrade pouco se ouvir nos momentos iniciais, a força e a envolvência das canções dos autores de «Semente» justifica a aclamação que recebem além-fronteiras, ganhando ainda mais intensidade na expressividade que a vocalista entrega aos temas. Já passava das 5h00, o corpo cedia ao cansaço e havia artistas por subir ao palco. O sol deveria raiar ao som dos **10.000 Russos**. Mereciam mais!

DIA 2

Novo dia, energias parcialmente repostas, esperanças renovadas, mas expectativas em baixa. Foi neste espírito que cruzámos a tosca entrada no recinto, no qual os **The Underground Youth** começavam a apresentar o seu post punk fortemente influenciado na cena britânica dos anos 80 e que caiu bem neste final de tarde, pese embora um final de concerto deveras abrupto que deixaria a banda pouco satisfeita. Entrávamos na fase mais psicadélica do cartaz ao som dos **Asimov & The Hidden Circus**, adensando-se com a competência e classe da dose dupla sueca iniciada com **Siena Root** e rematada com os lendários **Träd, Gräs & Stenar**. Do psicadelismo passaríamos para uma boa dose de loucura ao som dos portugueses **Cows Caos**, que animariam as hostes para receber a pujante atuação dos britânicos **Gang Of Four**, nome marcante do post punk britânico e um dos que mais curiosidade suscitava no cartaz do Reverence, pese embora apenas o guitarrista Andy Gill resistir da formação original. Ainda assim, rodeado de excelentes músicos, assinaram um dos melhores momentos do festival. E o que dizer da energia e saudável loucura com que os portugueses **Pás De Problème** contagiaram o público? Coube-lhes a proeza de colocarem a plateia a mexer à séria, de levantar a primeira nuvem de pó, além das muitas que o impiedoso vento já havia levantado, e fazerem parecer fácil e desconcertante uma forma muito "kusturicana" de se expressarem através da música e das palavras. Já madrugada, com o planeamento de horários há muito descarrilado, os japoneses **Mono** tomaram conta do palco e, ao longo de pouco mais de uma hora, irradiaram uma aura ao alcance da genialidade de poucos, encantando e convidando à viagem um público visivelmente extenuado, mas com um intenso brilho no olhar perante a beleza e a emoção que lhes aquecia a alma e fazia esquecer as dores do corpo. Perante esta viagem, muitos foram os que já não embarcaram noutras de pendor mais psicadélico à boleia dos **Is Bliss** e dos **Hills**, chegando poucos resistentes à presença dos portugueses **Löbo**. Mais problemas técnicos, mais atrasos e a banda de Setúbal lá arrancou para 30 intensos minutos que mereciam mais público, menos horas e mais respeito. Por falar em respeito – ou da falta dele – o que dizer dos britânicos **Esben And The Witch** subirem ao palco já bem perto das 5h00, perante escassas dezenas de resistentes, um recinto desolador e um cenário decadente? Qual a ideia de colocar uma banda que encabeça digressões em nome próprio a tocar àquela hora, naquelas condições? Ainda assim, o profissionalismo manteve-se, embora o cansaço fosse bem visível numa Rachel Davies que agradeceu a presença das poucas almas que se predispuseram a envolver-se no rock negro, pesado e de uma beleza fantasmagórica dos autores de «Older Terrors». Os artistas mereciam mais. O público merecia mais. O legado Reverence merecia mais. Valada deixou saudades. Este Reverence não deixará. Esperemos que o outro que outrora conhecemos possa voltar. Precisamos desse Reverence! [**R.A.**]

CHAOSPHERE FEST

17.09.02 – RCA Club, Lisboa

Foi uma noite quente em Lisboa que recebeu do melhor que se vai fazendo em Portugal no metal mais extremo. Uma noite, no entanto, que merecia mais público… muito mais público do que aquele que se deslocou ao RCA. A abrir a noite os **Systemik Viølence**, que, como sabemos, se definem literalmente como "satanarkist metal punk raw noise pollution". Ao fim dos primeiros minutos, todos ficaram a perceber o que é que isso significa verdadeiramente, e também levaram com algum cuspo que, segundo o vocalista Iggy Musäshi, "faz parte da cena". Percebeu-se que era de facto complicado alguém chegar-se demasiado perto do palco, apesar de o vocalista ter afirmado que não era terreno perigoso… certo! De regresso aos palcos, os **Scum Liquor** fizeram mexer mais público, pelo menos um trio mais entusiasmado e ainda um fã que resolveu subir ao palco e fazer um *stagedive* que tinha tudo para correr mal, mas lá se safou. Seguiram-se os **Disaffected** e o padrão técnico subiu substancialmente, com destaque para o som poderoso do baixo de António Gião. Com formação renovada, a banda já apresentou temas do próximo trabalho de estúdio de onde se destaca «Pi Alpha Centurion». O guitarrista Bruno Vicente esteve ao nível daquilo que esperamos da banda que terminou a actuação com o clássico «Vast – The Long Tomorrow». Os **Decayed** deram-nos tudo o que podemos esperar deles com o seu black metal puro e duro. Temas como «Son Of Satan», logo a abrir e ainda «Martelo Do Inferno» destacaram-se num noite que começava a ficar longa. A terminar, os **Holocausto Canibal**, que se apresentaram em formato *power trio*. Quem nunca os tinha ao visto de outra forma, não deu muito por falta dos outros membros. A brutalidade a que nos habituaram estava lá, e também algum humor aquando da apresentação do tema «Septicemia Vaginal», quando revelaram que os "Zés" (o baixista dos Holocausto Canibal e o Zé dos Decayed) tinham em comum o gosto pelas sobrancelhas da Michelle Pfeiffer. Para o fim ficou a versão de «Zombie Apocalypse» dos Mortician e ainda a clássica «Violada Pela Moto-Serra». [J.B.]

DISAFFECTED
FOTOS: PEDRO ROQUE

DECAYED

BEFORE IT WAS AUTUMN AND FALL,
IT WAS HARVEST!

SYSTEMIK VIOLENCE
"SATANARKIST ATTACK"

CHAOSV028

LTD. EDT. 12" VINYL
200 BLACK VINYL + 100 YELLOW VINYL

MIDNIGHT PRIEST
"RAINHA DA MAGIA NEGRA"

CHAOSV022

LTD. EDT. 12" VINYL
500 COPIES

DISAFFECTED
"THE TRINITY THRESHOLD"

CHAOSCP027

LTD. EDT. CD
500 COPIES

A TREE OF SIGNS
"INITIATION OF LIGHT"

CHAOSCP026

LTD. EDT. CD
500 COPIES

COMING SOON:
FILII NIGRANTIUM INFERNALIUM "INMUNDITIA ODII PLENA" (KULTLP005)
150 COPIES (DIE HARD EDITION) - 12" SPLATTER VINYL GATEFOLD DELUXE EDITION WITH 12" BOOKLET + POSTER PLUS LIVE TAPE
350 COPIES (REGULAR EDITION) - 12" BLACK VINYL GATEFOLD DELUXE EDITION WITH 12" BOOKLET + POSTER

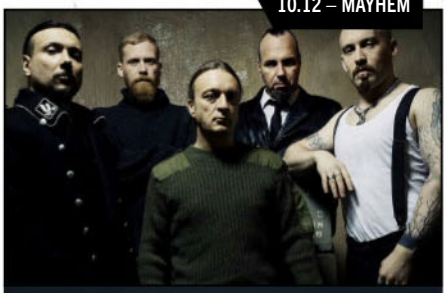
Glam-O-Rama ROCK SHOP

RUA VIRIATO Nº 12, 1050 - 235 LISBOA, PORTUGAL
WWW.GLAM-O-RAMA.NET . GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM

CHAOSPHERE RECORDINGS

AGENDA

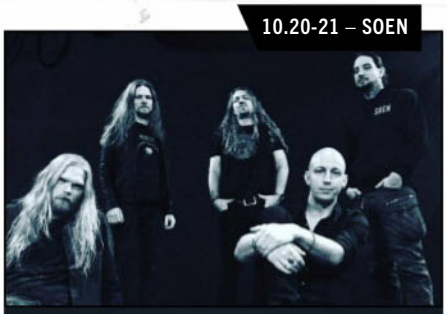
POWERED BY WONDERWORKER DENIM LABORATORY — RESEARCH & DEVELOPMENT —



10.12 – MAYHEM

OUTUBRO

04 – **Process Of Guilt** / **Thyrant** [Esp] – Music Box, Lisboa
06 – **Switchtense** / **WAKO** / **Albert Fish** / **Terror Empire** / **Artigo 21** / **M.E.D.O.** – A.R.C.M., Faro ***Faro Alternativo 7***
06 – **Mata-Ratos** / **For The Glory** / **Primal Attack** / **Shivers** / **New Mecanica** – Espaco Contrafacção, Pinhal Novo ***Festival Bardoada e Ajcoi***
06 – **Process Of Guilt** / **Fere** – Cave 45, Porto
07 – **Holocausto Canibal** / **Hills Have Eyes** / **Grog** / **The Temple** / **Terror Empire** / **Legacy Of Cynthia** / **Steal Your Crown** / **Viralata** / **Fita-Cola** / **Ash Is A Robot** / **To All My Friends** / **Nameless Theory** – Espaco Contrafacção, Pinhal Novo ***Festival Bardoada e Ajcoi***
07 – **Mata-Ratos** / **For the Glory** / **Minority Of One** / **Broken Distance** / **Challenge** / **Somber Rites** – A.R.C.M., Faro ***Faro Alternativo 7***
07 – **Hyubris** / **Serrabulho** / **Cryptor Morbius Family** / **Congruity** / **Earth Drive** / **Mournkin** – São Miguel do Rio Torto, Abrantes ***Música na Aldeia***
07 – **Process Of Guilt** / **Redemptus** / **Gaerea** / **Fere** / **Windbreak** – Estudantino Bar, Viseu ***OMG Fest***
08 – **Swans** [E.U.A.] / **Baby Dee** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
09 – **Swans** [E.U.A.] / **Baby Dee** [E.U.A.] – Lisboa ao Vivo, Lisboa
12 – **Mayhem** [Nor] / **Dragged Into Sunlight** [Ing] / **The Ominous Circle** – Lisboa Ao Vivo
12 – **Brant Bjork** [E.U.A.] / **Sean Wheeler** [E.U.A.] – Cave 45, Porto
12 – **Blood Incantation** [E.U.A.] / **Spectral Voice** [E.U.A.] – Metalpoint, Porto
13 – **Brant Bjork** [E.U.A.] / **Sean Wheeler** [E.U.A.] – RCA Club, Lisboa
13 – **Skyforger** [Let] / **Salduie** – Cave 45, Porto
13 – **Blood Incantation** [E.U.A.] / **Spectral Voice** [E.U.A.] – Another Place, Almada
13 – **Legacy Of Cynthia** – Viso 13, Fontes, Santa Marta de Penaguião
14 – **Skyforger** [Let] / **Air Raid** [Sue] / **Gwydion** / **Evil Killer** [Esp] / **Salduie** [Esp] – RCA Club, Lisboa
15 – **Air Raid** [Sue] / **Evil Killer** [Esp] / **Lyzzärd** / **Soul Doubt** – Metalpoint, Porto
17 – **Papa Roach** [E.U.A.] / (...) – Coliseu dos Recreios, Lisboa
20 – **Soen** [Sue] / **Madder Mortem** [Nor] / **Heavenwood** – Hard Club, Porto
20 – **Our Last Night** [E.U.A.] / **Blessthefal** [E.U.A.] / **The Color Morale** [E.U.A.] / **Your Life & Mine** [Ing] – RCA Club, Lisboa
21 – **Soen** [Sue] / **Madder Mortem** [Nor] – RCA Club, Lisboa
21 – **Our Last Night** [E.U.A.] / **Blessthefal** [E.U.A.] / **The Color Morale** [E.U.A.] / **Your Life & Mine** [Ing] – Hard Club, Porto
25 – **Black Bombaim** – Music Box, Lisboa
26 – **Harem Scarem** [Can] / **Yellow Dog Conspiracy** – Paradise Garage, Lisboa



10.20-21 – SOEN

27 – **For The Glory** / **Destroyers Of All** – DRAC, Figueira da Foz
28 – **Unleashed** [Sue] / **Unfleshed** / **Cape Torment** – Hard Club, Porto ***Deathmania Portugal***
28 – **For The Glory** – Cave Avenida, Viana do Castelo
29 – **Alter Bridge** [E.U.A.] – Coliseu dos Recreios, Lisboa
30 – **Moonspell** – Lisboa ao Vivo, Lisboa ***Apresentação «1755»***
31 – **Moonspell** – Lisboa ao Vivo, Lisboa ***Apresentação «1755»***

NOVEMBRO

01 – **Moonspell** – Hard Club, Porto ***Apresentação «1755»***
02 – **Omnium Gatherum** [Fin] / **Skálmold** [Isl] / **Stamina** [Fin] – Hard Club, Porto
03 – **Omnium Gatherum** [Fin] / **Skálmold** [Isl] / **Stamina** [Fin] – RCA Club, Lisboa
04 – **Sacred Sin** / **Arcanus** [Ale] / **Raw Decimating Brutality** / **Enzephalitis** [Fra] / **Bleeding Display** / **Revolution Within** / **Lapidated** [Esp] / **Dead Meat** / **Steal Your Crown** / **Humanart** / **Ravensire** / **Trepid Elucidation** / **Konad** / **Yar** – Pavilhão Multiusos, Malveira ***Oeste Underground Fest II***
04 – **Low Torque** / **Deserto** / **Drivingwest** / **Lonthra** – RCA Club, Lisboa
04 – **Heavenwood** / (...) – Ass. Música Velha, Pernes, Santarém ***XIV Rock da Velha***
05 – **Stray From The Path** [E.U.A.] / **Capsize** / **We Ride** – RCA Club, Lisboa
10 – **Cro-Mags** [E.U.A.] / **Dimension** / **Ground & Pound** – RCA Club, Lisboa
11 – **Master** [E.U.A.] / **Omission** [Esp] / **Dehuman** [Bel] / **Scum Liquor** / **Booze Abuser** – RCA Club, Lisboa
11 – **Miss Lava** / **Füzz** / **Desert Mammoth** / **Iguana** – Cine Incrível, Almada ***Sunburst Stoner Fest***
12 – **Dying Fetus** [E.U.A.] / **Psycroptic** [Aus] / **Beyond Creation** [Can] / **Disentomb** [Aus] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
12 – **Master** [E.U.A.] / **Dehuman** [Bel] / **Pestifer** / (...) – Porto ***Porto Deathfest 2017***
14 – **Death Before Dishonor** [E.U.A.] / **Last Hope** / **Challenge** – Popular Alvalade, Lisboa
17 – **Sinistro** / **Redemptus** / **Greengo** – Hard Club, Porto
18 – **Mata-Ratos** / **Grankapo** / **Prayers Of Sanity** / **Mindtaker** / **Disthrone** / **Legacy Of Cynthia** / **Cryptor Morbius Family** / **Shredded To Pieces** / **M.E.D.O.** – A.C.S. Mimosa, Alvalade, Santiago do Cacém ***Alvalade Arise 2017***
18 – **Freedom Call** [Ale] / **Mindfeeder** / **Leather Synn** – RCA Club, Lisboa
18 – **Low Torque** / **The Ramble Riders** / **Daniel's Dead Bird** / **Red Line** – Metalpoint, Porto
18 – **Sinistro** / **Pigball** / **Lâmina** – Nirvana Studios, Barcarena
18 – **The Ominous Circle** / **Névoa** / (...) – Cave 45, Porto ***Apostles Of The Eternal Fire II***
21 – **Epica** [Hol] / **Vuur** [Hol] / **Myrath** [Tun] – Sala Tejo, Parque das Nações, Lisboa
22 – **Epica** [Hol] / **Vuur** [Hol] / **Myrath** [Tun] – Hard Club, Porto
25 – **Graveyard** [Sue] – Lisboa Ao Vivo, Lisboa

10.29 – ALTER BRIDGE

27 – **The Atomic Bitchwax** [E.U.A.] – RCA Club, Lisboa
28 – **The Atomic Bitchwax** [E.U.A.] – Cave 45, Porto
30 – **Tarantula** / **Grunt** / **Sonneillon BM** / **Nihility** – Cave 45, Porto ***Porto Metal Convention***
30 – **Earth Electric** / **Painted Black** / **When Nothing Remains** [Sue] / **Mourning Sun** [Chi] – RCA Club, Lisboa ***Under The Doom V (dia 0)***

DEZEMBRO

01 – **Lacuna Coil** [Ita] / **Liv Kristine** [Nor] / **Green Carnation** [Nor] / **The Foreshadowing** [Ita] / **Cellar Darling** [Sui] / **Inhuman** – Lisboa Ao Vivo, Lisboa ***Under The Doom V***
02 – **In The Woods...** [Nor] / **Novembers Doom** [E.U.A.] / **Ahab** [Ale] / **Acherontas** [Gre/Ale] / **Gold** [Hol] / **Funeralium** [Fra] – RCA Club, Lisboa ***Under The Doom V***
02 – **Marthyrium** [Esp] / **Irae** / **Infernus** / **Mons Veneris** / **Ordem Satânica** / **Degredo** / **Trono Além Morte** – Metalpoint, Porto ***Invicta Requiem Mass III***
02 – **Grunt** / (...) – Stairway Club, Cascais
07 – **VNV Nation** [Ale] / (...) – Hard Club, Porto
09 – **Bizarra Locomotiva** – RCA Club, Lisboa ***Álbum Negro***
09 – **Sacred Sin** / **Secret Chord** – DRAC, Figueira da Foz
10 – **Napalm Death** [Ing] / **Deathrite** / **Besta** – Hard Club, Porto
11 – **Napalm Death** [Ing] / **Deathrite** / **Besta** – RCA Club, Lisboa
16 – **Besta** / **Pigball** – Bar "os Penicheiros", Barreiro
30 – **Heavenwood** / **Attick Demons** / **Inner Blast** / **Toxikull** / **Venice Cathouse** / **Leatherplain** / **Zurrapa** – Pindelo dos Milagres, São Pedro do Sul ***Milagre Metaleiro***

JANEIRO 2018

06 – **Acid Reign** [Ing] / **Tokyo Blade** [Ing] / **Picture** [Hol] / **God Macabre** [Sue] / **Solstice** [Ing] / **Panychida** [R.C.] / **Holocausto Canibal** / **Revolution Within** / **Bleeding Display** / **Mr. Miyagi** / **AntiVoid** / **Rotten Rights** – Centro Cultural Santo André, Mangualde ***24º Mangualde Hard Metal Fest***
13 – **Bizarra Locomotiva** – Hard Club, Porto ***Álbum Negro***
19/20 – **Katalepsy** [Rus] / **Extermination Dismembrement** [Bie] / **Gutalax** [R.C.] / **Grog** / **Analepsy** / **Korpse** [Hol] / **Omnipotent Hysteria** [Ing] / **Serrabulho** / **Bleeding Display** / **Guineapig** [Ita] / **Ho-Chi Minh** / **Kalyuga** [Fra/Tun] / **Besta** / **Dead Meat** / **Embrace Your Punishment** [Fra] / **The Voynich Code** / **Trepid Elucidation** / **Shoryuken** / (...) – RCA Club, Lisboa ***XXXapada na Tromba – Freak N' Grind Fest 2018***

FEVEREIRO

01 – **Metallica** [E.U.A.] / **Kvelertak** [Nor] – MEO Arena, Lisboa
18 – **The Haunted** [Sue] / **Norunda** / **The Descent** [Esp] – RCA Club, Lisboa
21 – **Therion** [Sue] / **Imperial Age** [Rus] / **Null Positiv** [Ale] – Hard Club, Porto
22 – **Therion** [Sue] / **Imperial Age** [Rus] / **Null Positiv** [Ale] – Lisboa Ao Vivo

LOUD! #200 11.2017
MOONSPELL • CANNIBAL CORPSE
DESTRUCTION • FLEURETY • ELECTRIC WIZARD
ALL PIGS MUST DIE • FOR THE GLORY • BELPHEGOR • ROSETTA

WONDERWORKER
DENIM LABORATORY
NO CHECKOUT, USA O CÓDIGO
BOLDNESS
PARA OBTERES 30% DESCONTO
EM TODAS AS ENCOMENDAS DE PORTUGAL
INCLUINDO REGIÕES AUTÓNOMAS!
WONDERWORKERDENIMLAB.COM

THE ULTIMATE LIVE EXPERIENCE.
BLUES PILLS for the first time on BLU-RAY / DVD!
Recorded in Paris at Le Trianon, October 2016.

BLUES PILLS

LADY IN GOLD - LIVE IN PARIS

BLU-RAY+2CD-DIGIBOOK | DVD+2CD-DIGIBOOK | DOWNLOAD
2PIC-LP IN GATEFOLD | 2LP IN GATEFOLD
IN STORES **03.11.**

THEN COMES SILENCE BLOOD

"Just listening to it now, and loving it!
Reminds me of post punk bands like **THE MISSION, GENERATION X, NEW MODEL ARMY, CHRISTIAN DEATH** mixed with the last **IN SOLITUDE** album. Ace!"
Dani Filth | CRADLE OF FILTH

CD-DIGIBOOK (INCL. 3 BONUS TRACKS) | CD
LP IN GATEFOLD (INCL. BONUS TRACK) | DOWNLOAD
IN STORES **20.10.**
DIGITAL SINGLES "THE DEAD CRY FOR NO ONE" AND "STRANGE KICKS" AVAILABLE

"Sex and death uber alles:
Englands necromancers deliver a sensually jinxed record!"
METAL HAMMER (GER)

CRADLE OF FILTH

CRYPTORIANA
THE SEDUCTIVENESS OF DECAY

CD-DIGIPAK | CD | 2LP IN GATEFOLD | DOWNLOAD

IN STORES NOW

DIGITAL SINGLES "HEARTBREAK AND SEANCE" AND "YOU WILL KNOW THE LION BY HIS CLAW" AVAILABLE

CHECK OUT!
OUR NEW NUCLEAR BLAST MAGAZINE
More than 30000 CDs, Vinyl, T-Shirts, Longsleeves, Poster, DVDs... order free at:
Nuclear Blast - Oeschstrasse 40 - D-73072 Donzdorf - Germany
Tel. +49 (0) 7162-926026 - Fax +49 (0) 7162-24554 - email: mailorder@nuclearblast.de

compact records

ONLINE SHOP, BAND INFOS AND MORE:
WWW.NUCLEARBLAST.DE
WWW.FACEBOOK.COM/NUCLEARBLASTEUROPE

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST MOBILE APP FOR FREE ON IPHONE, IPOD TOUCH + ANDROID!
Get the NUCLEAR BLAST mobile app NOW at **http://road.ie/nuclearblast FOR FREE** or scan this QR code with your smartphone reader!